

UM ESTUDO TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

ANEXO DE TEXTOS E ORDENAÇÕES DE SITUAÇÕES EM TEXTOS NARRATIVOS

LUIZ CARLOS TRAVAGLIA

Tese apresentada ao Departamento de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Doutor em Linguística.

CAMPINAS - 1991

ÍNDICE 1

NOTA INTRODUTÓRIA	3
2 - CONVENÇÕES	3
2.1 - Convenções usadas nos textos	3
2.2 - Convenções usadas nas ordenações referenciais de situações na narração	3
3 – TEXTOS.....	8
3.1 - Argumentação (nº. 01 a 03).....	9
3.2 - Descrição dinâmica passada (nº.04 a 09)	13
3.3 - Descrição dinâmica presente (nº.10 a 14)	15
3.4 - Descrição estática passada (nº. 15 a 23)	18
3.5 - Descrição estática presente (nº.24 a 33)	26
3.6 - Outras descrições (nº.34 e 35)	36
3.7 - Dissertação (nº.36 a 45)	37
3.8 - Injunção (nº.46 a 55)	46
3.9 - Narração passada (nº.56 a 63)	54
3.10 - Narração presente (nº.64 a 67)	76
3.11 - Outras narrações (nº.68 a 76)	87
3.12 - Predição (nº. 77 a 87)	107
3.13 - Outros textos (nº.88 a 91)	116
4 - ORDENAÇÃO REFERENCIAL DE SITUAÇÕES DE TEXTOS NARRATIVOS DE NARRAÇÕES PASSADAS	
4.1 - Candidatura sempre teve dificuldade (texto nº.56)	55
4.2 - Inquérito nº.3 (trecho) (BERLINCK - 1987) (texto nº.59).....	65
4.3 - Morre Shockley, pai do transistor (texto nº.60)	70
4.4 - Passeio Noturno (texto nº.61).....	74
4.5 - O arquivo (texto nº.68).....	89
4.6 - Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul (texto nº.74)	98
4.7 - Sequestradores fogem para o Paraná e são cercados. (texto nº. 75)	102
- DE NARRAÇÕES PRESENTES:	

4.8 - A farsa e os farsantes. (texto nº.64)	78
4.9 - O médico e o monstro. (texto nº.65)	81
4.10 - Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados/Oito reféns em 12 dias de ação. (texto nº. 66)	83
4.11 - A última crônica (texto nº.67)	86

1 - NOTA INTRODUTÓRIA

Este anexo contém:

a) 91 (noventa e um) textos citados na tese e que constituem, de certa forma, o corpus básico da pesquisa, embora não contenha todos os textos analisados;

b) a ordenação referencial das situações de 11(onze) textos narrativos tipo história.

Os textos estão agrupados em blocos, que têm a ver com tipos e subtipos e com o objetivo por que foram citados, facilitando, assim, sua consulta em função dos tópicos abordados. Em cada bloco os textos estão em ordem alfabética sem levar em conta o artigo presente no título. Para facilidade de referência os textos estão numerados de 01 a 91.

As ordenações de situações de textos narrativos aparecem junto do texto a que se referem.

2 - CONVENCÕES

2.1 - CONVENCÕES USADAS NOS TEXTOS

- Nos textos, que foram usados no estudo das continuidades (V. capítulo 6), sublinhamos os verbos considerados. Os demais pertencem a trechos de outros tipos e subtipos que não o enfocado em cada texto.

- Nas narrativas os colchetes [] delimitam trechos dissertativos, descritivos e de discurso direto, indireto ou in direto livre.

2.2 - CONVENCÕES USADAS NAS ORDENAÇÕES REFERENCIAIS DE SITUAÇÕES NA NARRAÇÃO

△ verbo gramatical

[] verbo ou outro tipo de termo elíptico, inferível.

A → B a situação A é seguida pela situação B na ordem referencial.

A ↗ B a situação A leva à situação B por diversas razões: a) A é verbo dicendi, B é fala; b) B é ligada sintaticamente a A, como complemento, sujeito, etc.; c) B é conseqüência, fim etc. de A.

○ verbo dicendi

↕ situações simultâneas.

1 - primeira situação da seqüência a ou da seqüência A.

- Quando as situações são simultâneas têm os mesmos números e letras. Se uma situação é simultânea a mais de uma isto é indicado com os algarismos e letras assim:

I.11 a I.18	I.10 a I.12.b
falar	esquecendo

No anexo, apresentamos a ordenação referencial de dois modos:

a) no primeiro, as situações aparecem na ordem textual com a ordem referencial indicada pelos algarismos e letras sobre os verbos e/ou nomes que expressam as situações;

b) no segundo, as situações são apresentadas na ordem referencial que continua sendo indicada pelos algarismos e letras. As situações simultâneas são apresentadas sobrepostas, Os trechos identificados em a por , aqui não são colocados, exceto na ordenação das situações do texto nº.67 (A última crônica), em que apresentamos a ordenação do segundo modo com tais trechos marcados por .

Para alguns textos apresentamos só o primeiro modo de dar a ordenação referencial, para outros só o segundo e para outros os dois modos (V. relação abaixo), conforme a necessidade de evidenciar certos mecanismos:

a) primeiro modo: Passeio noturno (texto nº.61), A farsa e os farsantes (texto nº.64), O médico e o monstro (texto nº.65) e O arquivo (texto nº.68) ;

b) segundo modo: Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados/Oito reféns em 12 dias de ação (texto nº.66); A última crônica (texto nº.67).

c) os dois modos: Candidatura sempre teve dificuldades (texto nº.56); BERLINCK (1987) - Inquérito 3: trecho da p. 20 linha 573 até à p.24 linha 709 (texto nº.59); Morre Shockley, pai do transistor (texto nº.60); Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul (texto nº.74); Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados (texto nº.75).

3 E 4 - TEXTOS E ORDENACÕES

3.1 - ARGUMENTAÇÃO

Texto nº. 01

Tipo: Argumentativo, usando injunção, narração e dissertação, com passagens hipotéticas

BOLA NA MARCA

Roberto DRUMMOND

Rasguem o peito.

Tirem lá de dentro o coração.

Guardem o coração em local seguro e, assim, usando apenas a razão, vamos conversar um pouco sobre o que aconteceu no Estádio Centenário, a partir do momento em que o goleiro Taffarel cometeu um inocente e lamentável sobrepasso e, mostrando uma ingenuidade inacreditável, entregou a bola a Aravena, entregou nas mãos, para que ele cobrasse a falta e Basay empatasse para o Chile.

Eu pergunto:

- O que estaríamos dizendo agora do goleiro chileno Rojas, se fosse ele (e não Taffarel) quem entregasse a bola nas mãos, digamos, do brasileiro Bebeto?.

Estaríamos rindo de Rojas e dizendo que sua atitude foi imperdoável, ainda que, como brasileiros, estivéssemos todos em festa e gratos pelo presente que nos deu.

Estaríamos dizendo ainda que Rojas não tem a maturidade exigida a um goleiro de seleção.

Estaríamos gritando aos quatro ventos que, com o seu gesto infantil, Rojas poderia ser candidato a santo, mas nunca, jamais ao lugar de goleiro, de seleção, que exige grande malícia.

O que mais diríamos?

Ah, diríamos que Rojas foi o grande responsável pelo gol que Mazinho, por exemplo, marcou ao receber a bola após a cobrança de seu sobrepasso feita a nosso favor por Bebeto.

É isso que estaríamos dizendo.

E se fosse Bebeto (e não Aravena) que tivesse recebido a bola das mãos de Rojas (e não de Taffarel) e após tentar de um lado, deu um toque do outro lado (onde não havia nenhum chileno) para Mazinho empatar para o Brasil?

Diríamos que Bebeto é o símbolo da malícia nacional.

Que Bebeto é a bandeira da esperteza nacional.

A esta hora, certamente que Bebeto estaria sendo festejado como um herói, mais esperto, até do que Macunaíma.

E todas as redes de televisão estariam exibindo de hora em hora o tape do lance, aos gritos de Brasil! Brasil!, e hinos tocando como fundo.

Todas as rádios estariam rememorando o grande e inesquecível lance em que Bebeto, após receber a bola das mãos infantis de Rojas bateu a falta para Mazinho empatar.

Ah, e quanto ao juiz colombiano Jesus Diaz Palacios, o que estaríamos dizendo a esta hora, se o lance nos beneficiasse?

Certamente encontraríamos uma maneira de louvar a interpretação de Jesus Diaz Palacios, uma interpretação evidentemente nova e revolucionária, diríamos, mas segundo as leis aceitas como um dogma pela FIFA, estejam certos de que era isso que estaríamos fazendo.

Mas a história foi diferente.

Para seguir argumentando, sempre com a razão, e não com o coração, vamos admitir que o Sr. Jesus Diaz Palacios tenha mesmo cometido um erro clamoroso.

Mais ainda: vamos admitir que o Sr. Palacios tenha roubado contra o Brasil.

Que só um nome sirva para definir o Sr. Palacios: um rato.

Nada mais do que um rato.

Ainda assim, no entanto, nada justifica a ingenuidade de Taffarel entregando a bola a Aravena.

Ele poderia cair abraçado com a bola. Poderia correr com a bola nas mãos. Poderia (e até devia) chutá-la para longe, fazendo-se de desentendido e até correndo o risco de um cartão vermelho, se fosse o caso. Mas, de forma alguma, Taffarel poderia ter entregado a bola nas mãos de Aravena.

Ah, e os outros jogadores brasileiros?

Por que deixaram Aravena cobrar a falta?

Por que não apareceram para impedir que Aravena rolasse a bola para Bazay?

Sei que daqui a cem anos ainda estaremos discutindo o lance e culpando o Sr. Palacios, mas, hoje, é preciso censurar o goleiro Taffarel (pelo sobre-passo e pela bola entregue a Aravena) e censurar ainda os jogadores brasileiros pela inocência geral. Nossa ingenuidade foi punida. Cadê a esperteza brasileira? Boi bebeu.

Texto nº 02

Tipo: Argumentativo, usando dissertação e pequenas passagens narrativas.

A DIMENSÃO DO BRASIL

Miguel Reale

O grande jurista Tullio Ascarelli, exilado em São Paulo, como professor visitante da USP, além de ter contribuído para a modernização de nossos estudos comerciais e tributários, deixou-nos um pequeno e precioso livro intitulado “Retrato do Brasil”. Nessa obra, Ascarelli examina vários aspectos de nossa cultura e nossa gente, salientando que uma das notas distintivas da alma brasileira é a do “hipercriticismo” em relação às próprias coisas. Teria, assim, havido uma alteração de 180 graus a partir do “eufanismo” do princípio do século, que por sinal dava mais ênfase aos valores da natureza do que aos méritos dos homens.

Ora, essa tendência a uma exagerada autocrítica tem descambado, nos últimos tempos, não sem razão, para um estado de espírito que qualifiquei de “sinistrose”, palavra que me pareceu correspondente à triste época que estamos vivendo, às voltas com uma crise ao mesmo tempo moral, política, econômica e financeira. Desse modo, se antes atribuíamos a fatores externos a raiz de todos os males, passamos a uma atitude de masoquismo que nos tem feito perder o senso de equilíbrio.

Longe de mim a idéia de excluir nossa principal responsabilidade por essa aziaga trajetória, mas é tempo de reconhecer certos fatos e situar-nos com mais objetividade no contexto das relações internacionais, neste momento em que a nação brasileira está na berlinda, alvo de ataques proferidos por chefes de Estado, banqueiros ou ecologistas, todos empenhados em apontar-nos como desmerecedores de qualquer crédito.

Impõe-se-nos, pois, o dever de fazermos valer o balanço de nossa situação real, sem reduzir, de um lado, a carga de nossos desacertos, que um governo irresponsável agravou com sucessivos escândalos, mas também sem olvidarmos a dimensão que, apesar dos pesares, passamos a ocupar no concerto geral das nações, e não apenas no cenário latino-americano. Essa mais serena tomada de consciência de nós mesmos vai auxiliar-nos a compreender certas críticas contundentes e desabonadoras desfechadas por norte-americanos e europeus.

O problema deve, antes de mais nada, ser posto em termos de geopolítica, ou, por melhor dizer, em função das perspectivas de nosso desenvolvimento, não obstante o peso sufocante das dívidas externa e interna, está bem mais preocupante do que aquela, como o têm reconhecido nossos economistas menos alarmistas.

Ora, o dado inicial, do qual devemos partir, é o reconhecimento de que, queira-se ou não, nos tornamos a 8ª economia industrial do mundo, ocupando também posição de vanguarda na produção de grãos, com a soja ameaçando os interesses norte-americanos. Compreende-se, pois, mas não se justifica, a estranha atitude do presidente George Bush desaconselhando os japoneses a financiarem a construção de uma rodovia destinada a ligar o Acre ao Peru, facilitando o escoamento de soja ou de milho para os mercados asiáticos... É claro que não houve a lealdade de declarar o real motivo dessa oposição, preferindo-se colocar a questão em termos de proteção à floresta amazônica...

Há dias, em nota bem fundamentada, um colunista de “O Estado de São Paulo” demonstrava quais são as razões pelas quais o governo norte-americano teima em ignorar a existência do Brasil, sexto produtor mundial de aço, ao prorrogar, sem qualquer aumento, por mais dois anos, “os chamados acordos de restrição voluntária (“voluntary restraint agreement”) para as cotas de importação de aço, assinados em 1984”.

É significativo que, ao serem trancadas essas e outras possibilidades de acesso aos mercados da grande república do norte, com total olvido de tão apregoadado liberalismo econômico, se perceba a rigidez no tratamento de nossa dívida externa, por mais que tenham sido desastrosas as diretrizes da política econômica seguida pelo atual governo, tão imprecisa quanto mal aplicada.

Não tenho ilusões quanto ao risco que a economia brasileira possa representar, no momento, para os interesses internacionais em jogo, mas problemas dessa natureza devem ser postos e examinados segundo parâmetros de longo alcance, os quais talvez nos auxiliem a compreender melhor as medidas de cerco protecionista que têm atingido diversos setores de nossa produção.

Há casos em que um mal disfarçado “colonialismo”, ainda persiste em certas potências européias, explica a prevenção contra nossa presença cada vez mais significativa no plano agrícola e industrial, fato este que demonstra haver, na sociedade brasileira, potenciais de desenvolvimento que nem sequer os erros políticos de Brasília, com seus malogrados “planos econômico”, conseguem obstacular.

Dentro de um quadro dessa natureza, se devemos corajosamente assumir a responsabilidade por nossos próprios erros, não devemos perder de vista o cenário internacional, onde a última máscara destinada a encobrir suspeitos interesses é a hipócrita defesa de valores ecológicos que a tecnologia dos países superdesenvolvidos é a primeira a agredir. Infelizmente, a atual Constituição, com a sua notória xenofobia e perda no ilusório sonho de uma autarquia econômica nacional, veio dar àqueles que reagem contra nossas tolas pretensões de insulamento, buscando, por outras vias, apertar o cerco fatal à nossa afirmação como um povo capaz de desenvolver-se, superando os desequilíbrios sociais e regionais que tornam tão aguda e contrastante a crise brasileira.

Miguel Reale, 77, jurista, é membro da Academia Brasileira de Letras, professor emérito e ex-reitor da Universidade de São Paulo (USP).

Fonte: Folha de São Paulo. Seção "Tendências/Debates". Ano 69 nº 22.049. São Paulo, 15/08/1989: A-3

Texto nº. 3

Tipo: Descrição estática passada - com forte orientação argumentativa.

O MULATO

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azuis que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica de sua fisionomia era os olhos grandes ramalhudos, cheio de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobrancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nanquim, faziam sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre o papel de arroz.

Tinha os gestos bem educados, sóbrios, despidos de pretensão, falava em voz baixa, distintamente, sem armar ao efeito; vestia-se com seriedade e bom gosto; amava as artes, a literatura, e, um pouco menos, a política.

FONTE: AZEVEDO, Aluísio. O Mulato. s/data: p.51.

3.2 - DESCRIÇÃO DINÂMICA PASSADA

Texto nº. 04

I. - A DANÇA DOS COLONOS ALEMÃES

Os dançantes continuavam no compasso marcial da polaca, executando variadas figuras, ora desenhando meias-luas, ora separando-se em alas, marchando frente a frente, ora fazendo evoluções de homens e mulheres, separados, para se reunirem depois de diferentes voltas. Os

movimentos eram tardos e pesados; dentro de sapatos grossos e ferrados, batendo fortemente os pés no assoalho, arrastando-se com esforço, faziam um barulho sêco, enorme, que dominava as vozes dos instrumentos. Quando a contradança parava, os pares voltavam-se num mesmo instante como por uma combinação mágica e todos livres se moviam, vagorosamente, procurando os bancos encostados às paredes das salas ou aos cantos das janelas. Muitos saíam até ao terreiro, para se refrescar; namorados passeavam ali no escuro, abraçados; velhos fumavam o seu cachimbo, resmungando conversas preguiçosas, até que de novo a música dava o sinal e todos voltavam à sala em ordem sem o menor embaraço, passando a dançar automaticamente, de charuto ou cachimbo ao queixo e chapéus na cabeça.

GRAÇA ARANHA.

Fonte: OLIVEIRA (1965:123)

Texto nº. 05

II - LUZ E CALOR

Por todos os lados, onde quer que a vista repousasse, o sol resplandecia. Sombras raras enegreciam de manchas as campinas louras e, para o horizonte distante, fina e translúcida, uma névoa de ouro passava como um véu corrido do céu sobre os montes dum forte azul quase negro. À sombra dos tejupás da roça, cães arquejantes modorravam e as galinhas, de asas frouxas, bico aberto, ofegando, paradas, pareciam hipnotiza-das pela irradiação deslumbrante. Ao cair da tarde, esmaecendo a luz em laivos de sangue e ouro sob a fimbria do ocaso, as cigarras entravam a chiar, respondendo-se, em concerto, dum ponto e doutro; pássaros saíam repousados, atravessando o ar tépido; borboletas tontas, como se despertassem dum torpor de narcótico, esvoaçavam de ramo em ramo; ruflos de asas, de beija-flores, surdinavam e rolas, com enternecida e apaixonada tristeza, gemiam entre os milhos onde os sanhaços, em chusma. gritavam estridulamente e os periquitos verdes grazinavam.

COELHO NETO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:65)

Texto nº 06

III - O MILAGRE DAS CHUVAS NO NORDESTE

Uma manhã lá no Cajapió (Joca (*) lembrava-se como se fora na véspera), acordara depois duma grande tormenta de fim do verão. A madrugada estava orvalhada, mas serena, e ele se erguera da sua rede para ver o tempo. Um grande tapete de verdura fresca e úmida parecia ter descido do céu e coberto como um manto misterioso o campo... Os olhos perdiam-se na campina alegre; o gado festejava o rebentar da vida na terra e comia a erva tenra; um bando de marrecas passava grasnando, pousava aqui, levantava o vôo acolá, buscava mais longe a região dos eternos lagos... Dias inteiros de chuvas; o pasto agora era farto, a água porfiava em vencê-lo, e quando mais tarde o dilúvio se interrompia, viam-se na vasta savana verde pontos claros que eram o refrigério dos olhos. Eram os primeiros lagos. Em volta deles uma multidão de aves aquáticas brincavam descuidos as e ostentavam as penas de cores vivas e quentes. Vinham pássaros de toda a parte: pernaltas com o seu bico de colher, marrecas em algazarra, jaçanãs leves e tímidas: e à tarde, quando o céu se vestia de nuvens cinzentas, notava-se desfilar, ora o bando marcial e rubro dos guarás, ora a ala virgínia e branca das garças... No fundo dos lagos multidão de peixes borbulhavam por encanto. E em tudo o mesmo milagre de ressurreição, de rejuvenescimento, de expansão e de vida.

GRAÇA ARANHA.

Fonte: (1965:141) OLIVEIRA

Texto nº. 07

NOITE JOANINA

No terreiro vasto vermelhejava, estalidante, a grande fogueira. A súcia das crianças dali, tirava batatas e canas assadas, rompendo em grita na partilha. Espoucavam toguetes, rodinhas giravam na ponta de vassouras e bambus, bichas detonavam dentro de latas vazias. "Viva S. João! Viva!" gritava a miuçalha delirando. No céu límpido as estrelas iam abrigar-se sob a tenda nívea da Via Láctea. Um balão subia, subia, ponto ígneo perseguido pelas curvas dos rojões, rojões de lágrimas desdobrados em arco-íris de centelhas, rojões de assovio zunindo a vaiarem o ar.

ESCRAGNOLLE DÓRIA.

Fonte: OLIVEIRA (1965: 136)

Texto nº. 08

VI. - OS PASSARÕES

De espaço em espaço, mas sempre em imensas chusmas, os passarões calavam-se serenamente do azul e de asas ao paio, revoluteando em lindos vôos espiralados, vinham ter às nossas vizinhanças. Era tal a profusão de corpos brancos, que se diria uma abundante e singular nevada caindo de chofre sobre as galas da natureza verde. E, para que maior ainda fôsse a ilusão, à medida que as aves baixavam, as árvores iam-se vestindo de uma nívea florescência, que lhes tomava, a pouco e pouco, os troncos e os galhos e, surgindo aqui em pequenos flocos, rompendo ali em largas manchas, alastrava-se pelos ramos acima até assenhorear-se de toda a copagem, que se enfunava então no mais esplendente dossel de arminho branco. E, assim, por todos os lados, uma só alcatifa de penas cândidas e frouxeladas, que afestoava a vegetação, cobria o solo, coalhava os lagos e se estendia pelas ribanceiras além, branquejando as perspectivas.

GASTÃO CRULS.

Fonte: OLIVEIRA (1965:131)

Texto nº. 09

I. - A VILA DA PRAIA

Chegado ao alto do morro, Serafim estacou. Espraiou um largo olhar, que abrangia tudo, sobre a casaria espalhada em baixo, salpicando, com os tons claros das paredes caiadas e o amarelo esfumaçado dos tetos de sapé; a verdura da vargem. [Na praia, que o mar agitado franjava de ondas espumantes, canoas descansavam sobre rolos, redes secavam ao sol, estiradas nos varais. Ao longe, na fonte que descia do morro, cascadeando, mulheres lavavam e dispersas aqui e ali, refulgiam brancuras de roupas estendidas ao sol, sobre o capim ondulante.

VICENTE DE CARVALHO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:191)

3.3 - DESCRIÇÃO DINÂMICA PRESENTE

Texto nº. 10

V. - AS BORBOLETAS

Nessas claras manhãs de firmamento escampo,
De ar mais puro e de sol mais livremente aberto,
Qual mais linda, elas vêm, ora através do campo,
Ora em trêmulo enxame através do deserto,

Como ao vento esparzido um punhado de flores,
Buscar ao pé do rio as boninas singelas,
E entrecruzar-se à luz com as variadas cores,
Branças, verdes, azuis, rajadas e amarelas.

Num sereno rumor indistinto, cortando
O ar de aromas que vêm das plantas saturado,
Vejo às vezes passar o fugitivo bando
Várzea ao longe, estendendo o vôo prolongado.

Umás rente vão à crômula das folhas,
Outras voam mais alto, entrefechando e abrindo
A asa, outras vão do rio acompanhando as bolhas,
A. água. a pena erradia e as espumas seguindo...

Té que em meio de um vale onde a corrente brame
E revolta borbulha e rodopia inquieta,
Em suspensa coluna, o selvático enxame
Baila e treme do sol à carícia secreta...

ALBERTO DE OLIVEIRA

Fonte: OLIVEIRA (1965:129,130)

Texto nº. 11

IV. - O ESTOURO DA BOIADA

Surge a boiada vagarosamente... De súbito, porém, ondula um frêmito sulcando, num estremeção repentino, aqueles centenares de dorsos luzidios. Há uma pausa instantânea. Entrebatem-se, enredam-se e alteiam-se fisgando vivamente o espaço, e inclinam-se, embaralham-se milhares de chifres. Vibra uma trepidação no solo; e a boiada estoura... A boiada arranca. [Nada explica. às vezes. o acontecimento, aliás vulgar, que é o desespero dos campeiros. Origina-o o incidente mais trivial - o súbito vôo rasteiro duma araquã ou a corrida dum mocó esquivo] Uma rês se espanta e o contágio, uma descarga nervosa subitânea, transfunde o espanto sobre o rebanho inteiro. É um solavanco único, assombroso. atirando, de pancada por diante, revoltos, misturando-se embolados, em vertiginosos disparos, aqueles maciços corpos tão normalmente tardos e morosos. E lá se vão: não há mais contê-los ou alcançá-los. Acamam-se as caatingas, árvores dobradas, partidas, estalando em lascas e gravetos; desbordam de repente as baixadas num marulho de chifres; estrepitam, britando e esfarelando as pedras, torrentes de cascos pelos tombadores; rola surdamente pelos tabuleiros ruído soturno e longo de trovão longínquo... Destroem-se em minutos, feitos montes de leivas, antigas roças penosamente cultivadas; extinguem-se, em lameiros revolvidos, as ipueiras rasas; abatem-se, apisoados, os pousos; ou esvaziam-se, deixando os habitantes espavoridos, fugindo para os lados, evitando o rumo retilíneo em que se despenha a “arribada”, - milhares de corpos que são um corpo único, monstruoso, informe, indescritível, de animal fantástico precipitado na correria doida. E sobre este tumulto, arroteando-o ou arremessando-se impetuoso na esteira dos destroços, que deixa após si aquela avalanche viva, largando numa disparada estupenda sobre barrancos, e valos, e cerros, e galhadas - enristado o ferrão, rédeas soltas, soltos os estribos, estirado sobre o lombilho, preso às crinas do cavalo - o vaqueiro!

EUCLIDES DA CUNHA.

Fonte: OLIVEIRA (1965:127,128)

Texto nº.12

MANHÃ NA ROÇA

(Vergílio Várzea)

Uma tênue mancha de claridade argêntea recorta em laca a linha ondulada das colinas verdes. Pouco a pouco, uma poeira de ocre transparente, que se esbate para o alto, cobre todo o horizonte e o sol aponta deslumbradoramente, como uma gema de ouro flamante. Vapores diáfanos diluem-se lentamente, em meio de listrões vivos que purpureiam o nascente. Fundem-se no ar tons delicados de azul e rosa; e eleva-se da floresta uma orquestração triunfal: Despertam de súbito, ao alagamento tépido da luz, as culturas adormecidas.

Abrem-se as casas. Pelos terreiros, úmidos da serenada da noite, homens de cócoras, em camisa, de canjirão na mão, brancos de frio, ordenham as grossas tetas das pacientes e mugidoras vacas, que criam amarradas aos finos paus das parreiras, e que, expelindo fumaça no ar frígido, ruminam ainda restos de grama numa mansidão ingênua de animal digno. Mulheres de xale pela cabeça chamam as galinhas, com um ruído seco do beijo tremido, fazendo burrr e sacundindo-lhes mãos cheias de milho e pirão esfarelado. Um carro atopetado de mandioca, arrancadas de fresco, empoeiradas de areia, compridas, tortas, com o aspecto e a cor esquisita das plantas [que se avolumam e vegetalizam enterradas] chia monotonamente, em direção ao engenho, solavancado pela aspereza do caminho... E pela compridão majestosa e verde dos alagados e das pastagens, o colorido movimentoso e variado das reses.

Fonte: ANDRÉ (1978:81)

Texto nº. 13

II - O SACI-PERERÊ

O saci habita na cavidade dos bambus e gosta da agitação dos redemoinhos de vento. É escuro como a noite sem luar e traz habitualmente, na cabeça, uma carapuça rubra como sangue. Tem um enorme olho no centro da testa, saltita com agilidade sobre a única perna que possui. Surge inopinadamente numa curva de estrada, atira-se às crinas dos cavalos que passam, grita-lhes com estridor ao ouvido e fá-los disparar em desabalado e estrepitoso galope pelo campo afora. Assusta os pobres e bondosos pretos de carapinha branca. aparecendo-lhes de súbito à frente. Entra nos casebres pelo buraco das fechaduras ou por uma fenda da porta, arrebenta, por simples prazer, os móveis e vasilhas, faz desandar o sabão caseiro em preparo, lança punhados de cinza sobre os doces que borbulham, fervendo e desmanchando-se, dentro dos grandes tachos de ferro, apaga o

fogo rubro e crepitante, derrama no chão de terra socada os potes de água, e, ora assobiando com viva alegria, ora tirando longas fumaçadas do cachimbinho de barro, salta daqui, pula dacolá, a tudo pondo em pandarecos. E. depois desaparece, rápido como o relâmpago, para recomeçar mais adiante suas maldosas travessuras.

OLIVIO DO LAGO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:101)

Texto nº. 14

I. - O SALTO DO GUAÍRA

Largo oceano azul, ora margeando
 Campina extensa, ora frondosa mata,
 Léguas e léguas marulhoso e brando,
 O rio enorme todo o céu retrata.

Súbito, as águas, brusco, represando,
 Em torvelins de espuma se desata;
 Vertiginoso, indômito, raivando,
Ruge, fracassa e tomba em catarata.

Tomba, e de novo em arco se levanta;
 Nada a brancura esplêndida lhe turva
 E na apoteose em que a caudal se expande.

Do sol aos raios, multicolor se encurva
 Em tanto resplendor e glória tanta,
 Rútilo arco-íris, luminoso e grande.

EMÍLIO DE MENEZES.

Fonte: OLIVEIRA (1965:57)

3.4 - DESCRIÇÃO ESTÁTICA PASSADA

Texto nº. 15

BOCATORTA

(Monteiro Lobato, *Urupês*)

Bocatorta excedeu a toda a pintura. A hediondez personificara-se nele, avultando, sobretudo, na monstruosa deformação da boca. Não tinha beiços, e as gengivas largas, violáceas, com raros cotos de dentes bestiais fincados às tontas, mostravam-se cruas, como enorme chaga viva. E torta, posta de viés na cara, num esgar diabólico, [resumindo o que o feio pode compor de horripilante. Embora se lhe estampasse na boca o quanto fosse preciso para fazer aquela criatura a culminância da ascosidade] a natureza malvada fora além, dando-lhe pernas cambaias e uns pés deformados que nem remotamente lembrariam a forma de um pé humano. E os olhos vivíssimos, que pulavam das órbitas empapuçadas, veitados de sangue na esclerótica amarela. E pele grumosa, escamada de escaras cinzentas. [Tudo nele quebrava o equilíbrio normal do corpo humano, como se a teratologia caprichasse em criar a sua obra prima.

Fonte: ANDRÉ (1978:82)

Texto nº. 16

I - A CASA DA FAZENDA

Era o casarão clássico das antigas fazendas negreiras. Assobradado, erguia-se em alicerces o muramento, de pedra até meia altura e, dali em diante, de pau-a-pique. Esteios de cabriúva entremostravam-se, picados a enxó, nos trechos donde se esboroara o reboco. Janelas e portas em arco, de bandeiras em pandarecos. Pelos interstícios da pedra, amoitavam-se samambaias e, nas faces de noruega, avenquinhas raquíticas. Num cunhal, crescia anos a figueira, enlaçando as pedras na terrível cordoalha tentacular. A porta da entrada ia ter uma escadaria dupla, com alpendre em cima e parapeito esborcinado.

MONTEIRO LOBATO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:22)

Texto nº. 17

III - A CASCAVEL

Rojando em ondulações por entre as plantas rasteiras de mata, entreparando num lugar, escutando em outro, veio avançando para a ceva uma cobra de grande talhe. Tinha o dorso fusco, sem brilho, maculado de losangos escuros, quase negros. A cabeça era chata, o focinho tronco, como que aparado, com duas fossazinhas tapadas, duas ventas falsas. De cada olho partia um traço escuro, que ia fenecer no pescoço. A cauda terminava em um como rosário curto, de contas córneas, ocas, achatadas, que, ao restejar do animal, deixava escapar um ruído leve, quase imperceptível, de pergaminho fuxicado. Chegou, viu os ratos, parou, foi-se torcendo em espiral, formou um rolo, donde emergia, atenta, vigilante, a pavorosa cabeça. O olhar negro, luzente, gélido, tinha uma fixidez fascinadora. A língua lúrida, comprida, fina, bífida, açoutava o ar em rápidas lambidelas.

JÚLIO RIBEIRO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:87)

Texto nº. 18

I - A CELA DO RELIGIOSO

A porta abriu-se sem ruído. Ele entrou, e a porta fechou-se de novo, silenciosamente. O lugar, em que o venerando religioso acabava de penetrar, era uma triste cela, sombria e espaçosa, com uma janela gradeada e fechada, e apenas frouxamente esclarecida por uma clarabóia do teto. As paredes, nuas de alto e baixo, tinham uma cor sinistra de osso velho. Em uma delas havia um grande nicho com a imagem da Virgem da Conceição, quase de tamanho natural; a um dos cantos, uma negra estante, toscamente feita, pejada de grossos alfarrábios amarelecidos pelo tempo; no centro, uma mesa de madeira escura com um breviário em cima, ao lado de uma candeia de azeite, um pedaço de pão duro, e um cilício de couro; junto à mesa, um banco de pau.

ALUISIO DE AZEVEDO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:17)

Texto nº. 19

EVOCAÇÃO MARIANA

<p>{ A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes. <u>Havia</u> poucas fores. <u>Eram</u> flores de horta.</p>	<p>} Descrição estática</p>
<p>{ Sob a luz fraca, na sombra esculpida (quais as imagens e quais os fiéis?) ficávamos.</p> <p>Do padre cansado o murmúrio de reza subia às tábuas do forro, batia no púlpito seco, entranhava-se na onda, minúscula e forte, de incenso, perdia-se.</p> <p>Não, não se perdia... Desatava-se do coro a música deliciosa (que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da morte,</p>	<p>} Descrição dinâmica</p>
<p>{ [nas campinas do ar) e dessa música surgiam meninas - a alvura mesma- cantando.</p> <p>De seu peso terrestre a nave libertada, como do tempo atroz imunes nossas almas,</p> <p>flutuávamos no canto matinal, sobre a treva do vale.</p>	<p>} Descrição dinâmica</p>

Fonte: ANDRADE (1969:181,182)

Texto nº. 20

Tipo: Descrição estática (presente e passada) – Veja trechos marcados.

O MILAGRE DE MACHU PICCHU

Quatro séculos após a queda do império inca, esta cidade antiga e sagrada ainda tem o poder de encantar e espantar.

Sophy Burnham

Um dos pontos mais misteriosos do mundo anterior a Colombo é Machu Picchu, a cidade perdida dos incas. Situa-se na elevada cordilheira dos Andes peruanos. Ali, às vezes, um condor com asas que chegam a atingir os 3 m flutua no ar, como que suspenso, e depois eleva-se, paira e desaparece por entre as nuvens. Seiscentos metros abaixo, as águas densas do Urubamba comprimem-se numa garganta estreita em forma de U.

Hoje, deixou de ser mistério quando e como Machu Picchu foi construída, mas ainda persistem lendas sobre seus habitantes, suas cerimônias e hábitos. As culturas do Peru remontam ao anos 2500 a.C. Os incas datam de há 800 anos; mas foi só no século XV que o nono inca (rei), Pachacútec, e seu filho, Tupac Yupanqui, conquistaram um império com mais de 3 milhões de metros quadrados, que se estendia do Sudoeste da Colômbia até a parte central do Chile e Noroeste da Argentina. No centro do império ficava a capital, Cuzco.

O povo inca desenvolveu uma agricultura sofisticada e foi notável nos domínios da tecelagem, da cerâmica, da matemática, assim como na engenharia. A rede de estradas era de tal forma admirável que estafetas podiam transportar peixe do Pacífico, através de desfiladeiros 4000 m acima do nível do mar, e servi-lo fresco à família real. Pontes atravessavam rios e fortalezas militares encimavam os cumes das montanhas.

No entanto, esta civilização não possuía registros de escrita conhecidos, a não ser um dispositivo simples, composto por cordões com nós, denominado *quipus*, que servia para fazer contas. Não havia ferro, nem arco, nem roldana, nem roda. Isso não obstante, suas intemoratas construções monolíticas à prova de sismos ainda se elevam aos céus nos dias que correm.

Como conseguiram arrastar essas pedras de pedreiras situadas a mais de 25 km de distância, através de montanhas que se elevam quase na vertical? Em Sacsahuaman, a enorme fortaleza à saída de Cuzco, a pedra maior pesa mais de 300 toneladas e eleva-se a cerca de 8 m. Blocos de granito cinzento, tão lisos como se fossem pérolas, encaixam tão perfeitamente uns nos outros, sem cimento, que é impossível introduzir entre eles a lâmina de uma faca.

Quando os espanhóis saquearam o Peru no século XVI, mantiveram como refém o imperador Atahualpa até que, numa sala do palácio, um nível de altura maior do que ele de pé ficasse cheio de ouro. E mesmo assim, mataram-no a seguir. Em 1577, o último inca, Tupac Amaru, foi assassinado, os templos saqueados, o ouro roubado e igrejas católicas foram construídas em cima das muralhas incas.

Só uma cidade ficou intacta. Era tão sagrada (e secreta) que não foi permitido a nenhum conquistador vê-la nem ouvir falar dela. Por fim, o último dos seus habitantes morreu. A selva verde apoderou-se dela, que ficou coberta por um emaranhado de trepadeiras até que, em julho de 1911, o explorador americano Hiram Bingham a descobriu. Hoje, ela tem simplesmente o nome de Machu Picchu, ou seja, Montanha Velha, designação que proveio do enorme pico cinzento que domina o Sul da cidade.

Até a década de 50, todos os visitantes alcançavam a cidade montados em mulas. Os mais corajosos e bem preparados ainda o fazem, levando consigo mantimentos suficientes para atravessarem os antigos caminhos incas durante uma semana. Mas a maioria das pessoas viaja hoje de helicóptero, trem ou ônibus. O número de visitantes é cada vez maior: mais de 200 000 pessoas visitaram esta montanha no ano passado e o número é de tal forma elevado que o governo peruano e a UNESCO estão preocupados porque as pedras estão se desgastando e deteriorando, como resultado do peso de tantos pés e de chuvas violentas.

As autoridades peruanas estão tomando medidas com vista à preservação deste monumento arqueológico. O local está em manutenção permanente e os turistas são guiados por tabuletas através de caminhos específicos. No próximo ano, um vasto plano de preservação, apoiado por vários países-membros das Nações Unidas, será levado a cabo por uma comissão de arqueólogos e ecologistas.

Para se chegar rapidamente a Machu Picchu, pega-se o avião de Lima para Cuzco. Após uma hora de voo, sai-se do avião, a uma altitude de 3400m, onde se respira com dificuldade.

Será a altitude, a pureza do ar, que tornam tão bonita esta cidade, a capital arqueológica da América Central (cerca de 220 000 habitantes), com seus telhados de terracota e arcadas espanholas? Terá sido a escassez de oxigênio que me fez ser conquistada pela glória dos montes circundantes, com giestas amarelas e tremoços azuis brilhando na erva verde? Meus olhos eram incapazes de absorver tamanha luminosidade. O céu, de azul-vítreo, parecia duro como uma pedra. Os vales eram magníficos. Senti que Deus deve ter rido uma alegria especial ao criar aqueles montes. As ervas pareciam incandescentes, reluzindo com luz interior. Os eucaliptos azul-prata vislumbravam-se, irradiando luz.

Um antigo trenzinho, seguindo por trilhos serpenteantes – o trem de mercadorias –, sai de Cuzco para Machu Picchu. Lá vai ele, montanha acima, agarrando-se ao monte, de um lado para o outro, em ziguezagues, para então iniciar a descida até a superfície plana. Corre pelas planícies férteis da província de Anta e, a seguir, pela garganta escura do rio Urumbamba, cujos rápidos alargam-se através da América do Sul, indo desaguar no Atlântico, cerca de 6500 m mais adiante. Em ambas as margens, elevam-se montanhas escarpadas, cobertas por lindíssimas orquídeas suspensas e demais vegetação luxuriante.

Em 1911, Hiram Bingham, montado numa mula, levou cerca de sete dias para percorrer os inóspitos 113 km que separam Cuzco de Machu Picchu. Atualmente, a viagem de trem demora três horas e meia.

Machu Picchu encontra-se a uma altitude de 2690 m, menos de 710 m que Cuzco, de modo que os problemas respiratórios deixam de se fazer sentir. Quando a viagem termina, uma dúzia de ônibus sobe a serpeante estrada montanhosa. São necessários quase 20 minutos para atingir o cume.

Quando saí do ônibus, comecei a andar sozinha e fui me sentar no terraço. Abaixo de mim, a montanha descia até o rio agitado. Os três enormes picos verdes da Huayna Picchu (Montanha Nova) elevavam-se na sua imponente forma triangular. A atmosfera era calma e agradável. Senti-me invadida por uma sensação de santidade e serenidade que me surpreendeu, pois na minha passagem de trem havia impressa uma descrição desta cidade como sendo uma fortificação militar. Tentei imaginar-me na pele de um soldado inca, em guarda contra um inimigo – mas em vão. Neste lugar, só conseguiria sentir a aura do sagrado. Quis permanecer absorta para sempre, sentir o ritmo da montanha a cobrir-me como uma vaga do mar. Não há palavras que descrevam adequadamente o magnetismo da montanha, a pulsar com um fluir quente e radioso. Senti-me lavada por ondas de paz e – sei que parece absurdo – invadida por um amor sem limites.

Mais tarde, meu grupo de excursionistas sentou-se num muro. Almoçamos e ouvimos o guia, um professor de arqueologia, falando da história e do significado desta cidade, na qual 1000 virgens eleitas se dedicavam a servir o Sol. Aqui fica o Torreão Militar, com seu extraordinário muro curvilíneo ao longo do rochedo natural onde se situa. Há também o relógio de sol ou “posto de amarração do sol”, onde os sacerdotes incas “amarravam” aquela estrela em todos os solstícios de inverno, para puxarem-na de novo para o Sul, para eles. Está gravado numa laje e cada extremidade aponta com a exatidão de uma bússola para o norte, sul, leste e oeste.

Nuvens aproximaram-se e começou a chover. Passado pouco tempo, era um dilúvio e as pessoas dispersaram-se em busca de proteção inútil nas paredes sem teto. Os guias, alheios às chuvaradas, prosseguiram as visitas: chove frequentemente em Machu Picchu. E, no entanto, a

sensação de exaltação persistia, as ondas de amor continuavam a elevar-me – até onde? Para além de mim própria. Será que alguém sentia o mesmo que eu?

Jovens apaixonados abraçavam-se, procurando abrigo sob um rochedo saliente. Outros, amontoavam-se numa pequena cabana, no pico mais alto. Parou de chover.

À volta da cidade instalou-se uma neblina fina e branca, que começou a penetrar nos terraços, que se espalhou sobre o relógio de sol e se aproximou silenciosamente dos montes, lambendo as paredes do templo. Envolveu o altar dos sacrifícios e obscureceu as construções humanas numa nuvem espessa.

A cidade sagrada estava agora oculta para além do que a nossa visão humana podia alcançar.

Fonte: Seleções do Rider's Digest, Tomo XXXVII, nº 218. Julho / 1989: 51-55.

Texto nº. 21

CAPÍTULO III (fragmento)

(Érico Veríssimo, Olhai os Lírios do Campo)

Era setembro. Naquela manhã de domingo, sentado na soleira do portão do internato, Eugênio sentia como nunca as mudanças que se haviam operado no seu corpo e na sua vida, depois que ele completara quinze anos. Sim, não existia a menor dúvida: estava ficando homem. Agora se examinava com frequência ao espelho - de longe, de perto, de soslaio - com fúria de analista obstinado. Achava-se feio e rude, e isso o angustiava. Deus bem lhe podia ter dado outra fisionomia, já que não lhe dera riqueza. Rebentavam-lhe espinhas no rosto, no pescoço, nas costas: era também primavera no seu pobre corpo de adolescente. O buço apontava forte, sombreando-lhe o lábio superior. Uma nuvem de estranheza e selvagem desconfiança lhe velava os olhos, que não conseguiam fixar-se por muito tempo no rosto das outras criaturas. Andavam quase sempre entrecerrados, eram torvos e davam àquelas feições uma expressão quase imbecil.

Com surda cólera Eugênio contemplava a imagem do espelho. Era como se estivesse diante dum inimigo - inimigo perigoso que lhe conhecia todos os segredos, todos os pecados, até os mais sórdidos e escondidos.

O pior de tudo, porém, era a voz. Soava de ordinário velada e rouca, descia inesperadamente às notas mais graves para de repente saltar em guinchos desafinados, voltando quase sem transição para o tom profundo que no fim das frases se esfarelava num ronco. Essa era uma de suas maiores fontes de inquietação e de vergonha. Quando tinha de ler em aula algum

trecho em voz alta, sofria horrores. Os colegas riam dele e até os próprios professores às vezes não conseguiam ficar sérios. E por isso Eugênio se fazia mais calado do que era.

Por que tudo nele era feio e desagradável? Por que tudo quanto lhe pertencia era desajeitado e sem graça, desde as pobres roupas que o pai lhe fazia até o corpo que Deus lhe dava?

Eugênio sentia a nostalgia da beleza e talvez fosse por isso que sua paixão por Miss Margaret, a filha do diretor do colégio, era tão grande, tão infeliz e desesperançada.

Sim, pensava Eugênio, ele estava ficando homem. Sentia como nunca o corpo e agora tratava de descobrir que misteriosa relação podia ter a primavera com os seus desejos e com a sua ânsia.

Fonte: ANDRÉ (1978:82,83)

Texto nº. 22

QUARTO DE MOÇA

Rubem Braga

ALGUÉM me fala do apartamento em que você morou em Paris, em uma pequena praça cheia de árvores; outra pessoa esteve em sua casa de Nápoles; eu me calo. Mas, eu conheci seu quarto de solteira. Era pequeno, gracioso e azul; ou é a distância que o azula na minha lembrança? Junto à janela havia uma grande amendoeira antiga; às vezes o vento levava para dentro uma grande folha cor de cobre - gentileza da amendoeira. Que tinha outras: pássaros, quase sempre pardais, às vezes um tico-tico, ou uma rolinha, ou um casal de sanhaços azulados. E no verão, como as cigarras ziniam! Lembro o armário escuro e simples, onde cabiam seus vestidos de solteira, que não eram muitos; e lembro alguns deles, um roxinho singelo, um estampado alegre, dê flores, um outro de linho grosso, cor de areia. Havia uma pequena estante; e, entre os livros, o meu primeiro livro, com uma dedicatória tímida. Na parede, uma fotografia, uma imagem de santa, e uma reprodução de Piero della Francesca, não era?

Era simples, seu quarto de menina e de moça; mas tinha uma graça leve e singela, e você o amava. Dali partiu para tantas outras casas e hotéis em outras cidades do mundo, e um dia soube que haviam derrubado sua casa. Contaram-me, achando graça, você chorou quando teve a notícia, chorou como se tivesse perdido pai ou mães, alguém muito querido. Contaram-me, achando graça - e eu não disse nada, mas me comovi.

Nossa amizade se perdeu no acaso das viagens; outros homens sabem muito mais sobre você, viveram sua alegria e seu sofrimento; de mim você terá. apenas uma lembrança distante e,

espero, boa. Mas, se um dia você se sentisse vazia e sem apoio, e achasse as coisas tão sem sentido, eu imagino que você gostaria que eu reconstruísse no ar, como um presente, um presente para proteger e embalar você, o seu pequeno quarto azul que não existe mais.

Conheci seu quarto de solteira; lembro a cama, o armário, a estante, a cômoda, a mesinha, o abajur e o grande espelho. O grande espelho onde às vezes, ainda mocinha, vinha do banho, você se olhava demoradamente - pensativamente - nua.

Setembro, 1959

Fonte:BRAGA (1980:243,244)

Texto nº. 23

UMA RUA COMO AQUELA

Era uma rua sem saída, muito simpática e limpa, de calçada tão estreita como uma passarela. Quem ali entrou, se não fosse morador, era para fazer visita ou entregar encomendas. Assim não **havia** gente **transitando**, nem automóveis em disparada, um sossego para as mães daquela rua sem saída.

Começava numa outra de grande movimento, a Rua do Governador, e **tinha** exatamente cento e cinqüenta metros de comprimento, **sendo** que sua largura nunca alguém teve a curiosidade de medir, mas se dois automóveis encostados à calçadinha, um de cada lado, um terceiro passaria com dificuldade entre ambos. Por isso, seus moradores usavam recolher os carros sempre que chegavam, e assim, ela **vivia** maravilhosamente **desimpedida** para **andar**-se de bicicleta ou **passar** carrinhos de bebê.

A rua **terminava** num larguinho onde, com facilidade, os automóveis faziam a curva e voltavam; no centro **havia** um canteiro de gerânios vermelhos e uma árvore de rala galharia que os entendidos diziam ser um pau-brasil, ali, a despestar sentimentos patrióticos.

Atrás deste larguinho, bem de frente para a rua, **ficava** o castelinho, uma casona de ar pretensioso, até com torre, mas **espremida** num terreno pequeno e por isso chamada por muitos de peru no pires. **Tinha** o telhado **enegrecido** como o dorso de um elefante, sem antena de televisão e suas paredes **pedindo** nova cai ação, **lembravam** o casco dum navio **arrancado** às profundezas do mar. **Era** a casa mais velha da rua e **contrastava** com as outras tão limpinhas, como roupa **encardida**, **pendurada** entre peças **alvejadas**.

Lucélia Junqueira de Almeida Prado.
FONTE: SOARES e BALSELLS (1980:28)

3.5 - DESCRIÇÃO ESTÁTICA PRESENTE

Texto nº. 24

O 'CANYON' GAÚCHO DE FORTALEZA

VALCI ZUCULOTO

Imagine-se num dos topos de uma serra que termina abruptamente, recortada por uma imensa fenda de quilômetros de extensão. O desfiladeiro guarda preciosidades como cascatas, penhascos rochosos escalados por vegetação verdíssima, matas nativas. E, bem ao longe, também é possível avistar o litoral.

Para chegar lá, basta subir até a região gaúcha dos Aparados da Serra (o final de um dos extremos da Serra do Mar) e visitar o desfiladeiro de Fortaleza. (as gigantescas formações rochosas parecem uma fortificação medieval). Praticamente inexplorada, Fortaleza mantém a natureza intacta e completamente agreste.

Seu abismo chega em alguns pontos a mil metros de profundidade. Ao longo do desfiladeiro, a natureza apresenta maravilhas como as quedas d'água, com destaque para a cascata Três Quedas, com 600 metros de altura. A vegetação é de plantas exóticas, como a abóbora do diabo, com folhas de até um metro de diâmetro.

Os que conhecem a Fortaleza dizem que sua beleza é indescritível. Mas não custa tentar descrevê-la. Uma das maiores atrações é a Pedra do Segredo, um bloco monolítico de cinco metros de altura que se equilibra sobre uma desgastada base. Para se chegar até a pedra, é preciso andar cerca de meia hora bem junto ao penhasco e atravessar um rio.

Andar pela Fortaleza é uma aventura, mas os que se arriscam são recompensados. Trata-se, de, um lugar com paisagem privilegiada: junto com um outro **canyon** localizado nas proximidades (o Itaimbezinho), a Fortaleza forma uma dos mais belos e impressionantes desfiladeiros da América Latina.

Só não se arrisque a sair pela Fortaleza quando ela está encoberta pela névoa. Se for surpreendido pela neblina, fique parado, não tente caminhar e aguarde até que ela desapareça, para não cair nos precipícios.

Fonte: O Globo. Ano LXV, nº 20.357 - Caderno de Turismo. Rio de Janeiro, 17/08/1989:5

Texto nº. 25

II. - O CAVALO SERTANEJO

O cavalo sertanejo é esguio, sóbrio, pequeno, rabo compridíssimo, crinas grandes, capaz de resistir a todas as privações, a todos os serviços e a todos os esforços. É o melhor auxiliar do vaqueiro e ele o estima e trata com o maior carinho. O cavalo do sertão é feioso como um corcel quirguiz. Lá uma vez aparece um exemplar bonito, esbelto, alto. Não tem saracoteios, nem saltos, nem corcovos, salvo quando espantadiço. O olhar só brilha quando se apresenta ocasião de correr; depois as pálpebras murcham numa sonolência lassa. É ativo e parece ronceiro; forte e parece fraco; ágil e parece pesado. É pasmosa sua agilidade. Nos imprevistos das furibundas carreiras pelos matos em fora salta galhos baixos, mergulha sob os altos, alonga-se, encurta-se, pula de lado, faz prodígios. É necessariamente baixo para essas ligeirezas; a aridez do clima não produz outro: É raridade um animal de sete palmos do casco à cernelha. O meio torna-o sóbrio e magro. Passa dias em comer, quase sem beber. Num dia faz quinze léguas, puxando um pouco; dez faz normalmente. É manso; quando o cavaleiro cai, pára ao lado.

GUSTAVO BARROSO

Fonte: OLIVEIRA (1965:85)

Texto nº. 26

Trechos do "Folheto do 21º Festival de Inverno da UFMG"

ASPECTOS GERAIS

Belo Horizonte é a terceira mais populosa cidade do País, com 2,5 milhões de habitantes Sua Região Metropolitana, conta com mais de 12 cidades, todas bem simpáticas e com muitos atrativos interessantes. Em Sabará, ainda hoje pode ser revivido o ciclo do ouro de Minas Gerais. A cidade foi planejada para ser a capital de Minas Gerais, em substituição a Ouro Preto. Tem uma área de 335 quilômetros quadrados, sendo limitada ao Sul pela Serra do Curral, de onde se extrai um minério de ferro de primeira qualidade. Possui clima ameno o ano inteiro por causa de sua altitude média de 850 metros, com temperaturas que variam de 16 a 30 graus.

Quem visitar Belo Horizonte deve conhecer a arquitetura neo-clássica da Praça da Liberdade, o Conjunto Arquitetônico da Pampulha, com as obras de Niemeyer, Portinari e Burle Marx, o Parque das Mangabeiras, e o acervo dos Museus de Mineralogia e Histórico, entre outros.

O bairro da Savassi reúne o comércio mais sofisticado da cidade e oferece uma vida noturna, com boutiques refinadas e os melhores restaurantes, bares e boates da cidade. No centro, o Palácio das Artes, situado dentro do Parque Municipal, oferece um moderno teatro, cinema, exposições de artes plásticas e uma loja de artesanato.

Estes são alguns dos bons motivos para se conhecer Belo Horizonte, que está equidistante do Rio e São Paulo e é o portão de entrada para as cidades históricas, tais como, Ouro Preto e Mariana; para as grutas da Lapinha e Maquiné e Estâncias Hidrominerais.

ROTEIRO PAMPULHA. PAMPULHA ITINERARY. CIRCUIT DE PAMPULHA

A região da Pampulha reúne ao redor da lagoa e nas suas imediações um rico e variado conjunto de atrações turísticas, tanto pelo valor arquitetônico das obras de Niemeyer, Portinari, Ceschiatti e Burle Marx, quanto pela intensa atividade esportiva, cultural e recreativa representada pelo Mineirão, Mineirinho, bares e restaurantes.

JARDIM ZOOLÓGICO - ZOO - JARDIN ZOOLOGIQUE

Av. Otacílio Negrão de Lima, s/nº. Pampulha. F.: 441.2531 - Horário: 4ª a dom. de 7h30m às 17h30m.

Ocupando uma área de 1 milhão de m², o Zoológico de Belo Horizonte é hoje um dos maiores e mais completos do País. Seu plantel de aves, mamíferos e répteis é um dos mais variados, reunindo cerca de 200 espécies de animais da Europa, América do Norte, Ásia, África e Oceania, além de toda a fauna brasileira. A disposição do usuário imensa área de piquenique, praças, jardins e um amplo restaurante. Tudo no meio de muito verde.

MUSEU DE ARTE DE BELO HORIZONTE

BELO HORIZONTE ART MUSEUM

MUSÉE D'ART DE BELO HORIZONTE

Av. Otacílio Negrão de Lima. 16.585 - Pampulha - F.: 443.4533 - Horário: diariam. de 8h às 18h. Primeiro dos projetos de Niemeyer para o Conjunto Arquitetônico da Pampulha, o antigo Cassino possui variado acervo de pinturas, gravuras, desenhos, esculturas, tapeçarias e cerâmicas

CATEDRAL DE N. SRA. DA BOA VIAGEM

NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM CATHEDRAL

CATHEDRALE N SRA DA BOA VIAGEM

R. Sergipe, 175. Centro - F.: 222.2361.

Construída em estilo gótico no local onde existia a matriz barroca de N. Sra. da Boa Viagem do antigo Arraial do Curral D'EL Rey. Abrija vitrais de grande beleza e altar-mor em mármore Carrara trabalhado.

CONJUNTO ARQUITETÓNICO DA PRAÇA DA LIBERDADE

PRAÇA DA LIBERDADE ARCHITECTURAL COMPLEX

ENSEMBLE ARCHITECTURAL DE LA PLACE DE LA LIBERTÉ

Final da Avenida João Pinheiro.

Com jardins, coreto, repuxos, fonte luminosa e estátuas em mármore de Carrara, a Praça da Liberdade localiza-se em frente ao Palácio do Governo, sendo cortada por dupla fileira de palmeiras imperial. Cercando a Praça, construções neoclássicas datadas da época da transferência da capital, abrigam várias Secretarias do Estado. O Palácio da Liberdade sintetiza, melhor que qualquer outro, as idéias, inclinações, modismos e gostos arquitetônicos da época, reunindo, assim, todas as características neoclássicas que influenciaram o gosto brasileiro, desde a chegada da Missão Francesa ao Brasil. As atividades desenvolvidas neste amplo espaço são diversificadas, abrangendo Feiras de Arte e Artesanato (5ª e dom.), Feira de Flores (6ª), Feira de Antiguidades, Comidas Típicas e atelier Aberto (sábado), além de atividades culturais variadas.

MAQUETE DE FERREOMODELISMO

MODEL RAILWAY

MAQUETTE FERROVIAIRE

Prédio da Estação Ferroviária - Praça Rui Barbosa. s/nº - 2º andar - Centro. Horário: 4ª de 20h às 22h, sáb. de 14h às 18h.

Construída pela Associação Mineira de Ferreomodelismo a maquete foi iniciada em maio de 1982. A estrutura ocupa 30 m de área, possui 135 metros de trilhos flexíveis, pátio de manobra, diversos ramais para indústrias e oficinas, pontes e túneis que possibilitam a operação simultânea de 2 composições sem interferência. ou até 8, com isolamento de trechos. Elementos paisagísticos (acidentes geográficos, cobertura vegetal, estradas, pontes, etc.) enriquecem a mini-ferrovia.

Fonte: Folheto do 21º Festival de Inverno da UFMG. Belo Horizonte, julho de 1989:5-9.

Texto nº. 27

JOGO GEOMÉTRICO PARA CRIANÇAS E ADULTOS

Lance final - Jogo para dois jogado-res. fabricado pela Manufatura de Brinquedos Estrela S.A.

Os leitores que gostaram dos pentaminós (SUPERINTERESSANTE número 9, ano 3) vão . adorar *Lance Final* um jogo rápido, inteligente e baseado integralmente em formas geométricas - no caso, formas geradas a partir de um módulo hexagonal. O equipamento do jogo consiste em um tabuleiro e dois conjuntos de peças, um azul que fica com um dos jogadores e outro branco que fica com o adversário. Cada conjunto é composto de treze peças formadas com um número variável de hexágonos adjacentes. Há peças com um, dois, três e quatro hexágonos. O tabuleiro contém oito áreas, cada uma das quais abriga espaço para certo número de módulos hexagonais.

A mecânica do jogo é simples e eficiente: os jogadores se alternam colocando uma peça por vez à sua escolha, em qualquer uma das áreas. Aquele que fizer o lance final para completar uma área, isto é, terminar de preenchê-la, ganha tantos pontos quantos forem os módulos daquela área. Para registrar isso, ele coloca um tampão de sua cor num dos módulos. Em seguida, ganha o direito de jogar de novo. E assim o jogo prossegue até que nenhum dos dois consiga instalar mais nenhuma peça. Então o vencedor será o que tiver o maior total de pontos. A primeira vista parece um bom negócio ocupar logo de saída as áreas menores com as peças maiores, mas algumas partidas (e algumas derrotas) logo ensinarão que as coisas não são assim tão simples: as peças grandes têm um grande poder de fogo na luta pelas áreas mais valiosas do tabuleiro.

Lance Final proporciona uma agradável oportunidade para o exercício do raciocínio geométrico, pois requer constante avaliação das rotações e translações das peças disponíveis. Suas regras fáceis e sua curta duração permitem que adultos e crianças divirtam-se conjuntamente com um bom nível de interesse comum. Quanto ao aspecto físico do produto, cabe elogiar o bom nível das peças plásticas - sem rebarbas, bonitas e duráveis. Um único reparo: o tabuleiro podia ser um pouco mais espesso, fazendo justiça à boa qualidade das peças.

Fonte: Superinteressante. Ano 3, nº. 10. São Paulo, Abril, outubro de 1989:86.

Texto nº. 28

OBS.: Os trechos de descrição são marcados por uma chave.

LIÇÃO SOBRE O FUTURO

São Francisco demonstra que uma cidade pode crescer sem envelhecer

José Castello

São Francisco, Califórnia, não parece fazer parte da América. Não da América agitada, esfumaçada, sempre na correria, que fascina o imaginário ocidental. O turista que chega via Los Angeles – o caminho mais comum para os brasileiros – não acredita no que vê. Los Angeles é uma cidade bela, mas monstruosa, construída sobre o medo dos terremotos, que a transformou numa fina e imensa manta de auto-estradas, elevados, luminosos e concreto a se confundir com o horizonte. O turista de primeira viagem que desembarca no movimentado LAX – o imenso aeroporto onde os aviões pousam em fila como se estivessem num parque de diversões – sente logo necessidade de perguntar: - Onde começa a cidade? Já chegamos? Los Angeles, com suas ruas desertas tomadas por engarrafamentos, parece não começar nunca: a sensação é a de que estamos eternamente em trânsito, rumo à cidade que nos escapa. São Francisco é sua antítese: pequena, contida pelo contorno sensual de sua baía, a cidade está bem viva em suas ladeiras íngremes, seu mar estranhamente opaco, os cidadãos sempre nas ruas – donos de sua cidade.

Quem chega à noite, vê o perfil iluminado da cidade em torno da baía e a Golden Gate, a magnífica ponte que se tornou símbolo de São Francisco, como um portal, erguida na escuridão do mar. Logo se estende São Francisco: a ponte não está ali apenas para servir aos automóveis, mas para ser bela. Em contraste com a pragmática Los Angeles, que é o retrato oficial da América, está construída para a utilidade e não para a beleza e parece ter sido roubada de uma peça de Sam Shepard – o dramaturgo do provisório e do vazio – São Francisco se apequena diante da ponte imponente. Tudo nos faz esquecer a monstruosidade suntuosa de Los Angeles ou o gigantismo tonto de Nova Iorque, retrato oficial do país: os bondinhos descendo pelas ladeiras com os turistas dependurados nas escadas, a arquitetura em estilo inglês, o vento gélido que sopra e exige ao menos um suéter mesmo nos dias mais ensolarados do verão, as ruas floridas e limpas, as *coffee shops* aconchegantes que acentuam o toque europeu, a vista da baía desde o The Embarcadero. No entanto, estamos a cinco horas de vôo de Nova Iorque, em pleno Pacífico, o Japão a oito horas dali.

Um carioca deprimido logo fará a fantasia: São Francisco é o Rio que deu certo. Espremida entre o mar e a montanha, a cidade de fato lembra o Rio, não o de hoje: é como se nos anos 50 o nosso Rio tivesse dado um a guinada de rumo, contido sua expansão, preservado seus camarões, crescido sim, mas com medo de se deformar. São Francisco, às vezes, não parece bem uma cidade; custamos a acreditar que ali sobrevivam uma rotina e um cotidiano reais. A cidade parece mais real num passeio de bicicleta pelo Victorian Park do que em algum prédio comercial da Van Ness Avenue.

Muitas peças estão em cartaz nas ruas de São Francisco. O Chinatown mais famoso e mais antigo do planeta, que nos carrega para um cenário tomado por sedas, temperos agridoces e luminárias coloridas, merece uma visita atenta. Ao contrário do bairro chinês de Nova Iorque, atravancado de camelôs, bancas pelas calçadas, caixotes, peixes e verduras exóticas vendidas à luz do sol, o de São Francisco é mais encantador e corresponde com mais exuberâncias aos vãos da imaginação do turista. Ali, o Oriente é simulado com elegância em lojas atulhadas de ofertas e pechinchas, restaurantes pequenos e decorados segundo as exigências do caráter oriental, vitrines que exploram a curiosidade e a compulsão à compra.

Um divertimento bobo mas delicioso pode ser experimentar os modelos inesperados de chapéus expostos à entrada das lojas de roupas; ou os roupões coloridos; remexer nas cestas de bugingangas chinesas; extasiar-se com os preços do artesanato em papier marchê, seda ou palha. E, ao final, deixar muitos dólares nas caixas registradoras, ou simplesmente não comprar nada – o que talvez seja mais adequado ao turista brasileiro de hoje. Uma boa rota pode ser apanhar o metrô mais próximo do hotel e descer na estação Van Ness. O metrô de São Francisco é pequeno, delicado e limpo como o do Rio, com a diferença de que os trens têm apenas dois carros e, ao contrário do nosso, sacolejam muito sobre os trilhos. E de que todos lêem nos carros do metrô: jornais, revistas, e em especial livros, pois São Francisco é uma cidade cheia de livrarias onde as pessoas sentam no chão, diante da estante, para ler sem ter que pagar. Da Van Ness, o turista deve apanhar o *cable car* – o famoso bondinho da cidade – na estação terminal, que é simplesmente um trecho de praça onde o trilho dá uma volta em si mesmo. A fila costuma ser longa, e o turista mais esperto desce três ou quatro quarteirões da Califórnia Street a pé, curtindo a vista sobre a baía de São Francisco, e simplesmente pega o bondinho mais à frente, dependurando-se nos trilhos. O *cable car* anda em velocidade lenta e não sacoleja, não há qualquer perigo.

Outro cenário que guarda também o sabor oriental é o Japan Center. Não tem o mesmo charme do Chinatown, mas é excelente para compras. Descendo até o mar, depara-se com o Fisherman's Wharf, um imenso e velho mercado de madeira transformado em um conjunto de lojas, bares, restaurantes. É a São Francisco turística oficial. Um cenário exuberante, pois o vento

constante talha ondas imensas e franzidos exóticos no mar, guitarristas, atores e mímicos dão espetáculos gratuitos nas praças em troca de moedas em seus chapéus, e a originalidade das lojas deixa qualquer um, mesmo o turista mais avesso às peregrinações do consumo, extasiado. São Francisco, apesar das ladeiras, estimula as caminhadas; por grandes avenidas como a Sacramento Street, ou por ruelas estreitas, traçadas em flores, que sobem e descem pela cidade.

O turismo oficial conduz ao City Hall, à famosa Opera House, à Transamérica Pyramid. Os turistas menos ortodoxos, porém, têm outras opções: o bairro *gay* em torno da Castro Street, que surpreende pela ausência de afetação e lantejoulas; o bairro *punk* centrada na região mais interna da Vallejo Street, que nos dá a sensação de uma volta esquisita aos anos 60; as ruas mais interiores tomadas pelos mexicanos, onde deve-se tomar cuidado, apenas, com o tempero excessivo das refeições. São Francisco tem muitos cenários em cartaz e nenhum deles deve ser perdido. È dessas cidades que convidam a caminhadas intermináveis, em que o turista deve ter apenas um fôlego razoável para ladeiras e estar munido de agasalhos – em especial, de nylon – para enfrentar o vento.

Dirão: Nova Iorque, a capital do mundo, também é assim. É verdade. Só que em São Francisco, cidade pequena que parece se proteger sempre das loucuras do progresso, a marca própria de cada grupo está mais preservada, as particularidades de cada grupo não desaparecem sob o progresso. Ali se realiza, plenamente, o melhor lado do sonho americano – o respeito extremo à diferença e ao particular. Por isso São Francisco tem um contínuo ar de festa. Para quem chegou de Los Angeles, grandiosa mas vazia, e talvez um pouco melancólica, São Francisco demonstra que o crescimento urbano, se bem ordenado, não exclui, mas induz à felicidade.

Fonte: Jornal do Brasil. Ano XCIX, nº. 130. Caderno "Viagem". Rio de Janeiro, 16/08/1989:7

Texto nº 29

I - O MARECHAL FLORIANO

Caboclo do norte, homem de 44 a 46 anos de idade, de estatura mediana, cabeça bem conformada, testa larga, nariz grosso e reto, lábios grossos, cobertos de um bigode escasso, queixo rigorosamente escanhado, suíças imperceptíveis, duas rugas sensíveis e fortes descendo das abas das narinas ao canto dos lábios que lhe animam e adoçam a fisionomia rude; olhos pardos, grandes, fundos e de extrema mobilidade, mal velados pelos cílios quase sempre baixos, eis em duas paletadas o aspecto do vice-presidente da República. Quase nunca aparece em público, e, quando o faz, veste sempre a sua farda de marechal do Exército, trazendo ao peito as medalhas de campanha

ganhas no Paraguai. Em casa, de ordinário, as suas vestes habituais consistem na calça e no jaleco de brim e camisa sem goma.

ALCINDO GUANABARA

Fonte: OLIVEIRA (1965:70)

Texto nº. 30

"O MILAGRE DE MACHU PICCHU"

(Ver trechos marcados no texto nº. 20)

Texto nº.31

OBS.: Trechos descritivos marcados com chave.

Veja pagina seguinte

PELAS RUELAS E LADEIRAS DE SÃO LUÍS

Conhecida carinhosamente como "Ilha dos Amores", "Atenas Brasileira", "Cidade dos Azulejos" ou "Cidade de Porcelana", São Luís no Maranhão tem muito o que contar. Com uma área urbana pequena - 905 quilômetros quadrados -, esta ilha oferece dez praias para todos os gostos e três mil sobrados coloniais e velhos casarões históricos o que acabou transformando-a em cidade monumento. Portanto, prepare-se para uma boa caminhada entre ruelas e ladeiras para descobrir, além da hospitalidade maranhense, toda a beleza e mistério desta ilha, ligada ao continente por duas pontes.

São Luís foi berço da tribo de índios tupinambás até 1612, quando foi fundada oficialmente por franceses comandados por Daniel de La Touche, em setembro do mesmo ano. Depois de ser invadida pelos portugueses em 1615 e tomada pelos holandeses em 1641, finalmente foram os portugueses que, em 1644, dominaram definitivamente o local deixando o legado dos palacetes com os azulejos portugueses de todas as cores, que naquela época tinham uma finalidade mais prática do que estética: proteger contra a maresia.

Os sobradões são belíssimos. A maioria tem sacadas e mirantes - usados antigamente para avaliar a carga de algodão à distância no porto - e todos são recobertos com telhas francesas, Com portais e janelas emolduradas em mármore de lioz ao lado das pedras de cantarias que recobrem

grande número dos casarões, um passeio pelos becos e ruas da cidade é sem dúvida um convite mágico e fascinante.

Comece pelas ruas que formam o centro histórico da capital que fica na Praia Grande. É a parte mais antiga da cidade que abrange diversas ruas como a do Trapiche, a da Estrela - onde fica o Cafuá das Mercês, (Único mercado de negros ainda de pé no País e que atualmente funciona como museu - a de Portugal e a da Direita, que cruza a Rua Formosa no Largo do Carmo. De lá para a Praça Pedro II é um pulo.

Subindo pelo Beco Catarina Nina, I você encontrará o Palácio dos Leões, construído em 1776 e atual sede do Governo, e o Palácio de La Ravardière, onde já funcionaram a cadeia e a Casa da Câmara e, hoje, fica a Prefeitura. A Fonte do Ribeirão, com cinco carrancas de onde jorra água natural, possui três acessos as diversas galerias. Ali, assistir às apresentações folclóricas do bumba-meu-boi é atração obrigatória.

Preste atenção aos nomes curiosos das ruas e praças da cidade: Largo dos Amores, dos Remédios, da Paz, da Inveja, Formosa, Afogados e Beco de Prensa, entre outros, todos indicados em placas de azulejos nas esquinas. E é numa das mais curiosas - a Rua do Sol - que fica o Museu Artístico e Histórico do Maranhão, com 150 anos e dono de um acervo de valiosas e raras peças de arte, sacra. Não se esqueça de visitar o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho e o Museu do Folclore, na mesma região.

Até o fim de setembro, São Luís abriga a tradicional festa folclórica do bumba-meu-boi. Nela os participantes "matam." os bois para satisfazer o desejo de "Mãe Catirina", mulher de "Pai Francisco.", que desejou comer a língua do animal. Em São José do Ribamar, a 31 quilômetros de São Luís, a festa do santo que dá nome à cidade também é. em setembro, mas só durante os dez dias de lua cheia. Portanto, aproveite para fugir do frio e rume para lá.

Fonte: O Globo. Ano LXV, nº. 20.357. Caderno de Turismo. Rio de Janeiro, 17/08/1989:3.

Texto nº. 32

II - O TAMANDUÁ-BANDEIRA

O tamanduá-bandeira, assim chamado por causa da cauda, coberta de pêlos compridos, bastos e dispostos em forma de leque, é um dos animais de mais força que temos em nossas matas. Pouco maior do que um cão de fila, tem a cabeça muito pequena em relação ao corpo, olhos tão minguados como os de um rato, focinho comprido, boca estreita e sem dentes, na qual se oculta a língua roliça, sumamente comprida. As suas mãos são guarnecidas, de grandes unhas, os pés, muito

semelhantes aos do homem, a ponto de muitas vezes se confundirem seus rastos com os nossos. O corpo é envolvido em um couro grosso, resguardado por uma lã basta, áspera, comprida, parda na barriga e negra pelo fio do lombo; da espádua direita desce uma pinta, mais clara do que o resto do pêlo e que termina pelo meio da barriga, semelhante a uma faixa. / Tão grande animal sustenta-se de formigas e de cupim, para o que cava as casas desses insetos, enfia no buraco a língua e colhe-a logo que nela se ajunta grande porção, e repete este processo até que se farte. O mais curioso instinto deste animal é o de deitar-se de barriga para o ar, abrir os braços para, enganando os que não estão prevenidos, fazer com que cheguem perto de modo a esmagá-los em um abraço infernal.

General COUTO DE MAGALHÃES.

Fonte: OLIVEIRA (1965:91,92)

Texto nº. 33

III - O VALE AMAZÔNICO

O vale amazônico, em toda a vastidão do seu anfiteatro, é coberto de floresta. Clâmide verde, atenuadora dos rios luminosos, cheia de mistérios e de encantos, veste a terra como um zainfe sagrado e protetor. Solucionada aqui, ali, acolá por um roçado, por uma vila, por uma clareira, por um vergel de gramíneas, mal se fecha o motivo que a interrompe, ela retoma o esplendor da selva e abre os braços para o céu na força do habitat. Em todo o meandro aquático, labirinto de furos, canais, rios, afluentes, confluente e de fluentes da corda-máter que é o Amazonas, a cortina botânica, pelos taludes e ravinas, como aquele véu mágico do rei dos *nibelungens*, esconde e transforma a gleba. Os milhares de chapéus-de-sol gigantescos, amplos como zimbórios de catedrais, unidos num velário cor de jade, cobrem as mesopotâmias em toldos ciclópicos. / O olhar de quem estaciona ou navega, neste ou naquele quadrante da bacia, esbarra por mais dilatado que lhe seja o horizonte, com o pano da floresta.

RAIMUNDO MORAIS

Fonte: OLIVEIRA (1965:39)

3.6 - OUTRAS DESCRIÇÕES

Texto nº. 34

Tipo: Descrição através de narração com intercâmbio de tipos

III - O DUQUE DE CAXIAS -

Nas mais diversas aplicações de sua inteligência, soube ele permanecer o mesmo. Por mais alto que subisse, em cada degrau da sua es-plêndida vida, nunca foi visto vacilar. Soube administrar, combater, governar, tudo em máxima escala, ficando sempre simples e modesto. Distinguiu-o invariavelmente a austera simplicidade de um Cincinato, mas a quem nunca o Estado permitiu voltar do triunfo para a charrua, pois não, têm sido dado férias a tão constante lidar. Por mais que barafuste a inveja, a história não aceitará, que o nome de outro algum dos nossos cidadãos se superponha ao deste; e ao nosso compatriota passará também o cognome de *Duque de Ferro*, com que outro general foi saudado. Já lhe conheceis as qualidades morais e físicas. Duma sobriedade exemplar, suporta as maiores fadigas sem demonstrar cansaço. Nunca foi visto desmentir-lhe o vigor do ânimo ou a placidez do espírito, nem nos mais críticos momentos, que a responsabilidade de um comando em chefe devia converter em séculos de ansiedade. Sempre achou tempo para Deus, para a Pátria, para os amigos, para a Humanidade. Essa estrela que lhe atribuem, acredita nela, não como os fatalistas, mas sim como predomínio da inteligência sobre as ações, caso esse em que a sorte, como diz Vieira, não está nas mãos dos fados, senão nas nossas. Se o acaso venturoso entra por um décimo nos grandes resultados obtidos, nove décimos são devidos ao cálculo, à inteligência, à perspicácia, à prontidão.

Monsenhor PINTO DE CAMPOS

Fonte: OLIVEIRA (1965:77)

Texto nº. 35

Tipo: Descrição dinâmica passada de comentário

A FESTA DE SANTA IFIGÊNIA

Dias antes da festa reuniam-se na igreja centenas de negras traziam todas a carapinha empoadada de ouro e cantando lavavam as tábuas do templo, floriam os altares, vestiam as imagens, tapeçavam o adro de folhas, aromáticas. No dia da festa famílias negras arranchavam-se nas imediações da igreja e os tambores de África estrugiam, vinham os descantes crioulos e a mulata, airosa e trêfega, saía pela areia semeada de rosas, nos passos do samba; mas, quando os coros sagrados começavam,

acudiam todas, as mulheres descobriam as cabeças e o ouro reluzia ao sol maravilhoso. Ao fim da cerimônia irrompia o canto feminino e as negras, uma a uma, cantando, baixavam as cabeças na pia e lavavam a carapinha, e o ouro depositava-se no fundo do lavabo santo - era a oferenda dos cativos à santa misericordiosa. E fora, à luz viva, os negros batucavam nos atabaques, saudando com alarido as mulheres que voltavam gotejantes e louvando o Deus do céu e a santa da devoção.

COELHO NETO

Fonte: OLIVEIRA (1965:121).

3.7 - DISSERTAÇÃO

Texto n°. 36

Tipo: Dissertação presente com trechos de narração e descrição

CONCEPÇÃO

UM CONTRACEPTIVO PARECIDO COM O DIU. SÓ QUE PARA HOMENS.

O urologista espanhol Aurelio Uson, desenhou, patenteou e agora começará a testar em animais o mais novo contraceptivo masculino:] o Dioid, Dispositivo Oclusivo Intradeferente - um sistema que pode ser comparado ao Dispositivo Intra-Uterino (DIU) feminino, tanto pela sua forma como por seu funcionamento. Aurelio Uson, primeiro cirurgião a realizar na Espanha uma operação de transplante de pênis em um transexual, diz que a grande vantagem do Dioid é a de ser um método contraceptivo reversível.

Ao contrário da vasectomia - afirma -, o Dioid é uma operação reversível, isto é. o homem que o utiliza sabe que poderá voltar a ter filhos no momento que quiser.

A partir do próximo mês o Dioid começa a ser testado em cachorros no Hospital Clínico de Madri [O dispositivo é um sistema mecânico formado por dois minúsculos tampões de silicone em forma de grão de arroz e unidos a uma bola "testemunha" por um fio de náilon.] Através de uma cirurgia pouco agressiva, o Dioid é introduzido nos canais deferentes do pênis - que é por onde passa, o espermatozóide que sobe dos testículos até as bolsas seminais. As peças de silicone desviam os espermatozóides nos canais deferentes, e a bola "testemunha" sempre permanecerá fora dos canais para indicar a localização do Dioid.

A experiência com cachorros servirá para definir o grau de eficácia e de tolerância do organismo e as possíveis lesões ou alterações causadas pelo dispositivo. Outro ponto a ser observado, é a recuperação dos testículos após a retirada do Dioid.

Fonte: Jornal da Tarde. Ano 24, nº. 7.283. São Paulo, 16/08/1989:2

Texto nº. 37

Tipo: Dissertação presente com pequenos trechos narrativos

O DEVER DA IMPRENSA

Narração

Os resultados da pesquisa realizada entre assinantes deste jornal, divulgados neste domingo,] vem avalizar de forma expressiva a estratégia de cobertura das eleições presidenciais seguida pela Folha. Procurando assegurar o acesso do leitor ao maior número de informações possíveis sobre cada candidato, sem submeter o noticiário a preferências políticas ou ao intuito de tomar a si a tarefa, exclusiva de cada cidadão, de escolher o futuro presidente; esta Folha não tem recuado no propósito de trazer a público, tudo o que possa esclarecer o eleitor a respeito do conteúdo de cada candidatura por mais desagradáveis e decepcionantes que possam ser os fatos, para quem os encara sob o prisma da própria paixão política.

Trata-se de ver, na campanha presidencial, um teste implacável para todos os candidatos: para a consistência de suas propostas programáticas, para a imagem política com que se apresentam junto ao eleitorado, para o grau de transparência e de espírito democrático de seus métodos, de atuação. Não é por impulso destrutivo, assim como não é por intenção apologética, que a imprensa pode contribuir para o aperfeiçoamento da democracia e para o nível de discussão na presente campanha; é pelo esforço de intransigência crítica, pelo pluralismo político e pela decisão inabalável de não atrelar-se a nenhuma candidatura que, trazendo sempre novas exigências, novas informações, novas perguntas, poderá confrontar cada um dos postulantes com uma realidade a que as conclamações de palanque e as tergiversações programáticas se furtam sistematicamente.

É amplamente majoritária, segundo a pesquisa realizada entre os assinantes, a opinião de que a Folha não faz campanha contra nenhum candidato: 80% dos entrevistados têm esta avaliação. Acresce a este dado a porcentagem também expressiva (68%) de assinantes considerando que o jornal não apóia nenhum, dos postulantes. É ainda importante salientar que, para os que consideram que a Folha apóia um candidato, aparece em primeiro lugar o nome de Fernando Collor de Mello - o mesmo que, segundo os entrevistados que julgam o jornal em campanha contra algum dos postulantes, é apresentado como o principal alvo dessa presumida iniciativa.

A Folha não apóia Collor ou qualquer outro candidato; não está em campanha contra ele nem, contra qualquer de seus concorrentes; exerce, apenas o dever de investigação e de crítica que é essencial à imprensa nas democracias. Ao eleitor, e apenas ao eleitor, cabe decidir. O compromisso do jornal é contribuir para que esta decisão se faça a partir do máximo de informações e do mais vivo contraste entre convicções políticas divergentes - longe da mistificação,

da inconsistência programática e dos apelos fáceis que, por sua própria natureza, campanhas eleitorais trazem consigo.

Fonte: Folha de São Paulo. Ano 69, nº. 22.049. São Paulo, 15/08/ 1989:A-2.

Texto nº. 38

Tipo: Dissertação passada

INDEZ I

A primavera, o verão, o outono e o inverno eram nomes que se misturavam com outros reinos. A gente só conhecia a estação das águas e a estação da seca. Era um lugar onde o ano estava dividido em sol e chuva, entremeado com o casamento da viúva - sol e chuva ao mesmo tempo - enfeitado de arco-íris.

No tempo das águas, eram as enchentes com o gado subindo para o cume da serra, correndo da morte. Eram os raios, chicote de São Pedro, que riscavam os céus - escuras nuvens - acompanhados de trovões que amedrontavam até os animais de terreiro. Eram os pedacinhos de sabão, do perfumado, colocados na beira do telhado com um pedido: "Santa Clara, mande o sol para enxugar nosso lenço!". E as chuvas prometiam farturas.

Com a estação da seca vinham os banhos nos rios depois de engolir piabas vivas para aprender a nadar, pescadas em peneiras. Tempo de fogueiras para os santos de junho - Santo Antônio, São João, São Pedro. Depois os ventos de agosto, despaginando as nuvens, contavam longas histórias de monstros vestidos de algodão, entre pipas. Tempo ainda de passeios mato adentro com o coração rezando: "São Bento, água benta, Jesus Cristo do altar. Arreda co:-bra, arreda bicho, deixe o filho de Deus passar:"

E na boca da noite a roda rodava no quintal cheia de cantiga: "Se esta rua fosse minha, roda pião, capelinha de melão, eu mandava ladrilhar, bambeia pião, que o pai Francisco entrou na roda, roda pião, e eu sou pobre, pobre, pobre na palma da minha mão, roda pião”.

A infância brincava de boca de fomo, chicotinho queimado, passar anelou corria da cabra-gega. Nossos pais, nesta hora preguiçosa, liam o destino do tempo escrito no movimento das estrelas, na cor das nuvens, no tamanho da lua, na direção dos ventos.

O mundo não estava dividido em dois, um para as pessoas grandes, outro para os miúdos. As emoções eram de todos. Todos ficavam felizes nas festas de casamento, nos bailes juninos, nos

almoços de batizados. Todos viviam da mesma tristeza nas quaresmas e da mesma angústia pelas estiagens que matavam as plantações.

E, quando se começava a engordar galinhas, era um aviso de que um novo irmão estava para chegar. E nascia recebido pela mesma alegria com que se comiam as asas, as costelas, os pés, os pescoços, resto de canja coberta de salsa e cheiro que fortificava a mãe de resguardo sobre a cama branca.

No dia em que o umbigo da criança caía, a parteira, madrinha de todos os nascimentos, o enterrava em lugar escolhido. Se no jardim com flores, a menina seria bela e boa jardineira; se na horta, o menino seria lavrador e, se no curral, boiadeiro. O destino era assim escolhido sem outros inúteis anseios.

Assim sendo, nascer era tão bonito que acreditar em outra vida era coisa muito simples.

Fonte: QUEIRÓS (1988:9,10)

Texto nº. 39

Tipo: Dissertação passada

INDEZ II

Era silencioso o amor. Podia-se adivinhá-lo no cuidado da mãe enxaguando as roupas nas águas de anil. Era silencioso, mas via-se o amor entre os seus dedos cortando a couve, desfolhando repolhos, cristalizando figos, bordando flores de canela sobre o arroz-doce nas tijelas.

Lia-se o amor no corpo forte do pai, no seu prazer pelo trabalho, em sua mansidão para com os longos domingos. Era silencioso, mas escutava-se o amor murmurando - noite adentro - no quarto do casal. A casa, sem forro, deixava vazar esse murmúrio com aroma de fumo e canela, que invadia lençóis e dúvidas, para depois filtrar-se por entre telhas.

Experimentava-se o amor quando, assentados no calor da cozinha - pai e mãe - falavam de distâncias, dos avós, das origens, dos namoros, dos casamentos.

E, quando o sono chegava, para cada menino em cada tempo, era o amor que carregava cada filho nos braços para a cama, ajeitando o cobertor por sob o queixo.

Fonte: QUEIRÓS (1988:23)

Texto: nº. 40

Tipo: Dissertação presente com pequenas inserções narrativas e injuntivas

MICROTRANSPLANTE DO PRÓPRIO CABELO

A calvície é hereditária. É portanto um problema genético, ainda não acessível às tentativas dos tratamentos tópicos e fisioterápicos existentes.

O microtransplante capilar, entretanto, pode repor novos fios nas áreas atingidas. Os fios aí transplantados crescerão normalmente, pois foram trazidos com suas respectivas raízes ou bulbos. E não voltarão a cair. A razão é que eles foram retirados da área posterior da cabeça, onde o problema genético não existe. São fios que não trazem o "código genético" para a calvície. O microtransplante do próprio cabelo é 100% eficaz. Não existe rejeição ou qualquer outro problema que impeça o seu crescimento.

O visual é perfeitamente estético.

No microtransplante até 3.000 fios podem ser reposicionados de uma só vez, através de um aparelho japonês chamado HAND ENGINE. Pode-se inclusive trabalhar no dia seguinte. E não se preocupe, você ainda não está diferente. Somente as raízes dos cabelos são transplantados e portanto você ainda não tem cabelos novos. Eles só começam a "brotar" entre o 2º e 3º mês!

A sua mudança ou o seu rejuvenescimento será discreto e progressivo.

Este processo é exclusivamente médico e aprovado pelas Sociedades Médicas de todos os países.

Maiores informações.

DR.WAGNER DE MORAES

CRM 52.16.575.8

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 613 grupo 708.Rio

Av. Roberto Silveira, 488. Niterói.

Tels.: (021) 235.4697 / 255.8987 / 711-9652

Texto nº. 41

Tipo: Dissertação presente com predição

PROPAGANDA

A propaganda eleitoral em outdoor não foi proibida em área particular, desde que tenha autorização do proprietário informa o presidente do TRE, Joaquim Henrique de Sá.

Em locais públicos a propaganda só será possível com a permissão das prefeituras municipais, a quem cabe fixar as áreas permitidas. Segundo o desembargador, os outdoors de Collor de Mello e Leonel Brizola afixados em locais públicos só serão retirados se a Justiça for comunicada sobre as irregularidades.

Fonte: O Popular. Ano L, nº. 13.232. Seção "Agenda política" Goiânia, 15/08/1989:2.

Texto nº. 42

Tipo: Dissertação presente

A QUESTÃO ECOLÓGICA

Tem especial interesse, face à onda de preocupações internacionais com o desmatamento na Amazônia, a informação de que os incêndios em florestas da França assumem um ritmo extremamente acelerado, a. ponto de prosseguindo os índices registrados neste mês, todos os parques e reservas florestais daquele país poderem ser destituídos em 80 semanas. Nada seria mais tolo do que ver este fato como pretexto para negar as repercussões do problema da floresta amazônica.

Cabe, entretanto, ver a questão da Ecologia. com um mínimo de equilíbrio e isenção - e a atitude de alguns setores nos países desenvolvidos, como que a eleger o Brasil como inimigo número um da sobrevivência do planeta, está longe de refletir esta necessidade. O grau dos prejuízos causados ao meio ambiente pelas atividades industriais das grandes potências econômicas - sem contar os experimentos que realizam com a energia atômica - parece momentaneamente obscurecido diante da histeria internacional em relação ao problema da Amazônia.

Esperar de um país atolado na mais séria crise econômica que disponha de recursos próprios para uma exploração cuidadosa de seu próprio território; imaginar que seja possível fiscalizar com eficiência a imensa região da floresta equatorial brasileira numa circunstância de total colapso dos serviços públicos demonstra apenas, o emocionalismo e a desinformação com que o debate tem. sido conduzido.

É o mesmo emocionalismo, aliás; que tem inspirado atitudes de pura xenofobia e de pretensa defesa da integridade territorial do país - ponto que está fora de questão - cada vez que se avolumam denúncias contra a devastação da Amazônia. Seria puro suicídio investir numa política de "a devastação é nossa"; do mesmo modo, nada mais equivocado que fazer da preocupação com o meio ambiente o monopólio de alguns iluminados do Primeiro Mundo que teriam de advertir os selvagens abaixo da linha do Equador sobre os prejuízos que estejam causando à humanidade.

O problema da ecologia, no Brasil, é sobretudo o da miséria e do despreparo tecnológico; nos países desenvolvidos, o da inconsciência e do descontrole. Não São advertências abstratas mas a cooperação global das economias desenvolvidas com os problemas do Terceiro Mundo que poderá apontar para alguma solução concreta para o problema ambiental.

Fonte: Folha de São Paulo. Ano 69, nº. 22.049. São Paulo, 15/08/1989:A-2.

Texto nº. 43

Tipo: Dissertação presente com inserção narrativa e pequenas passagens preditivas

VOYAGER 2 ENCONTRARÁ NETUNO EM DEZ DIAS

Narracão

WASHINGTON - A sonda espacial Voyager 2 está a apenas dez dias de viagem do planeta Netuno, a última etapa de sua viagem de 12 anos. O encontro da nave com o penúltimo planeta do Sistema Solar acontecerá na madrugada do dia 25 de agosto./ A Voyager 2 já detectou quatro novas luas em órbita de Netuno e um segmento de anel criado pela gravidade das luas do planeta.

Dan Gray, diretor da equipe de navegação da Voyager disse que o grande número de experiências .que a nave deve executar faz com que esta missão seja mais difícil que os encontros anteriores com os planetas Júpiter, Saturno e Urano. A nave deve fotografar vários objetivos diferentes no sistema de luas de Netuno e o menor erro de cálculo pode colocar suas câmaras apontando para o espaço vazio.

Além disso, a idade dos computadores da nave, projetados nos anos 70, faz com que sua capacidade de memória seja muito reduzida. Antes do executar cada passo do programa eles precisam receber instruções completas do controle da missão. No ponto de aproximação máxima com Netuno a nave vai passar a apenas 5 mil quilômetros da atmosfera de Netuno. Como Netuno está a 4 bilhões de quilômetros da Terra isso corresponde a acertar uma bola de golfe num buraco a 3 mil quilômetros de distância. O menor erro de navegação pode fazer a Voyager mergulhar na atmosfera o planeta e se destruir.

Além disso Netuno é um planeta pouco conhecido, já que sua imagem não passa de um ponto para os telescópios terrestres. A distância é tão grande que os sinais de rádio da Voyager, viajando a velocidade da luz (300 mil quilômetros por segundo), levam 4 horas para chegar na Terra. Ao passar por Netuno a Voyager usará a gravidade do planeta como fonte de impulso para alcançar Tritão, a maior lua do sistema de Netuno, onde existe uma atmosfera e talvez um oceano de nitrogênio líquido.

Fonte: Jornal do Brasil. Ano XCIX, nº. 129. 1º caderno. Rio de Janeiro, 15/08/1989:5.

Texto nº. 44

Tipo: Dissertação presente com pequenas inserções narrativas e de injunção,

MEDO, ANSIEDADE E PÂNICO

Por Artur Beltrame Ribeiro

Muita coisa atemoriza as pessoas nas sociedades modernas. Só para ficar na área da saúde, duas grandes ameaças povoam as mentes: o infarto do miocárdio e a AIDS. Quem já não tomou conhecimento das terríveis conseqüências do infarto cardíaco? E a AIDS, então? Quantos já não sentiram o temor de sua presença ao aparecerem sintomas inesperados? Ter medo e ansiedade diante de coisas assim, dentro de certos limites, é normal. Trata-se de uma resposta do organismo diante de uma ameaça objetiva à própria existência, Sabemos o que nos ameaça e reagimos.

Medo e ansiedade são portanto sentimentos comuns, normais, que servem para nos proteger. Ambos são muito parecidos, primos mesmo. O medo geralmente se refere a um objeto ou a uma situação muito definida. Temos medo do perigo imediato. Já a ansiedade se caracteriza por uma sensação desagradável de tensão e apreensão, fazendo antecipar um perigo futuro, que pode ou não acontecer. No entanto, ambos são sentimentos úteis. O medo protege do perigo e salvaguarda nossa integridade física. Já a ansiedade, enquanto resposta emocional a uma situação, também pode nos estimular na realização de uma tarefa, tornando-nos atentos, melhores.

Quando, porém, a ansiedade vem sem causa aparente ou em intensidade exagerada torna-se prejudicial. Aí é hora de buscar socorro médico. Primeiro, porque os sintomas são desagradáveis. Em seguida, porque nossa capacidade intelectual é atingida. Realmente, a ansiedade diminui a capacidade de pensar com clareza, de julgar apropriadamente, de aprender com eficiência ou de recordar coisas com precisão. Finalmente, ela altera uma série de funções vegetativas do organismo (que ocorrem de modo independente da vontade). Passamos a apresentar suores internos, tremores,

tonturas, batadeiras, sudoreses, aumento no número de micções, dificuldade para dormir e uma terrível e persistente sensação de cansaço.

Mas, afinal, por que temos ansiedade em excesso? Provavelmente, esse sentimento é uma manifestação de conflitos não resolvidos. Ou porque conhecemos o problema e não temos segurança ou clareza para resolvê-lo ou porque trazemos, inconscientemente, problemas não resolvidos de infância em relação a emoções como hostilidade, insegurança, etc. Assim, a auto-ansiedade se alimenta, porque à medida que a sentimos em função de um sintoma tornamo-nos mais ansiosos. Tradicionalmente, combate-se a ansiedade afastando a pessoa da situação de conflito e dando-lhe - por meio de psicoterapia - munição para lidar com seus conflitos.

Recentemente reconheceu-se um tipo de situação que ocorre com muita frequência: a síndrome de pânico. Trata-se de um caso particular de crise de ansiedade não controlada, que alcança o nível do pânico. Os pacientes apresentam a síndrome sem qualquer causa aparente. Além da sensação de angústia, eles podem ter crises de pressão alta, batadeiras, falta de ar, náuseas, dores no peito e na cabeça, muitas vezes acompanhadas de sensações de morte iminente. Essas características são tão assustadoras que acabam destruindo a estrutura psíquica do paciente, que pode se tornar bastante deprimido. Como ele não entende o que está acontecendo, julga estar enlouquecendo e perdendo o autocontrole.

Desenvolve-se, a partir daí, uma ansiedade por antecipação, temendo uma nova crise. Não raro aparece um medo fóbico de situações que, no julgamento do paciente, podem desencadear uma crise. Muitos passam a não sair de casa e até deixam de dirigir automóvel, na tentativa infrutífera de se livrar do pânico. A imensa maioria dos pacientes faz inúmeras visitas a prontos-socorros, com pressão alta, taquicardia, queda da taxa de açúcar no sangue, etc. Nessas ocasiões, porém, ficam reconfortados, pois os exames que são obrigados a fazer resultam normais. Só que as crises continuarão, até que o diagnóstico seja estabelecido. Hoje, uma série de medicamentos pode ser eficientemente utilizada nesses casos, tornando as crises esparsas, de fraca intensidade, até se conseguir, finalmente, evitá-las. Assim, se o medo e a ansiedade ficarem muito intensos, não se desespere: seu médico tem muito a fazer por você.

Artur Beltrame Ribeiro é livre-docente em Medicina pela Escola Paulista de Medicina

Fonte: Superinteressante. Ano 3, nº. 10, São Paulo, Ed. Abril, outubro de 1989:83.

Texto n°. 45

Tipo: Dissertação presente com pequenos trechos narrativos inseridos (V. trechos entre colchetes).

TOMATE INDUSTRIAL: O CUIDADO COM AS PRAGAS

FRANCISCO LOPES FILHO*

O tomateiro industrial (***Lycopersicum esculentum*** Mil), provavelmente originário das regiões andinas do Peru, Bolívia e Equador, é cultivado em aproximadamente 2,5 milhões de hectares no mundo, com uma produção mundial superior a 50 milhões de toneladas. [No Brasil, o seu cultivo foi iniciado na região de Pesqueira, Pernambuco, há mais de 50 anos]. A produção nacional dessa olerícola, segundo o IBGE, é de cerca de 1,5 milhão de toneladas. [Os maiores produtores em 1985 foram São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro.]

O tomate industrial, também conhecido como tomate rasteiro, é produzido em áreas predominantemente de clima semi-árido, como o do Vale do São Francisco. [Nessa região, a cultura foi introduzida em 1972 pela Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuárias (IPA). A partir dos bons resultados conseguidos, os produtores começaram a dividir os plantios de cebola com os de tomate e com isso conseguiram chamar a atenção das indústrias produtoras da região.] Atualmente existem no eixo Juazeiro (BA)-Petrolina (PE) uma indústria em implantação e três em operação que processam mais de três mil toneladas de frutos por dia, gerando com isso cerca de mil empregos diretos e mais de sete mil indiretos.

No Vale do São Francisco, especialmente na região do submédio, as perspectivas dessa cultura são altamente promissoras, já que as condições edafoclimáticas associadas ao uso da irrigação contribuem favoravelmente para uma exploração em escala comercial permitindo que as indústrias processadoras da região operem o ano inteiro, o que não é possível quando se explora essa olerícola em regime de chuvas.

No submédio São Francisco, o tomate pode ser cultivado o ano todo. No entanto, a época mais favorável e de maior pico de plantio, compreende os meses de maio e junho, isso por que os plantios realizados de março a abril correm o risco de ser prejudicados por fortes chuvas. Plantios feitos após a primeira quinzena de julho, contudo, podem apresentar baixo pagamento de frutos, em virtude das elevadas temperaturas que normalmente são registradas no período. Apesar disso, a área explorada com essa cultura vêm crescendo a cada ano. Chega hoje a cerca de dez mil hectares, dos quais oito mil são destinados à industrialização. A região já é produtora de 50% de toda a produção nacional.

O tomate rasteiro mostra melhor desempenho em regiões de clima seco, onde as doenças de folhas não prejudicam tanto, daí sua expansão no submédio São Francisco. Por outro lado, nesta região a cultura é freqüentemente atacada por pragas que causam danos irreversíveis aos frutos destinados ao processamento industrial.

Pragas

Diversas pragas prejudicam a cultura, podendo causar grandes prejuízos se não detectadas e controladas a tempo. Entre as pragas, a "traça do tomateiro" (**Scrobipalpula absoluta**) é uma das que mais provocam danos à cultura na região. [Foi constatada pela primeira vez em 1981 no Vale do Rio Salitre, município de Juazeiro, Bahia.] Segundo a pesquisadora Francisca Nemauro Pedroza Haji, do próprio Centro de Pesquisa Agropecuária do Semi-árido, a praga provoca danos nas gemas, brotos terminais, folhas e frutos, ao longo do ciclo da cultura.

O microácaro ou "ácaro do bronzeamento" (**Aculus lycopersici**) tem seus primeiros sintomas de ataque observados na parte basal da haste da planta, que se torna escura. A face inferior das folhas atacadas também exibe este mesmo aspecto. Quando a infestação ocorre antes da frutificação, as plantas têm desenvolvimento severamente comprometido, podendo morrer prematuramente. Quando o ataque ocorre no final do ciclo, os frutos não amadurecem satisfatoriamente, apresentando-se queimados por ficarem expostos ao sol, devido à morte e queda das folhas. Também há acentuada redução da produtividade.

O ácaro vermelho (**Tetranychus evansi**) é uma praga que habita preferencialmente a face inferior das folhas, onde forma apreciável "rede de teias". As folhas atacadas tornam-se amareladas, chegando a morrer prematuramente. No período mais quente ou seco do ano, o nível populacional cresce fazendo com que esse inseto passe para a face superior das folhas. [Segundo estudos realizados na região pelos pesquisadores Francisco Ramalho e C. H. Flechtman também do Centro do Semi-Árido,] o início de infestação dessa praga pode ocorrer já aos 14 dias após o transplântio das mudas. O mais elevado nível de infestação pode ocorrer em plantas com 89 a 117 dias de idade. O inseto estava disseminado por todas as partes da planta. No entanto, outros estudos realizados informam que os seus níveis populacionais variaram bastante de um ano a outro.

A lavra minadora (*Liriomyza sativae*) tem como adulto uma mosca de coloração preta, que faz a postura dentro do tecido foliar. Esse inseto prejudica mais no período de sementeira e logo após o transplântio.

No segundo semestre de cada ano, e especialmente nos meses de agosto e setembro essa praga atinge níveis bastante elevados. No entanto; tem sido observado que os níveis elevados são alcançados apenas no final do ciclo de cultura, quando a maior parte dos frutos já está formada. Assim, acredita-se que a redução atribuída a essa praga não seja, via de regra, considerável.

Por fim, há a lagarta rosca (*Agrotis ipsilon*). A mariposa apresenta coloração geral escura, com as asas anteriores apresentando manchas e as posteriores geralmente claras; com ou sem manchas. A postura geralmente é feita no caule, hastes ou folhas das plantas, colocando cada fêmea de 200 a 500 ovos. O ataque típico da lagarta rosca é o corte das plantinhas na base, logo acima da região do colo, o que reduz o "stand" da cultura.

* - Engenheiro agrônomo Ms., Pesquisador do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido - CPAT. SA, C.P.23-56300 PETROLINA, PE.

Fonte: O Estado de São Paulo. Suplemento Agrícola. Ano XXXIV, nº 1766. São Paulo, 16/08/1989:28.

3.8 - INJUNÇÃO

Texto nº. 46

ABRIDOR AFIADOR AUTOMÁTICO ARNO QUANTO MAIS VOCÊ USA, MAIS VOCÊ GOSTA.

O Abridor Afiador automático Arno é um novo aparelho concebido para a cozinha moderna. Abre latas com muito mais facilidade e rapidez. Basta fixar a lata ao aparelho, pressionar a alavanca e pronto. Num instante, automaticamente, a lata estará aberta, O afiador, também acionado pela mesma alavanca, permite manter as facas de sua cozinha sempre aliadas, cortando suave e macio. Leia as instruções a seguir e diga adeus ao tempo em que você abria latas com as mãos. E ao tempo em que você esmerilhava a sua paciência com as facas da cozinha.

Como usar o abridor de latas

Coloque o aparelho sobre uma superfície plana. Levante a alavanca de acionamento e coloque a lata na posição de abertura com a borda externa da tampa superior sobre a roda dentada. Abaixe a alavanca, de modo que o disco cortante encoste na parte interna da tampa da lata. Apóie o imã sobre a tampa da lata para que este possa segurá-la depois do corte. Em seguida, pressione a alavanca para acionar o motor, mantendo-a pressionada até a abertura, parcial ou total, da lata. Você obterá, assim, rapidamente, um corte liso e uniforme, sem rebarbas. Segure a lata e levante

novamente a alavanca para soltá-la do abridor. A tampa, que ficou presa ao imã, poderá também ser facilmente retirada.

Para abrir latas, cujo tamanho seja maior que a altura do aparelho, utilize o abridor junto à borda da mesa, tomando o cuidado de segurar a lata durante toda a operação sempre que a lata for mais pesada que o aparelho.

Como usar o afiador de facas

Pressione a alavanca de acionamento da mesma forma como se procede para funcionar o abridor. Passe repetidas vezes o corte da faca na primeira e depois na segunda fenda do afiador procurando fazê-lo em movimentos uniformes, de modo que a lâmina fique lateralmente em contato com a pedra afiadora. Coloque a faca na fenda e puxe somente no sentido indicado no aparelho. Agindo assim, em pouco tempo a faca estará cortando outra vez como nova.

Porta cordão

O aparelho possui em sua base uma cavidade especial para acomodar o cordão, economizando espaço e facilitando seu trabalho.

Importante

Não abra latas de aerosol, nem latas cujo conteúdo esteja sob pressão, como as de cerveja, refrigerante, etc. Use o afiador somente em facas de lâmina lisa. Facas de serra ou de gume serrilhado não devem ser afiadas neste aparelho.

Fonte: Manual de instruções dos eletrodomésticos ARNO

Texto n°. 47

PRATOS DELICIOSOS E ECONÔMICOS

BOLINHOS DE BATATA

INGREDIENTES: 4 batatas médias cozidas em água e sal e amassadas, 1 cebola picada, meia xícara de óleo, salsa picada e 3 colheres bem cheias de farinha de trigo.

MODO DE FAZER: Numa panela, coloque o óleo, a cebola e deixe fritar um pouco. Junte a batata amassada, o sal, a salsa picada e a farinha de trigo. Misturar muito bem e deixar cozinhar até desgrudar da panela. Deixe esfriar e faça os bolinhos, passando-os no ovo batido e na farinha de rosca. Fritar em óleo quente.

Fonte: Notícias populares. N°. 9307. São Paulo, 24/10/1989:9.

Texto n°. 48

O DECÁLOGO

Então Deus pronunciou todas estas palavras, dizendo: 2 "Eu sou o Senhor teu Deus, que te fez sair do Egito, da casa da servidão.

3 "Não terás outros deuses diante de mim.

4 "Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma do que está em cima nos céus, ou em baixo sobre a terra, ou nas águas, debaixo da terra. 5 Não te prostrarás diante delas e não lhes prestarás culto. Eu sou o Senhor, teu Deus, um Deus zeloso, que vingo a iniquidade dos pais nos filhos, nos netos e nos bisnetos daqueles que me odeiam, 6 mas uso de misericórdia até à milésima geração com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos,

7 "Não pronunciarás o nome de JAVÉ, teu Deus, em vão, porque o Senhor não deixará impune aquele que pronunciar o seu nome em vão.

8 Lembra-se de santificar o dia de sábado. 9 Trabalharás durante seis dias, e farás toda a tua obra, 10 Mas no sétimo dia, que é um repouso em honra do Senhor, teu Deus, não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu animal, nem o estrangeiro que está dentro de teus muros, 11 Porque em seis dias o Senhor fez o céu, a terra, o mar e tudo que eles contêm, e repousou no sétimo dia: e por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o consagrou.

12 "Honra teu pai e tua mãe, para que teus dias se prolonguem sobre a terra que te dá o Senhor, teu Deus.

13 "Não matarás".

14 "Não cometerá adultério".

15 "Não furtarás".

16 "Não levantarás falso testemunho contra teu próximo"

17 "Não cobiçarás a casa do teu próximo: não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada do que lhe pertence".

18 Diante dos trovões, das chamas, da voz da trombeta e do monte que fumegava, o povo tremia e conservava-se à distância. 19 E disseram a Moisés: "Fala-nos tu mesmo, e te ouviremos; mas não nos fale Deus, para que não morramos". 20 Moisés respondeu-lhe: "Não temais; porque é para vos provar que Deus veio, e para que o seu temor, sempre presente aos vossos olhos, vos preserve de pecar". 21 E o povo conservou-se distância, enquanto que Moisés se aproximava da nuvem onde se encontrava Deus.

Fonte: Bíblia Sagrada, livro do "Êxodo".

Texto nº. 49

ESPREMEDOR ARNO

Compostos de 5 peças: a base do motor (provida de interruptor, fio e plug), a jarra coletora de suco, a peneira, o cone e a tampa.

Para montar o aparelho, adapta-se primeiro a jarra sobre a base do motor.

Coloca-se a peneira sobre a jarra.

Adapta-se o cone no eixo do motor, visível pela abertura no centro da peneira. Tomar cuidado para que o cone se encaixe no eixo até o fim.

As frutas devem ser cortadas ao meio e as metades comprimidas, uma a uma, sobre o cone.

Após o uso, retira-se o cone e a peneira, coloca-se a peneira sobre a tampa voltada para cima, para recolher o resto de suco que ainda escorrer.

As jarras, retiradas de sobre o motor, podem ser usadas diretamente para servir o suco: a do modelo Arno segurando-a pela alça, a do modelo Novo Arno introduzindo os dedos na saliência lateral conforme mostram as ilustrações.

Atenção

Ao transportar o aparelho, tomar cuidado de segurá-lo sempre pela base, nunca pela alça da Jarra.

Limpeza

Todas as partes dos Espremedores exceto a base do motor, devem ser bem lavadas com água e sabão. Nunca se deve lavar a base do motor. Tal peça deve ser limpa com um pano úmido e, em seguida, com um pano seco.

Fonte: Manual de instruções dos eletrodomésticos ARNO

Texto nº. 50

FALSO VATAPÁ

Vera Santos de Oliveira

Material usado:

1 vidro de leite de coco, 2 colheres (sopa) de azeite de dendê, 1 litro de leite de vaca, 2 tabletes de caldo de galinha, 3 pães de sal, 1 lata de milho verde, cebola, alho, pimenta, 1 frango afogado com açafrão.

Modo de fazer:

Colocar o pão de molho no leite e bater no liquidificador. Refogar esta papa no óleo com cebola batidinha e alho. Acrescentar o azeite de dendê e o leite de coco. Jogar o caldo de frango, e os tabletes de caldo de galinha. Deixar ferver e se estiver grosso, colocar mais ou menos 1 copo de água, e em seguida, o frango desfiado. Por último, colocar o milho verde e retirar do fogo; para não ferver.

Fonte: Araxá põe a mesa. Belo Horizonte, o Lutador, 1989:85.

Texto nº.51

OBS.: Veja os quadros marcados com X

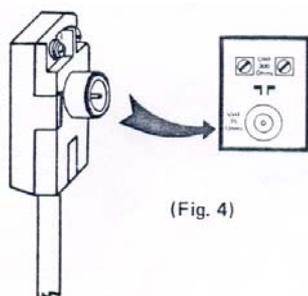
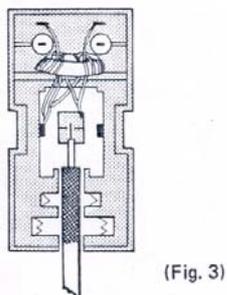
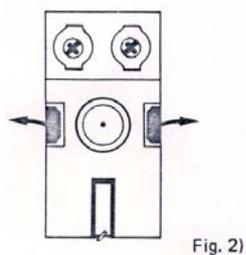
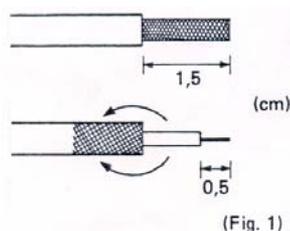
HORÓSCOPO DE JEAN PERRIER				
PARA HOJE				
	CARNEIRO 21/03 - 20/04	TOURO 21/04 - 20/05	GÊMEOS 21/05 - 20/06	CÂNCER 21/06 - 31/07
NEGÓCIOS	Conjuntura excelente, <u>aproveite para fazer</u> uma grande realização.	Conjuntura favorável, <u>consolide</u> o que já estabeleceu	Você pode procurar capitais, dinamismo no trabalho	Amizade preciosa no trabalho, proposta inesperada
SAÚDE	Em geral, boa saúde, mas cuidado com seu fígado.	Seu estado nervoso não é muito bom, cuidado	Grande forma física, a natação é-lhe salutar	<u>Evite</u> quaisquer excesso e cuidado com esgotamento
AMOR	Setor neutro, <u>organize</u> uma reunião amigável que será muito agradável.	Dissabor no plano sentimental, falta de sorte	Você promoverá um mal-entendido que você será o primeiro a lamentar	Belas horas sentimentais aguardam-no, aproveite
PESSOAL	<u>Não se deixe surpreender</u> e <u>saiba explorar</u> suas oportunidades.	<u>Mexa-se, faça</u> visitas e <u>reveja</u> velhos conhecidos	<u>Faça calar</u> seu amor próprio e <u>dê</u> o primeiro passo para, um amigo	<u>Recue e examine</u> bem todos os problemas com objetividade
	LEÃO 22/7 - 22/08	VIRGEM 23/08 - 22/09	BALANÇA 23/09 - 22/10	ESCORPIÃO 23/10 - 21/11
NEGÓCIOS	Aborrecimentos diversos, no que diz respeito a sua situação, prudência.	Dia que não será favorável, prudência nos negócios	Finanças neutras, inveja no trabalho, cuidado	Elaborar um projeto, assinatura e finanças favorecidas
SAÚDE	Você dará mostras de resistência e poderá realizar um grande esforço.	Para seu estômago, cuidado com a alimentação	Você está realmente muito nervoso, descanse	Saúde boa em geral, não dramatize seus pequenos mal-estares
AMOR	No plano sentimental, uma série de circunstâncias ajudará seus projetos.	Plano sentimental de primeira ordem, grande satisfação	Plano neutro, <u>faça</u> sua correspondência amorosa	Reunião amigável que será uma decepção para você, cuidado com os amigos
PESSOAL	A amizade exige às vezes discrição e sacrifícios	Dia favorável para transformar sua casa	Viagem ou visita, mas contatos úteis para o futuro	<u>Distraia-se</u> mais para esquecer as preocupações
	SAGITÁRIO 22/11 - 21/12	CAPRICÓRNIO 22/12 - 20/01	AQUÁRIO 21/01 - 19/02	PEIXES 20/2 - 20-3
NEGÓCIOS	As finanças não são fáceis, <u>seja</u> muito prudente	Trabalho e finanças favorecidos, bem como certos acordos profissionais	No plano profissional, cuidado com os colegas	As finanças deixam a desejar, mas o clima profissional é bom
SAÚDE	Não se agite à toa, as emoções são-lhe, nefastas	Boas influências, você tem uma excelente resistência física	Você se sentirá em plena forma, faça ioga	Nada a assinalar, sua saúde é excelente
AMOR	Notícia importante que lhe dará uma grande alegria	A pessoa amada precisa de seu afeto, não a faça sofrer	Problema no plano sentimental, <u>não estrague</u> as coisas	Alegria de viver que você saberá comunicar aos que ama
PESSOAL	Vida privada intensa, <u>procure consolidar</u> suas relações	Entendimento perfeito com os amigos, <u>aceite</u> suas sugestões	Você tem tempo, não se imponha esforços suplementares	Estude bem o caráter das pessoas que o rodeiam

Fonte: Jornal da Tarde. Ano 24, nº. 7,283. São Paulo, 16/08/1989:23.

LIGAÇÃO DAS ANTENAS EXTERNAS

VHF Para ligar a antena externa é preciso primeiro conectar o plugue que [acompanha] o televisor ao cabo da antena, procedendo do seguinte modo:

Ligue cada terminal da antena em cada um dos parafusos do plugue. Localize na tampa traseira o cabo da antena interna, desligue-a e em seu lugar, ligue a antena externa.



DISSERTAÇÃO

2. Cabo da antena de 75 ohm (fio redondo):

Este cabo usualmente apresenta um adaptador ligado à sua extremidade, que transforma o fio redondo em fios paralelos. Você poderá conectá-los diretamente ao plugue que acompanha o seu televisor, conforme descrito no item acima.

Melhor Qualidade de Imagem

A fim de melhorar ainda mais a qualidade da imagem, o seu televisor Philips oferece a possibilidade de conexão do próprio cabo de antena redondo (75 ohms) à tomada de antena do aparelho, eliminando desta maneira perdas desnecessárias na transformação de fios redondos em paralelos.] Para isto é necessário eliminar o adaptador usualmente ligado à extremidade do cabo de antena e proceder conforme explicação à seguir.

- # - Retire a isolação externa dê cabo em aproximadamente 1,5 em, evitando não danificar a malha de cobre interna.
- # - Com uma chave de fenda, desmanche a malha de cobre e vire-a sobre a isolação externa do cabo.
- # - Retire a isolação do fio interno em aproximadamente 0,5 em (Fig. 1)
- # - Abra o plugue, separando-o em duas partes (Fig. 2)
- # Posicione a parte do fio com a malha de cobre entre as quatro garras internas do plugue e o fio rígido no encaixe central em forma de V, pressionando-o para baixo para garantir bom contato.

- # Com um alicate, aperte as quatro garras sobre a malha de cobre. (Fig. 3).
- # Feche o plugue.
- # Localize na tampa traseira o cabo da antena interna, desligue-o, e em seu lugar, ligue a antena externa. (Fig. 4)

UHF •# Ligue os terminais da antena nos parafusos localizados na tampa traseira do televisor.

Fonte: Manual de Instruções do TV Phillips 14.CT 6401/UV-p.2

Texto nº. 53

NEBLINA NA PISTA: REDOBRE E ATENÇÃO

Os motoristas mais precavidos costumam dizer que a melhor maneira de se guiar na neblina é não guiar na neblina. Mas, como enfrentar o tempo é na maior parte das vezes inevitável, quem pega a estrada nesta época de frio de julho e agosto, em que os nevoeiros não costumam dar trégua aos viajantes, torna-se necessário observar alguns cuidados que a Fiat Automóveis recomenda:

- A primeira medida a ser tomada pelo motorista que entra num trecho de estrada com neblina é acender as luzes de posição e os faróis baixos. Simultaneamente, deve-se reduzir a velocidade.

- Nunca acenda o farol alto. Ele ofusca a vista do motorista que trafega em sentido oposto e o reflexo de seu fecho na névoa cria diante de seu próprio carro uma cortina que o impede de enxergar adiante.

- Fique de olho na borda da estrada. A sinalização horizontal será de grande importância para sua orientação.

- Jamais ultrapasse sob neblina.

- Nunca siga de perto um veículo que trafega à sua frente. Sob a neblina ou não, este é sempre um grande perigo. Qualquer freada mais brusca torna o choque inevitável. A proximidade com o pára-choque do carro à sua frente impede que você perceba mudança de velocidade do veículo.

- Acione sempre o limpador de pára-brisa. Quando se trafega na neblina é comum ocorrer o depósito de uma camada de água sobre o vidro, prejudicando ainda mais a visão.

- Lembre-se: o pisca-alerta serve apenas para sinalizar “veículo parado”. Portanto, se você usa o pisca-alerta com o carro em movimento, corre o risco de parecer estacionado, tanto para quem trafega no mesmo sentido, como para quem vem em sentido contrário.

- Nunca pare na estrada. Busque o acostamento, o mais distante possível da pista de rodagem e, só então, ligue o pisca-alerta.

- Se o nevoeiro é intenso, a estrada mal sinalizada e a decisão é parar, o melhor é fazê-lo num posto de gasolina ou num restaurante à beira da estrada, até que se tenha melhores condições de dirigibilidade.

Cuidados gerais

Como nunca se sabe quando se vai encontrar este tipo de situação, é bom ter sempre o carro funcionando em perfeito estado, com os dispositivos necessários em condições de serem usados a qualquer instante. Assim, a Fiat Automóveis sugere que se verifique:

- Funcionamento das luzes de posição e outras lanternas.

- Regulagem dos faróis dianteiros. Desregulada, a luz baixa funciona como alta, que, na neblina, nunca lhe servirá. Os veículos da linha Fiat, aliás, dispõem de regulagem dos faróis para condições de carga completa e parcial, que evita a elevação dos feixes quando, com peso, a parte traseira do veículo se baixa.

Fonte: Jornal da Tarde. Ano 24, nº. 7283. "Jornal do carro/ Caderno de serviço". São Paulo, 16/08/1989:10-B.

Texto nº. 54

PARA PINTAR O RETRATO DE UM PÁSSARO

Para Eisa Henriquez

Primeiro pintar uma gaiola

com a porta aberta

pintar depois

algo de lindo

algo de simples

algo de belo

algo de útil
 para o pássaro
 depois dependurar a tela numa árvore
 num jardim
 num bosque
 ou numa floresta
esconder-se atrás da árvore
 sem nada dizer
 sem se mexer...

Dissertação { Às vezes o pássaro chega logo
 mas pode ser também que leve muitos anos
 para se decidir

Não perder a esperança
esperar

esperar se preciso durante anos

Dissertação { a pressa ou a lentidão da chegada do pássaro
 nada tendo a ver
 com o sucesso do quadro

Quando o pássaro chegar
 se chegar

guardar o mais profundo silêncio

esperar que o pássaro entre na gaiola

e quando já estiver lá dentro

fechar lentamente a porta com o pincel

depois

apagar uma a uma todas as grades

tendo o cuidado de não tocar numa única pena do pássaro

Fazer depois o desenho da árvore

escolhendo o mais belo galho

para o pássaro

pintar também a folhagem verde e a frescura do vento

a poeira do sol

e o barulho dos insetos pelo capim no calor do verão

e depois esperar que o pássaro queira cantar

Se o pássaro não cantar
 mau sinal
 sinal de que o quadro é ruim
 mas se cantar bom sinal
 sinal de que pode assiná-lo
 Então você arranca delicadamente
 uma das penas do pássaro
 e escreve seu nome num canto do quadro.

Fonte: PRÉVERT (1985:15 e 17)

Texto nº. 55

SUFLÊ DE CENOURA

Tempo de preparo: 1 hora

Receita para 4 pessoas

3 cenouras médias

3 colheres (de sopa) de manteiga ou margarina

3 colheres (de sopa) de farinha de trigo

1 xícara de leite

1/2 colher (de chá) de sal

4 ovos separados

Raspe as cenouras e cozinhe até que estejam macias. Amasse bem ou passe por peneira. Meça. Deve haver uma xícara bem cheia de purê de cenoura. Derreta a manteiga ou margarina. Junte a farinha e mexa bem. Junte o leite aos poucos, mexendo, sem parar. Salgue a gosto e deixe a mistura esfriar ligeiramente. Bata muito bem as gemas. Adicione à mistura de leite esfriada. Acrescente o purê de cenoura e misture bem. Bata as claras em neve firme, adicionando a metade da neve à mistura de cenoura. Mexa bem. Junte o restante das claras em neve e misture cuidadosamente. Unte uma forma com capacidade de 2 litros. Coloque a mistura. Asse em forno moderado, pré-aquecido, por 30 a 40 minutos, até que esteja crescido e dourado.

Fonte: O grande livro de receitas de Cláudia. São Paulo, Ed. Abril, sem data: p.250.

3.9 - NARRACÃO PASSADA E ORDENACÕES

Texto nº. 56

CANDIDATURA SEMPRE TEVE DIFICULDADES

Da Redação

Quando Aureliano Chaves deixou o Ministério das Minas e Energia, em dezembro de 88, já se cogitava a possibilidade de sua candidatura. O ex-ministro, no entanto, exigia consenso do partido em torno de seu nome e chegou a dizer, no início de março, [que não se constrangeria se o PFL escolhesse outro candidato.] A Executiva do partido resolveu então "recomendar", com unanimidade, sua candidatura.

Ao longo daquele mês, porém, ao tentar costurar o apoio do partido, voltou a afirmar que não seria candidato de um partido dividido e admitiu apoiar uma virtual candidatura do ex-prefeito Jânio Quadros, se esta tivesse unanimidade.

Jânio acabou não se filiando ao PFL e anunciou que não seria candidato (pela última vez) no dia 27 de maio.

No início de abril, Aureliano disse ao ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, [que desistiria se sua candidatura não decolasse em dois meses.] Dias depois, fez diversas críticas à ala "moderna", do senador Marco Maciel (PFL-PE), e voltou a colocar a possibilidade de renunciar.

Quando Maciel resolveu, no dia 17, que iria disputar as prévias que escolheram o candidato, Aureliano só se definiu por permanecer na disputa após reunião com o deputado José Lourenço (PFL-BA), coordenador de sua campanha. Nas prévias, dia 21 de maio, Aureliano venceu.

No início de junho, os líderes do grupo que apoiou Maciel, céticos quanto à possibilidade de Aureliano reverter a situação desfavorável nas pesquisas e seduzidos em parte pela candidatura Collor, resolveram propor o adiamento da convenção marcada para 2 de julho.

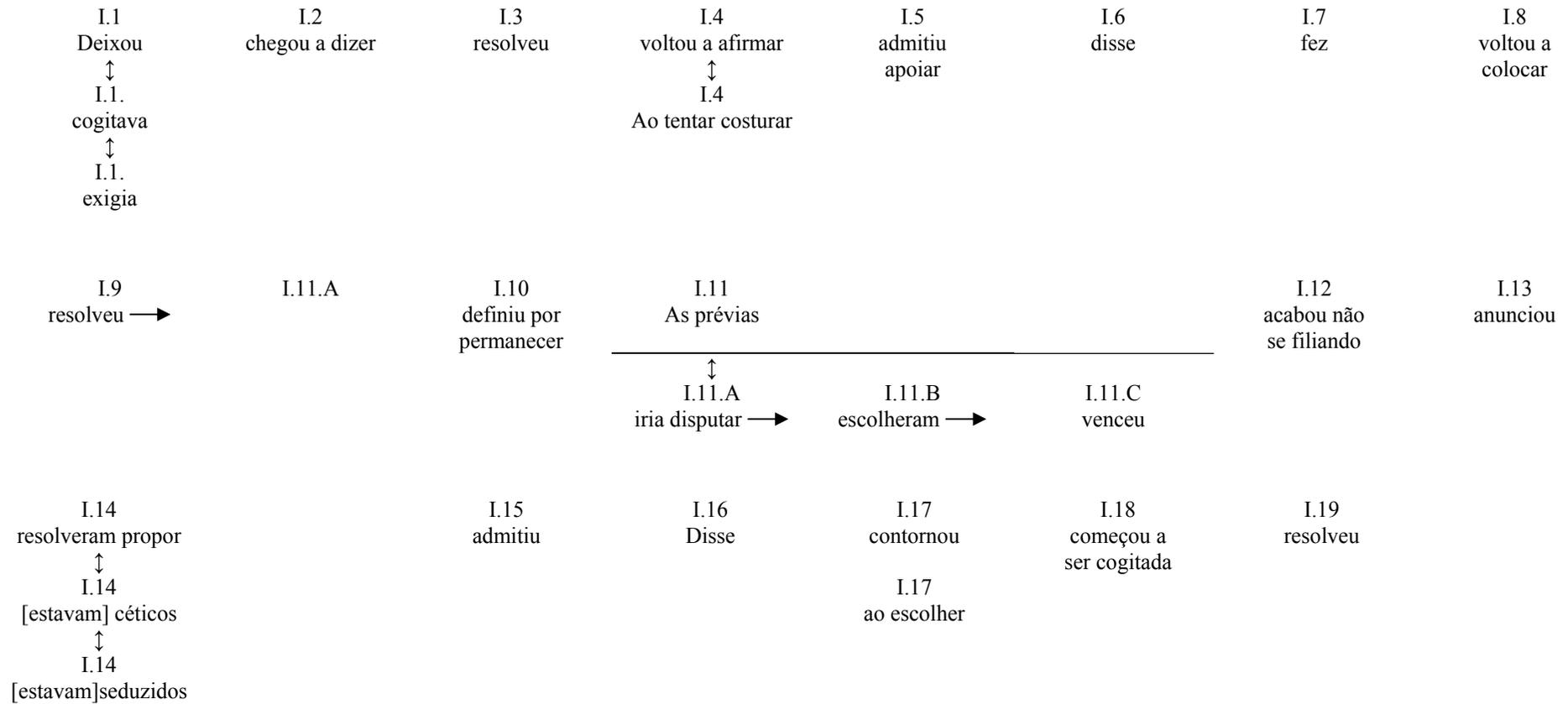
Aureliano admitiu a possibilidade de não vencer as eleições, mas apesar dos rumores, disse [que resistiria as pressões e continuaria candidato.] contornou momentaneamente a crise ao escolher o janista Cláudio Lembo para ser seu vice.

No final de julho começou a ser cogitada a candidatura de Oscar Corrêa e a cúpula do PFL resolveu dar prazo até agosto para Aureliano decolar.

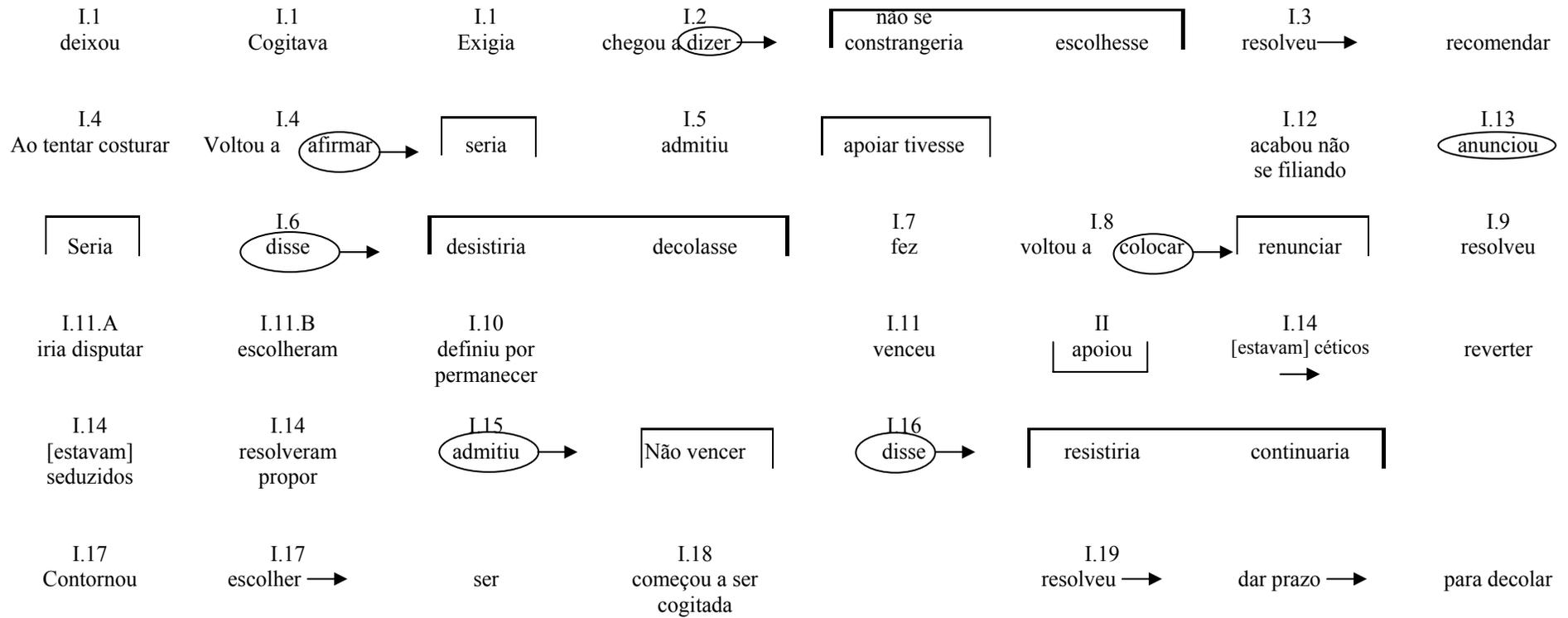
Fonte: Folha de São Paulo. Ano 69, nº. 22.049. São Paulo, 15/08/1989:B-3.

OBS.: Nesta e em outras narrativas o colchetes delimita trechos dissertativos, descritivos e de discurso direto, indireto e indireto livre.

"Candidatura sempre teve dificuldades" in Folha de São Paulo, Ano 69 n°. 22.049. São Paulo, 15/08/1989:B-3.



"Candidatura sempre teve dificuldades" in Folha de São Paulo, Ano 69 n°. 22.049. São Paulo, 15/08/1989:B-3.



Texto nº. 57

“A CRISE CARDÍACA” (AM2)

(E como foi essa crise cardíaca que o senhor teve?)

“Essa crise me deu dia 21 de abril
há dois ano passado.
Foi de domingo.
 Me deu uma dor assim no vazio do estômago,
 mas violentamente
 e veio no coração aquela dor
 e já não vi mais nada,
desmaiei
 e caí.
 Ali me acudiram
 e já foram... o meu genro foi buscá
 o médico.
Era uma hora da tarde, depois do almoço.
 E quando eu voltei e conheci que eu tava
 na minha cama, era no outro dia. ,
 (Estava) tomando soro,
 (Estava) tomando transfusão de sangue
 e injeção.
 Ali num pude mais trabalhá...

Dissertação

{
 Agora tô bom!
 Agora faz seis meses que não tenho
 mais problema.
 Mas, (estou) num regime, num tratamento,
 coisa bárbara!"

Fonte: CASTRO (1980:99)

Texto nº. 58

HISTÓRIA TRISTE DE TUIM

RUBEM BRAGA

[João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente,] mas de dentro daquela casa de João-de-barro vinha uma espécie de choro, um chorinho fazendo tuim, tuim, tuim....

A casa estava num galho alto, mas um menino subiu até perto, depois com uma vara de bambu conseguiu tirar a casa sem quebrar e veio baixando até o outro menino apanhar. Dentro, [naquele quartinho que fica bem escondido depois do corredor de entrada para o vento não incomodar,] havia três filhotes, não de João-de-barro, mas de tuim.

[Você conhece, não? De todos esses periquitinhos que tem no Brasil, tuim é capaz de ser menor. Tem bico redondo e rabo curto e é todo verde, mas o macho tem umas penas azuis para enfeitar. Três filhotes, um mais feio que o outro, ainda sem penas, os três chorando.] O menino levou-os para casa, inventou comidinhas para eles, um morreu, outro morreu, ficou um.

[Geralmente se cria em casa é casal de tuim, especialmente para se apreciar o namorinho deles.] Mas aquele tuim macho foi criado sozinho e, como se diz na roça, criado no dedo. Passava o dia solto, esvoaçando em volta da casa da fazenda, comendo sementinhas de imbaúba. Se aparecia uma visita fazia-se aquela demonstração: era o menino chegar na varanda e gritar para o arvoredo: tuim, tuim, tuim! Às vezes demorava, então a visita achava que aquilo era brincadeira do menino, de repente surgia a ave, vinha certinho pousar no dedo do garoto.

Mas o pai disse: ["menino, você está criando muito amor a esse bicho, quero avisar: tuim é acostumado a viver em bando. Esse bichinho se acostuma assim, toda tarde vem procurar sua gaiola para dormir, mas no dia que passar pela fazenda um bando de tuins, adeus. Ou você prende o tuim ou ele vai embora com os outros, mesmo ele estando preso e ouvindo o bando passar, esta arriscado ele morrer de tristeza".]

E o menino vivia de ouvido no ar com medo de ouvir bando de tuim.

Foi de manhã, ele estava catando minhoca para pescar quando viu o bando chegar, [não tinha engano: era tuim, tuim, tuim...] Todos desceram ali mesmo em mangueiras, mamonas e num bambuzal, dividido em partes. E o seu? Já tinha sumido, estava no meio deles, logo depois todos sumiram para uma roça de arroz, o menino gritava com o dedinho esticado para o tuim voltar, mas nada dele vir.

Só parou de chorar quando o pai chegou a cavalo, soube da coisa e disse: ["venha cá"]. E disse: ["O senhor é um homem, estava avisado do que ia acontecer, portanto, não chore mais"].

O menino parou de chorar, porque tinha brio, mas como doía seu coração! De repente, olhe o tuim na varanda! Foi uma alegria na casa que foi uma beleza, até o pai confessou [que ele também estivera muito infeliz com o sumiço do tuim.]

Houve quase um conselho de família, quando acabaram as férias: [deixar o tuim, levar o tuim para São Paulo?] Voltaram para a cidade com o tuim, o menino toda hora dando comidinha a ele na viagem. O pai avisou: ["aqui na cidade ele não pode andar solta, é um bicho da roça e se perde, o senhor está avisado"].

Aquilo encheu de medo o coração do menino. Fechava as janelas para soltar o tuim dentro de casa, andava com ele no dedo, ele voava pela sala, a mãe e a irmã não aprovavam, o tuim sujava dentro de casa.

[Soltar um pouquinho no quintal não devia ser perigo, desde que ficasse perto, se ele quisesse voar para longe era só chamar, que voltava,] mas uma vez não voltou.

De casa em casa, o menino foi indagando pelo tuim: ["que é tuim?"] perguntavam pessoas ignorantes. "Tuim?" Que raiva! Pedia licença para olhar no quintal de cada casa, perdeu a hora de almoçar e ir para a escola, foi para outra rua, para outra.

Teve uma idéia, foi ao armazém de "seu" Perrota: ["tem gaiola para vender?"] Disseram [que tinha.] ["Venderam alguma gaiola hoje?"] Tinham vendido uma para uma casa ali perto.

Foi lá, chorando, disse ao dono da casa: ["se não prenderam o meu tuim então por que o senhor comprou gaiola hoje?"]

O homem acabou confessando [que tinha aparecido um periquitinho verde sim, de rabo curto, não sabia que chamava tuim.] Ofereceu comprar, [o filho dele gostara tanto, ia ficar desapontado quando voltasse da escola e não achasse mais o bichinho. "Não senhor, o tuim é meu, foi criado por mim".] Voltou para casa com o tuim no dedo.

Pegou uma tesoura: [era triste, era uma judiação, mas era preciso:] cortou as asinhas, [assim o bichinho poderia andar solto no quintal, e nunca mais fugiria.]

Depois foi lá dentro de casa para fazer uma coisa que estava precisando fazer, e, quando voltou para dar comida a seu tuim, viu só algumas penas verdes e as manchas de sangue no cimento. Subiu num caixote para olhar por cima do muro, e ainda viu o vulto de um gato ruivo que sumia.

Acabou-se a triste história do tuim.

(Ai de Ti, Copacabana)

Fonte: AZEVEDO FILHO (s/dada:17/20)

Texto nº 59

do sul e no Mato Grosso do Norte, né?, então... que é o Mato Grosso. Aqui pra cima tá o Mato Grosso. Então, o pantanal pega essa região aqui ó.

B Mais no norte, né?

A É, ele pega o...o sudoeste, né?, do...do Estado do Mato Grosso do Sul.

B Não. O noroeste.

A Noroeste, isso. Noroeste. Parece que a maior/a maior área de pantanal é do... do Mato Grosso

B Humhum

A Agora teve uma ocasião que eu voltei pra... pra Campo Grande, tava voltando de avião, foi em maio, e o tempo fechô em Campo Grande, nós não paramo(s) em Campo Grande nós fomo(s) pra...pra Corumbá. Sabe?, o avião passô direto. [Aí que tá o rio Paraguai.

B Humhum

A Né?Meu Deus! Parece um mar. Cê num vê num vÊ a o/a outra margem. Impressionante como é grande!

B E de avião?

A De avião. Apesar que ele ta/tava pousando já em Corumbá, então ele não tava numa altitude..., né

B Humhum

A Mas eu fiquei impressionada com a largura do rio.

B Ele é o rio que faz divisa? Faz divisa entre os dois

A É

B Estados ou com a Bolívia?

A É.

B Também com a Bolívia. Né?

A Também com a Bolívia. Também com a Bolívia. Eu nunca parei em Corumbá, sabe? Porque a.../Eu não sei se essa região que eu vi, sabe?, de que lado aí do rio, se era já Bolívia, ou era o pantanal da Bolívia ou era o pantanal do Brasil, sabe? E aí (o)cê vê, né?, aquela mas aquela quantidade d'água que não acaba mais. (Eu) fiquei impressionada. Falei: [tô vendo] - [Porque o tempo tava fechado, né, tava...tava ruim de vÊ, visibilidade -] falei: [não, isso aí deve sÊ mata.] Né?, [porque do alto (vo)cê

enxerga uma coisa uniforme, né? Aí a...a senhora que tava do meu lado falô: [não, é o...é o rio [Paraguai.]

C o nove?

E (Acho que não é o nove.)

A Então experimente o sete. Pra ligação local a cobra(r).

D É a cobrar, é.

A Então ligação local a cobrar. Sete.

D Sete e depois o número.

A Experimente o sete.

E Isso aqui é...é metropolitana, região metropolitana.

B Pois é, então acho que é o sete. Porque no/na cidade a gente pode fazê isso, né?

A É, é.

E É a mesma coisa.

A Sete zero quatro um e o...

E Não, zero quatro um não precisa.

A Daí não precisa?

C Não, não precisa.

E Não precisa.

B Porque se é local...

E Isso aqui é local

D Daí não.

C Aqui é direto.

E Aqui é direto. Isso aqui é uma zona metropolitana. São José dos Pinhais, Paranaguá, tudo é Curitiba.

C ()

A Mas São José dos Pinhais

B Paranaguá?

A Tem um prefixo diferente, né? Lá na universidade, lá na federal, logo no início, quando a gente queria ligá pra São José tinha que pedi pra telefonista porque era interurbano.

D ()

A Que mal pergunte pra onde eles tão ligando?

B ã?

A ()

B É... pra... minha vó.

C Liga direto.

D ()

E (espera um pouquinho)

B Tá ocupado?

D ()

E ()

B Sei lá.

A Eu levei um susto danado no começo, fiquei com medo de conhecê o pantanal, porque quando eu cheguei lá pra fazê o concurso, foi uma professora que me atendeu, () o nome dela. Aí fizemo o concurso e tal, papapá, papapá [e aquela coisa, né?, fica ali, né? Fica uma situação,] né? Aí terminô o concurso, [aí já, seja que resultado for, né? Tá feito.]

B Humhum

A Então, - (a)inda mais que ela fazia parte da banca -[Aí papo vai, papo vem,] aí comecei a perguntá da universidade, [como é que era, como é que não era, onde é que ela tinha estudado, qual era a formação dela, papá, papá.] Aí começô a me contá da vida dela. De repente ela me chama na...na...na sala dela e me mostra a fotografia de dois meninos. Os dois filhos dela. Um de dezesseis e um de dezoito anos que foram assassinados no pantanal.

B Aí, que baxo astra.!

A Tá? Os dois meninos dela, um com dezesseis, um com dezoito anos, foram com um casal que estava em lua de mel, de São Paulo, primos deles, tá?, pra i(r) pro pantanal. Assim, foram num dia pra voltá no otro. E não voltaram mais, porque os corero mataram, os quatro. Já pensô/ Em julho de oitenta e quatro isso.

B Puts!

A Mataram os quatro. Aliá/ Primero bateram judiaram, maltrataram, mataram, rasgaram a barriga deles interinha pros bicho comerem e não acharem, não acharem, só acharem as carcaças.

B Mas como é que descobriram? Que tinham matado?

A Porque ele/ Passô um dia, passô dois, ninguém aparecia, ninguém/ eles não voltavam, daí o Seu Almir, [que é o pai dos menino,] começô a procurá. Aí começô a ficá

desesperado, porque eles só tinha ido pra vol/ Qué dizê, alguma coisa de ruim tinha acontecido com eles, porque eles não tinham dado sinal de vida.

B Humhum

A Até o exército saiu à procura. Aí encontraram. Com onze dias. Depois de onze dias. Pegaram os corero. Né?

B ()

A Mas já pensô? Aí eu chego, né? Três dias de Campo Grande, a mulher yem me dizê que dois filhos dela foram mortos no pantanal. [Cê acha que eu vô pro pantanal?] Aí, depois que ela me contô, que me mostrô a fotografia dos dois e tal - dois meninos lindos -, aí ela falô: [não, mas agora já tá bem policiado. Tem... fiscal do IBDF, fiscal do INAMB - que é um órgão de...de preservação do ambiente lá no Mato Grosso do Sul. Então tem muito fiscal, policial e tal papapá.]

B [É, mas pelo que a gente vê em reportagem sem/por mais fiscal que tenha sempre é insuficiente.

A Exatamente.]

É o que eu to/falei. [Eu... eu sempre digo: qué lugar melhor pra bandido se escondê do que ali naquele matagal lá? Eu eim.] Olha, tem gente roncando ()

C ((riso)) (Cê não tem o gravador?)

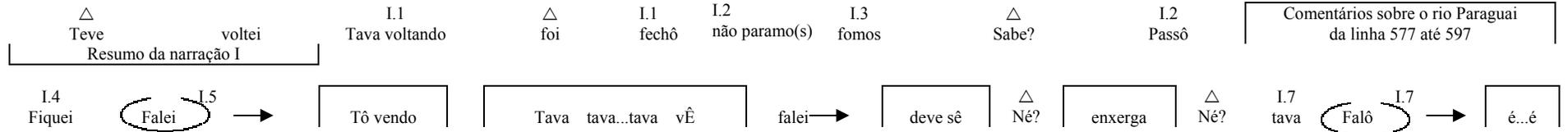
B ((riso))

A Pchiu. Fala baxo pra não acordá.

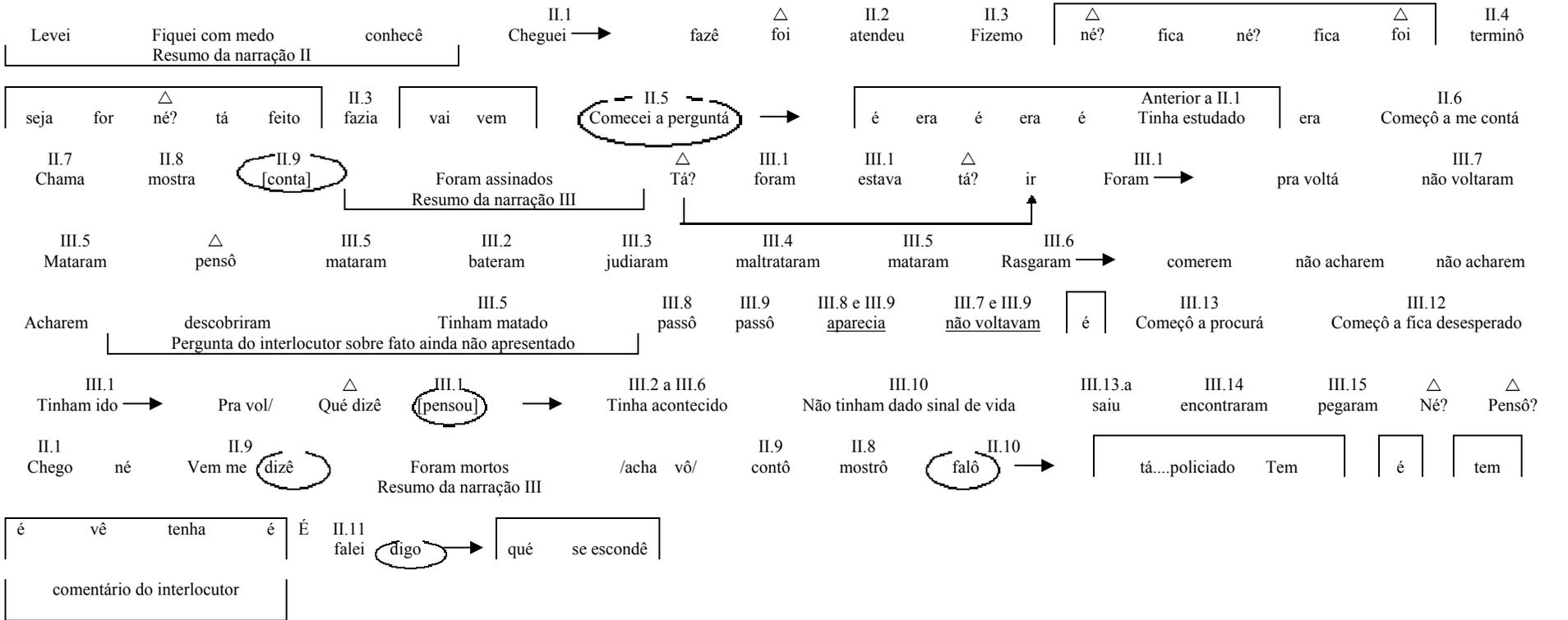
D O gravador tá funcionando aí?

Fonte: BERLINCK (1987:20-24)

BERLINCK 91987): Inquérito nº 3: trecho da P. 20 linha 573 até p. 24 linha 709



/linha 604 a 650: interferência de um terceiro falante sobre como fazer interurbano a cobrar/



BERLINCK 91987): Inquérito nº 3: trecho da P. 20 linha 573 até p. 24 linha 709

NARRATIVA 1

Resumo	△	I.1	I.2	I.3	I.4	I.5	I.6	I.7
	teve	voltei	Tava voltando	Não paramos = passô	fomos	fiquei	falei	falei
			↓					↓
			I.1					I.7
			fechô					falô

NARRATIVA 2

Resumo:	levei	Fiquei com medo	→	conhecê	II.1	→	fazê	II.2	II.3	II.4	II.5	II.6
					cheguei			atendeu	fizemo	terminô	comecei a perguntá	começô a me contá
					↓				↓			
					II.1				II.3			
					chego				fazia			

II.7	II.8	II.9	=	contô	=	vem me	dizê	→	Narrativa 3	II.10	II.11
chama	Mostra	[Conta]								falô	falei
	↓										
	II.8										
	mostrô										

NARRATIVA 3

Resumo:	Foram assassinados = foram mortos	III.1	Foram = foram tinham ido	→	prá volta = prá vol/	III.2	III.3	III.4
						bateram	judiaram	maltrataram
			↓					
			Anterior a III.1 e III.1					
			estava	→	ir			

III.5	III.6	III.7
Mataram = mataram = mataram = tinham matado	Rasgaram → comerem não acharem = não acharem = acharem	não voltaram

III.8	III.9	III.10	III.11	III.12(?)	III.13(?)
Passo	passô	não tinham dado sinal de vida	[pensou]	começo a fica desesperado	começô a procurá
↓			→		↓
III.8 e III.9					III.13
<u>Aparecia</u>					saiu
III.8 e III.9					
<u>Voltavam</u>					

III.14	II.15
Encontraram	pegaram

Observações à ordenação de BERLINCK (1987) - inquérito nº. 3: trecho da p.20 linha 573 à p.24 linha 709.

1) Observe-se na narrativa 3 que "acharem", "descobriram" e "encontraram" se equivalem funcionando como sinônimos. "Acharem" é de realização virtual e "descobriram" e "encontraram" já é real. É pois um caso de (VIII. c). Outros casos de (VIII.c) podem ser observados: Em III.1 (foram = foram = tinham ido e volta = vol/); em 111.5 (mataram = mataram = mataram = tinham matado); III.2 a III.6 são retomados pelo verbo vicário "tinha acontecido". Na narrativa 2, temos [conta] = contô = vem me dizê em II.9. "Contê" é usado no texto numa espécie de referência anafórica a toda a narrativa 3, no final da narrativa 2, quando o falante já comenta o efeito que a narrativa 3 teve sobre ele.

2) Devido ao menor planejamento do texto oral, já que este é planejado à medida que vai sendo dito (a não ser em situações especiais em que houve uma produção prévia do texto) observa-se que nas narrativas orais:

a) é comum a repetição de situações para melhor elaborar um ponto da narração fornecendo mais informações (circunstâncias de tempo, lugar, fim, etc., por exemplo, ou participantes, etc.);

b) nem sempre se atende (XX) (Cf. 5.4.2), o que às vezes acarreta a necessidade de esclarecimentos ou explicações a posteriori, solicitadas ou não pelo interlocutor;

c) às vezes o produtor do texto deixa de dar todos os elementos necessários para ordenar referencialmente com toda a segurança. Assim, por exemplo, na narrativa 3, as situações após III.6, devido a uma série de vai e vens na sua apresentação, aparecem numa ordem textual não isomórfica com a ordem referencial, o que exigiria a colocação de certas marcas/pistas que não foram dadas, daí a ordenação proposta em alguns pontos ser fruto da utilização do conhecimento de mundo;

d) os fatos de a, b e c acima parecem ser resultado do fato de as situações e outras informações serem apresentadas conforme são pinçadas pela memória no conhecimento de mundo. Parece interessante aprofundar o estudo da relação da memória com a ordenação textual em textos orais e as particularidades resultantes daí.

Texto nº. 60

MORRE SHOCKLEY, PAI DO TRANSISTOR

STANFORD, Estados Unidos - O físico norte-americano William Shockley, Ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1956 e co-inventor do transistor, morreu sábado aos 79 anos, na sua casa, no campus da Universidade de Stanford. Califórnia, em consequência de câncer da próstata. As propriedades do primeiro transistor do mundo foram demonstradas em 23 de dezembro de 1947 por Shockley e os colegas John Bardeen e Walter Brattain, nos laboratórios da empresa Bell Telephone, onde os três trabalhavam.

William Shockley fazia pesquisas para a Bell desde 1936, mas teve seus trabalhos interrompidos pela Segunda Guerra Mundial.

Em 1954, ele deixou a empresa para fundar os Laboratórios Shockley de Semicondutores, que alguns anos depois se transformaram no centro eletrônico de Silicon Valley, na Califórnia.

Há alguns anos, o cientista provocou polêmica ao declarar [que pesquisas genéticas identificavam os negros como pessoas menos inteligentes do que os brancos. Em sua opinião, o crescimento da população negra poderia, expor os Estados Unidos ao perigo de um retrocesso.] Aos 68 anos de idade, Shockley contribuiu para o banco de esperma de Escondido, na Califórnia, [que se dispõe a preservar genes de gênios.]

Shockley atribuía mais importância a seu trabalho como geneticista do que como físico. Ele devotou os últimos 20 anos de sua vida quase inteiramente ao avanço de sua filosofia [segundo a qual a inteligência é genética, e os negros "jamais chegarão a ser tão brilhantes quanto os brancos".] Em 1973, a universidade inglesa de Leeds retirou a oferta que lhe havia feito de um grau honorífico. Motivo: Shockley acabara de propor a criação de um "plano de esterilização voluntária", a partir do qual pessoas com QI abaixo de cem receberiam dinheiro, caso concordassem em não ter herdeiros jamais.

Fonte: O Estado de São Paulo. Ano 110, nº. 35.119. São Paulo, 15/08/1989:11.

Observações à ordenação de “Morre Shockley, o pai do transistor”

1) Aqui, como no texto nº.68 (O Arquivo), há situações expressas por nomes. Observa-se que elas aparecem sobretudo no que VAN DIJK (1986), ao falar da superestrutura das reportagens, chamou de "background".

2) Há uma pequena narrativa encaixada na narrativa principal.

3) Observe-se que a última situação da ordem referencial é a primeira na ordem textual. Vimos que isto se dá em função da relevância.

4) Como o adjunto adverbial “há alguns anos” é impreciso há uma certa indecisão quanto à posição de I .10 e 1.11 na cronologia: antes ou depois de 1.9?

Texto nº. 61

PASSEIO NOTURNO

Rubem Fonseca

Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa-de-cabeceira, disse, sem tirar os olhos das cartas, [você está com um ar cansado.] Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. [Você não vai largar essa mala?] perguntou minha mulher, [tira essa roupa, bebe um uisquinho, você precisa aprender a relaxar.]

Fui para a biblioteca, o lugar da casa onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz nada. Abri o volume de pesquisas sobre a mesa, não via as letras e números, eu esperava apenas. [Você não pára de trabalhar, aposto que os teus sócios não trabalham nem a metade e ganham a mesma coisa,] entrou a minha mulher na sala com o copo na mão, [já posso mandar servir, o jantar?]

[A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordo.] [É aquele vinho que você gota,] ela estalou a língua com prazer. Meu filho me pediu dinheiro quando estávamos no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na hora do licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos conta bancária conjunta.

[Vamos dar uma volta de carro?] convidei. [Eu sabia que ela não ia, era hora da novela.] [Não sei que graça você acha em passear de carro todas as noites, também aquele carro custou uma fortuna, tem que ser usado, eu é que cada vez me apego menos aos bens materiais,] minha mulher respondeu.

Os carros dos meninos bloqueavam a porta da garagem, impedindo que eu tirasse o meu carro. Tirei o carro dos dois, botei na rua, tirei o meu botei na rua, coloquei os dois carros novamente na garagem, fechei a porta, essas manobras todas me deixaram levemente irritado, mas ao ver os pára-choques salientes do meu carro, o reforço especial duplo de aço cromado, senti o coração bater apressado de euforia. Enfiei a chave na ignição, [era um motor poderoso que gerava a sua força em silêncio, escondido no capô aerodinâmico]. Saí como, sempre sem saber para onde ir, [tinha que ser uma rua deserta, nesta cidade que tem mais gente do que moscas. Na Avenida Brasil, ali não podia ser, muito movimento.] Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar ideal. [Homem ou mulher?, realmente não fazia grande diferença,] mas não aparecia ninguém em condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, [o alívio era maior.]

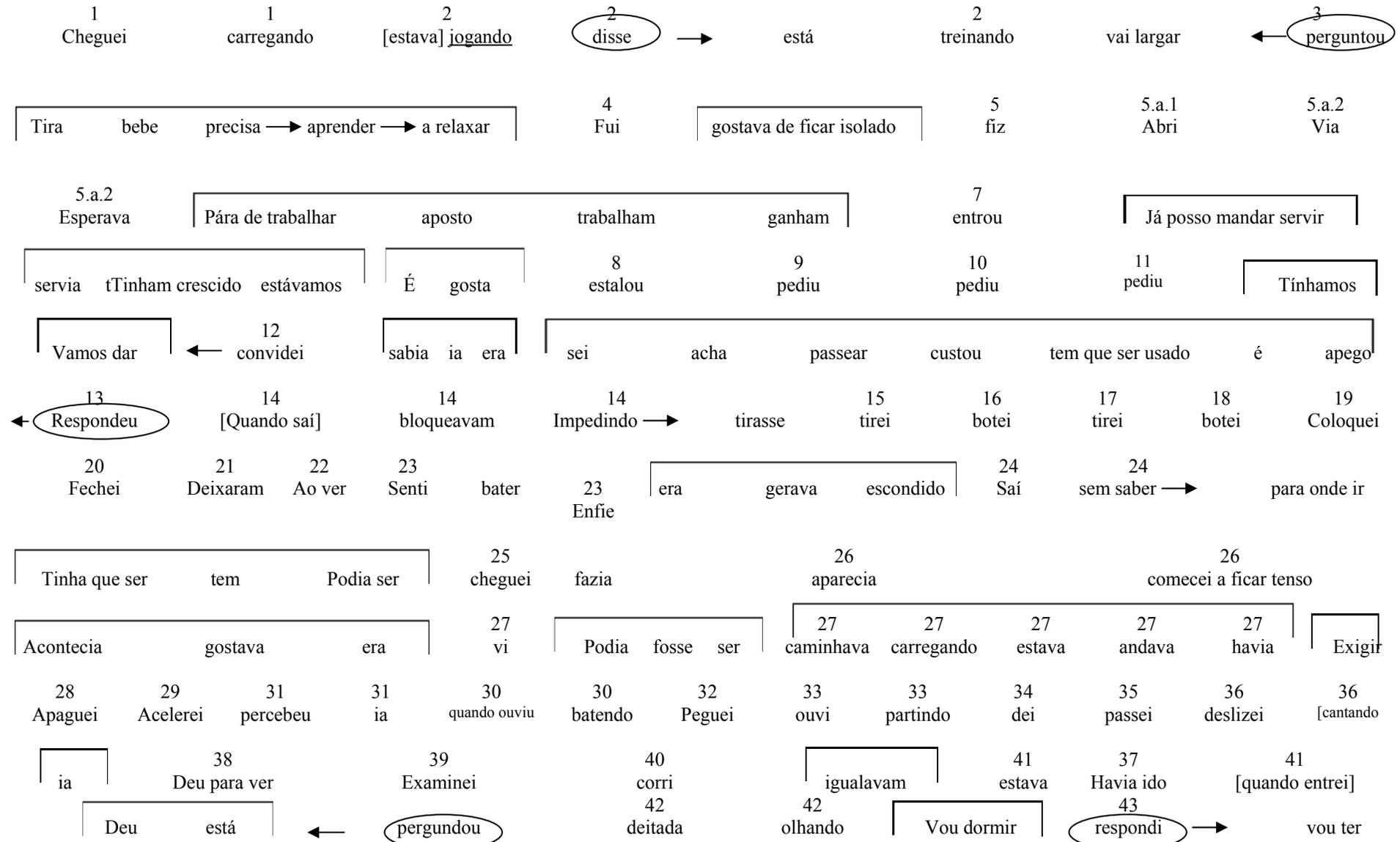
Então vi a mulher, [podia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil.] Ela caminhava apressadamente, carregando um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, [estava de saia e blusa,] andava depressa, [havia árvores na calçada, de vinte em vinte metros, um interessante problema a exigir uma grande dose de perícia.] Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. [Motor bom, o meu, ia, de zero a cem quilômetros em onze segundos.] Ainda deu para ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de vermelho, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio.

Examinei o carro na garagem. Corri orgulhosamente a mão de leve pelos pára-lamas, os pára-choques sem marca. [Poucas pessoas, no mundo inteiro, igualava a minha habilidade no uso daquelas máquinas.]

A família estava vendo televisão. [Deu a sua voltinha, agora está mais calmo?] perguntou minha mulher, deitada no sofá, olhando fixamente o vídeo. [Vou. dormir, boa noite para todos,] respondi, [amanhã vou ter um dia terrível na companhia}.

Fonte: FONSECA (1974)

FONSECA, Rubem. "Passeio Noturno" in Os melhores contos brasileiros de 1973. Porto Alegre, Globo, 1974:179-181.



Texto nº. 62

PIADA DO MENININHO

[O menino era um capetinha. Desbocado, safadinho, aquela carinha típica de menino matreiro.] Vivia sendo expulso das festinhas de aniversário a que comparecia, matando a mãe de desgosto.

Na última a que comparecera, tinha armado uma brincadeira tão safada no banheiro, que em meia hora a mãe do aniversariante teve que devolvê-lo para casa. E o que falava de palavrão, [não era brincadeira.] Passaram meses sem que fosse convidado para festa alguma no bairro.

Um dia a mãe dele recebeu um telefonema de uma vizinha convidando o garotinho pro aniversário da filha. No fundo, a mãezinha ficou muito feliz, [afinal o menininho dela seria de novo aceito no seu círculo.]

Na hora da festa arrumou o filho todo bonitinho, penteou o cabelinho do menino e deu muitos conselhos pra ele, [“meu filhinho, comporte-se, direitinho, não faça a mamãe passar vergonha, não fale palavra feia, não agarre as meninas, respeite os mais velhos”,] essas coisas. Fez o embrulho do presentinho, deu um beijo na testa do menino e disse:

[- Vai com Deus, meu anjo. Faz tudo direitinho como mamãe falou, viu?]

E o menino foi.

Dez minutos depois, olha o menino de volta, todo sem graça. A mãe abriu a porta e deu de cara com o menininho ali, com aquele sorrisinho meio amarelinho nos lábios, ah, ela nem conversou:

[- Capetinha! A gente não pode confiar em você, não é?]

Foi agarrando o menino pela orelha e falando todas as coisas [que mãe fala nestas horas,] e jogou o menino no banheiro.

[- Vai ficar preso aí até seu pai chegar pra conversar com você. Eu já não tenho mais paciência] - E fechou a porta do banheiro.

O menino chorou, berrou, soluçou, mas ela, deixou ele lá.

Naquele dia o pai chegou tardíssimo. Já encontrou a mulher resmungando:

[- O capeta do seu filho só me dá desgosto. Tá preso lá no banheiro esperando você chegar pra conversar com ele.] - E contou tudo o que tinha acontecido. O pai foi lá, abriu a porta, o menino estava deitadinho no chão do banheiro dormindo, dando aqueles soluços profundos [que menino dá quando adormece depois de um choro muito longo.] O pai acordou o filho, sentou-o no colo, muito severo, e perguntou com voz grave:

[- Que foi que houve, rapaz?]

E o menino com a vizinha lá no fundo:

[- A festa foi transferida para amanhã.]

Fonte: ZIRALDO (1988:46,47)

Texto nº. 63

O SHOW

O cartaz

O desejo

O pai

O dinheiro

O ingresso

O dia

A preparação

A ida

O estádio

A multidão

A expectativa

A música

A vibração

A participação

O fim

A volta

O vazio

Fonte: KOCH e TRAVAGLIA (1989:12)

3.10 - NARRAÇÃO PRESENTE E ORDENACÕES

Texto nº. 64

A FARSA E OS FARSANTES

CARLOS HEITOR CONY

É na hora de levantar da mesa que a garota sente a dor. Morde os beiços, solta o grito:

[- Papai!]

O pai penteia a menor que vai ao colégio. [Cabelos revoltos, cabeça mais revolta ainda, é um drama manter aqueles fiapos arrumados em cima do pequenino crânio que ele tanto ama.]

[- Que foi?]

E antes de qualquer resposta abre os braços para receber a filha que vem caindo, [aos pedaços, o rosto vermelho, duas lágrimas súbitas correndo, pelas gordas bochechas:]

[- Minha perna!]

Recebe a filha nos braços, tenta forçá-la a andar, mas o corpo dela caí para o lado, [a perna parece endurecida, como se fizesse parte de um outro organismo.] Então apela para a força e levanta-a nos braços, [já há muito não a segura assim, desde que começara a ficar mocinha.] No trajeto da sala para o quarto lembra noites antigas, em que a menina acordava e pedia colo, ele ficava a noite inteira com o pequenino corpo nos braços, andando pelo escuro com sua preciosa carga feita de amor, medo e duas mãozinhas que o agarravam quando tentava deitá-la outra vez na cama.

[Agora, o corpo cresceu, pesa em seus braços, mas a fragilidade da menina é a mesma.]

A menor fica pelos cantos, a cara amarrada, rosnando. Numa pausa, enquanto procura a pomada para fazer a fricção doméstica, vê a menor tirando o uniforme.

[- Que é isso? Você não vai ao colégio?]

[A resposta, é negativa.] [Se a outra não vai, ela também não vai.] O pai argumenta com a dor, a pomada cor de iodo que começa a esfregar pelos joelhos da outra, mas a menor [é sábia e vil] quando insinua:

[- Isso é embromação, papai! Ela não tem nada!]

A vontade primeira é esfregar pomada no nariz dela. [Nunca a mais velha fingiria a esse ponto.] Espinafra a menor, cita exemplos, antigos e convincentes, apanha, a merendeira e a pasta, empurra-a pelo elevador, e quase se esquece de recomendar a empregada para desculpar a falta da outra.

E a outra faz o seu papel de dor e impotência. As lágrimas secam, mas a perna ainda dói - e ele descobre um vermelhão perto dos joelhos e teme. Olha uma velha imagem de Santa Luzia que a mãe lhe havia dado, pensa mecanicamente em rezar, pedir proteção para aquele joelho, [mas assim também não, é covardia demais,] e prefere telefonar para o médico.

Quando acaba de disar, e antes de o médico atender, a filha já se levantara e correra ao telefone para cortar a ligação.

[- Não precisa não, papai, eu já estou boa!]

[- O quê?..)

E novo pranto, desta vez mais sincero: aos soluços, a verdade é dita;

[- Eu não sabia nada para a prova, papai!]

Alisa os cabelos da filha, feliz já, de não ser nada. E a certeza de que a filha não tivera nada lhe dá súbita e incontrolada ternura. Beija-a avidamente, reencontrado em sua rotina e sossego.

[- E agora?]

[Agora, é tratar de passar a tarde juntos, como há muito tempo não passava.] Desencavam velhas revistas, deitam-se na cama e ficam vendo figuras, depois jogam uma partida de batalha naval, A6, F7, D8 - água.

Acerta uma parte do cruzador. Água. Ela ganha, por dois submarinos e um pedaço de avião.

[- Vamos fazer banana frita?]

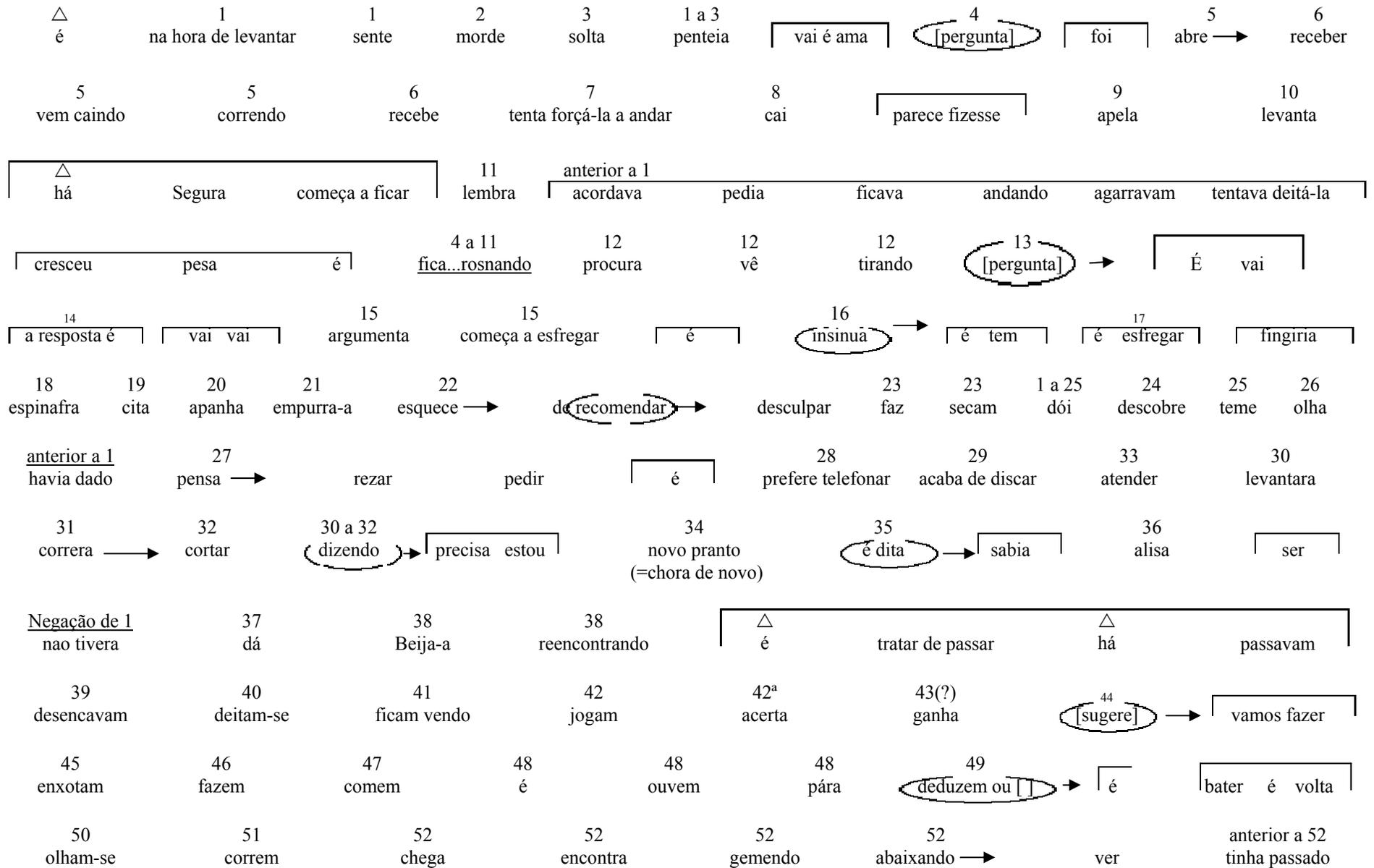
Enxotam as duas empregadas da cozinha e fazem, eles mesmos, a banana frita, e comem com avidez e grandes goles de guaraná. Até que, de repente, quando maior é a comilança, ouvem o barulho do elevador que pára no andar.

[- É ela!]

[Pelo jeito furioso de bater a campainha, é mesmo a menor que volta, do colégio] Então, pai e filha olham-se nos olhos e correm para o quarto. Quando a outra chega, encontra a irmã gemendo sobre a cama, e o pai, apreensivo e corrupto, abaixando o termômetro com grandes solavancos, para ver se a febre já tinha passado.

(Crônicas Exemplares)

CONY, Carlos Heitor. "A farsa e os farsantes" in AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de et ai. (org.) Contos e crônicas. Vol.1. Rio de Janeiro, Gemosa, sem data: 63-65.



Texto nº. 65

O MÉDICO E O MONSTRO

Paulo Mendes Campos

Avental branco, pincenê vermelho, bigodes azuis, ei-lo, grave, aplicando sobre o peito descoberto duma criancinha um estetoscópio, e depois a injeção que a enfermeira lhe passa.

[O avental na verdade é uma camisa de homem adulto a bater-lhe pelos joelhos; os bigodes foram pintados por sua irmã, a enfermeira; a criancinha é uma boneca de olhos cerúleos, mas já meio careca, que atende pelo nome de Rosinha; os instrumentos para exame e cirurgia saem duma caixinha de brinquedos.

Ela, seis anos e meio; o doutor tem cinco] Enquanto trabalham; a enfermeira presta informações:

[- Esta menina é boba mesmo, não gosta de injeção, nem de vitamina, mas a irmãzinha dela adora.]

O médico segura o microscópio, focaliza-o dentro da boca de Rosinha, pede uma colher, manda a paciente dizer aaá. Rosinha diz aaá pelos lábios da enfermeira. O médico apanha o pincenê que escorreu de seu nariz, rabisca uma receita, enquanto a enfermeira continua:

[- O senhor pode dar injeção que eu faço ela tomar de qualquer jeito, porque é claro que se ela não quiser, né, vai ficar, muito magrinha que até o vento carrega]

O médico, no entanto, prefere enrolar uma gaze em torno do pescoço da boneca, diagnosticando:

[- Mordida de leão.]

- Mordida de leão, pergunta, desapontada, a enfermeira, para logo aceitar, este faz-de-conta dentro do outro faz-de-conta; [eu já disse tanto, meu Deus, para essa garota não ir na floresta brincar com Chapeuzinho Vermelho...]

Novos clientes desfilam pela clínica: uma baiana de acarajé, um urso muito resfriado, [porque só gostava de neve,] um cachorro atropelado por lotação, outras bonecas de vários tamanhos, um papai noel, uma bola de borracha e até mesmo o pai e a mãe do médico e da enfermeira.

De repente, o médico diz [que está com sede] e corre para a cozinha, apertando o pincenê contra o rosto. A mãe se aproveita disso para dar um beijo violento no seu amor de filho e também

para preparar-lhe um copázio de vitaminas: tomate, cenoura, maçã, banana, limão, laranja e aveia. O famoso pediatra, com um esgar colérico, recusa a formidável droga.

[- Tem de tomar, senão quem acaba no médico é você mesmo, doutor.]

Ele implora em vão por uma bebida mais inócua. O copo é levado com energia aos seus lábios, a beberagem é provada com uma careta. Em seguida, propõe um trato:

[- Só se você depois me der um sorvete.]

A terrível mistura é sorvida com dificuldade e repugnância, seus olhos se alteram nas órbitas, um engasgo devolve o restinho. A operação durou um quarto de hora.

A mãe recolhe o copo vazio com a alegria da vitória e aplica no menino uma palmadinha carinhosa, revidada com a ameaça dum chute. Já estamos a essa altura, como não podia deixar de ser, presenciando a metamorfose do médico em monstro.

Ao passar zunindo pela sala, o pincenê o avental são atirados sobre o tapete com um gesto desabrido. Do antigo médico resta um lindo bigode azul. De máscara preta e espada, Mr. Hyde penetra no quarto, onde a doce enfermeira continua a brincar, e desfaz com uma espadeirada todo o consultório: microscópio, estetoscópio, remédios, seringa, termômetro, tesoura, gaze, esparadrapo, bonecas, tudo se derrama pelo chão. A enfermeira dá um grito de horror e começa a chorar nervosamente. O monstro, exultante, espeta-lhe a espada na barriga e brada:

[- Eu sou o Demônio do Deserto!]

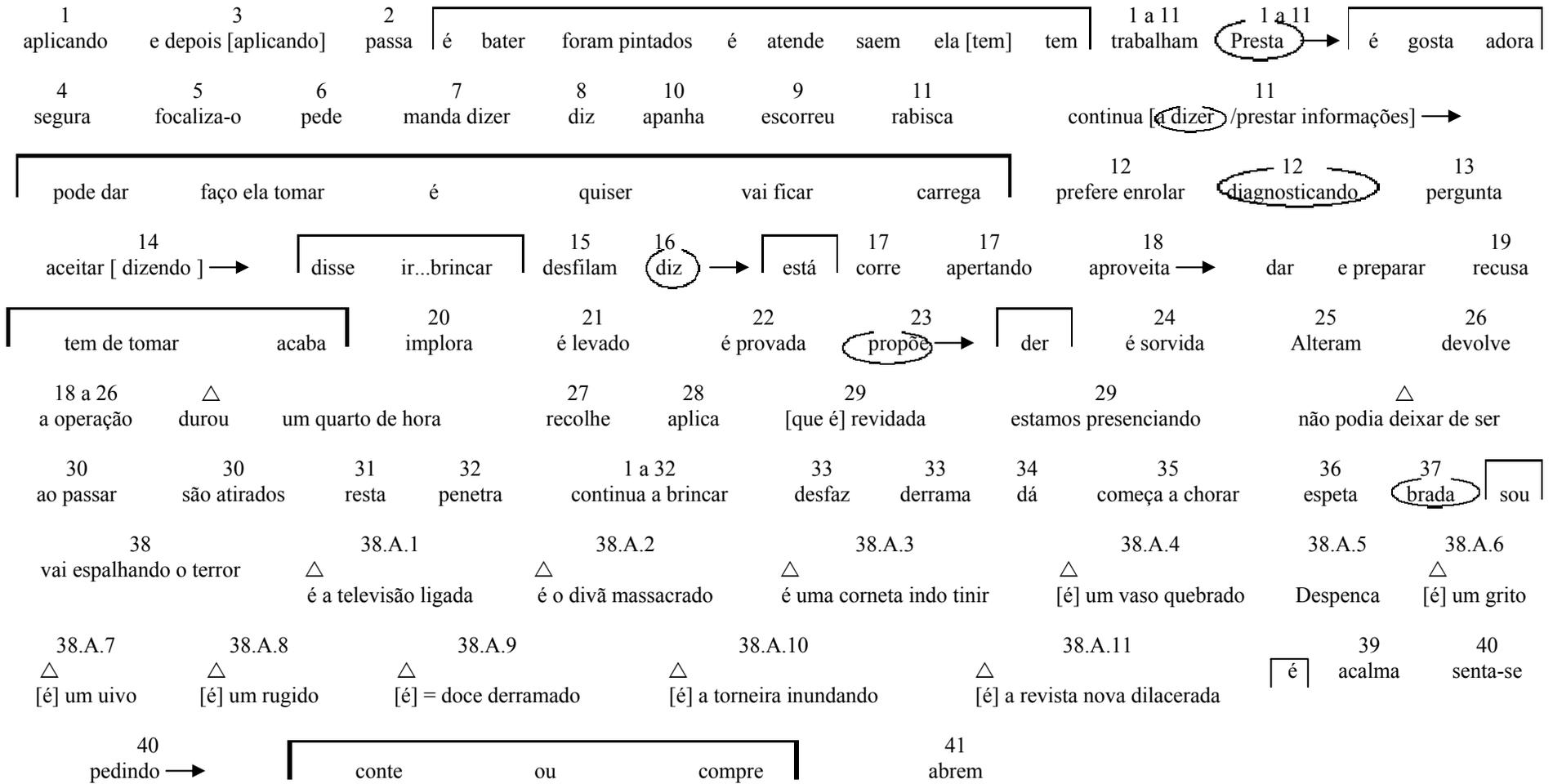
[Ainda sob o efeito das vitaminas, preso na solidão escura do mal, desatento a qualquer autoridade materna ou paterna, com o diabo no corpo,] o monstro vai espalhando o terror a seu redor: é a televisão ligada ao máximo, é o divã massacrado sob os seus pés, é uma corneta indo tinir no ouvido da cozinheira, um vaso quebrado, uma cortina que se despenca, um grito, um uivo, um rugido animal, é o doce derramado, a torneira inundando o banheiro, a revista nova dilacerada, é, enfim, o flagelo à solta no sexto andar dum apartamento carioca.

Subitamente, o monstro se, acalma. Suado e ofegante, senta-se sobre os joelhos do pai, pedindo com doçura [que conte uma história ou lhe compre um carneirinho de verdade]

E a paz e a ternura de novo abrem suas asas num lar ameaçado pelas forças do mal.

(P. M. C.)

CAMPOS, Paulo Mendes. "O médico e o monstro" in Para gostar de ler. vol. 2: Crônicas. São Paulo, Ática, 1978:20-22.



Texto nº. 66

SEQÜESTRADORES FOGEM PARA O PARANÁ E SÃO CERCADOS OITO REFÊNS EM 12 DIAS DE AÇÃO

A aventura da quadrilha composta pelos irmãos Ribeiro Campos começou há 12 dias. No total, oito pessoas foram tomadas como refêns. Eis a cronologia, dos seqüestros e da fuga:

- # **3 de agosto (quinta-feira)** - O menino Said Angel Filho, de 9 anos, é seqüestrado por dois homens, na porta de sua casa, em Goiânia. Antes de partir com a criança, os seqüestradores atiraram uma pedra dentro da casa com um bilhete, dizendo que entrariam em contato nos próximos cinco dias.
- # **5 de agosto (sábado)** - Os pais de Said Angel Filho - Said Angel e Eneida Campos Angel - recebem o primeiro comunicado do grupo. Eles avisam que o menino estava com febre e que havam lhe dado Novalgina e mel.
- # **6 de agosto (domingo)** - Certos de que se tratava de amadores, Said e Eneida resolvem comunicar o seqüestro de seu filho à polícia. As investigações começam com o bloqueio do telefone da família.
- # **7 de agosto (segunda-feira)** - Mais um telefonema à casa dos Angel é a polícia consegue identificar o telefone público de onde partiu. O local - próximo ao Hospital neurológico, em Goiânia - é cercado e, no tiroteio com a polícia, Nilton Ribeiro Campos, um dos seqüestradores, morre. Seu irmão, Paulo Ribeiro Campos, é gravemente ferido. No bolso de Nilton é encontrado um cartão com o endereço da casa no bairro de Jardim América, onde Said Angel Filho era mantido preso. A prisão de Eloídes Teresinha Campos, mulher de Nilton, fornece outra pista: os seqüestradores são cinco dos 11 irmãos gaúchos Ribeiro Campos - Rui, Moacir, Marlene, Nilton (morto no tiroteio), Paulo (ferido) e a mulher de Rui, Clair, com várias passagens pela polícia. A casa do Jardim América é cercada e começam as negociações sem a presença da imprensa.
- # **9 de agosto (quarta-feira)** - Cercados por atiradores de elite há quase 48 horas, os seqüestradores concordam em libertar o menino em troca de NCz\$ 100 mil, três refêns - as repórteres Mônica Calaça, da TV Goyá; Solange Franco, da TV Anhangüera; e Carla Monteiro, do Diário da Manhã - e um carro-forte que os levaria para o aeroporto de Goiânia, de onde pretendiam fugir do país em um avião. Por volta, das 18h, o carro forte parte para o aeroporto,

mas o bando não consegue embarcar no avião, porque a polícia alega que não há piloto disponível.

●# **10 de agosto (quinta-feira)** - Após novas negociações, à 1h, os seqüestradores decidem libertar a repórter Carla Monteiro e fugir no carro blindado, agora dirigido pelo motorista de táxi Osiris Tavares, o Zelão, com a promessa de que não seriam seguidos. A polícia de Goiás segue carro a distância. Mais de 15 horas depois, quando já haviã passado por Itumbiara (GO), Frutal (MG) e Presidente Prudente (SP), os seqüestradores são interceptados, às 16h30, por uma barreira policial na localidade paulista de Itororó do Paranapanema, município de Pirapozinho, na divisa entre São Paulo e Paraná. Eles ameaçam matar os reféns e exigem um helicóptero para a fuga. A polícia do Paraná se recusa a deixá-los entrar no estado e a São Paulo diz [que não vai, permitir que eles voltem.]

●# **11 de agosto (sexta-feira)** - O governo de Goiás freta um helicóptero para atender à exigência dos seqüestradores, mas o aparelho enguiça minutos depois de decolar de Presidente Prudente. Outro helicóptero é alugado em São Paulo, em nome do governo de Goiás, com chegada prevista em Presidente Prudente na manhã de sábado, dia 12. Por determinação do ministro da Justiça, Saulo Ramos, o governo do Distrito Federal cede outro helicóptero para a missão. Apontando armas para as reféns e nervosos, os seqüestradores dão prazo à polícia até às 15h do dia seguinte - dia 12, sábado.

●# **12 de agosto (sábado)** - À tarde, já reparado o defeito do helicóptero fretado pelo governo de Goiás, o piloto Roni Pigetti Sputo exige que os seqüestradores abandonem as armas para decolar. Eles não concordam e o prefeito do município goiano de Pontalina, Aniceto de Oliveira Costa, oferece-se para levar o grupo em seu avião, um bimotor.

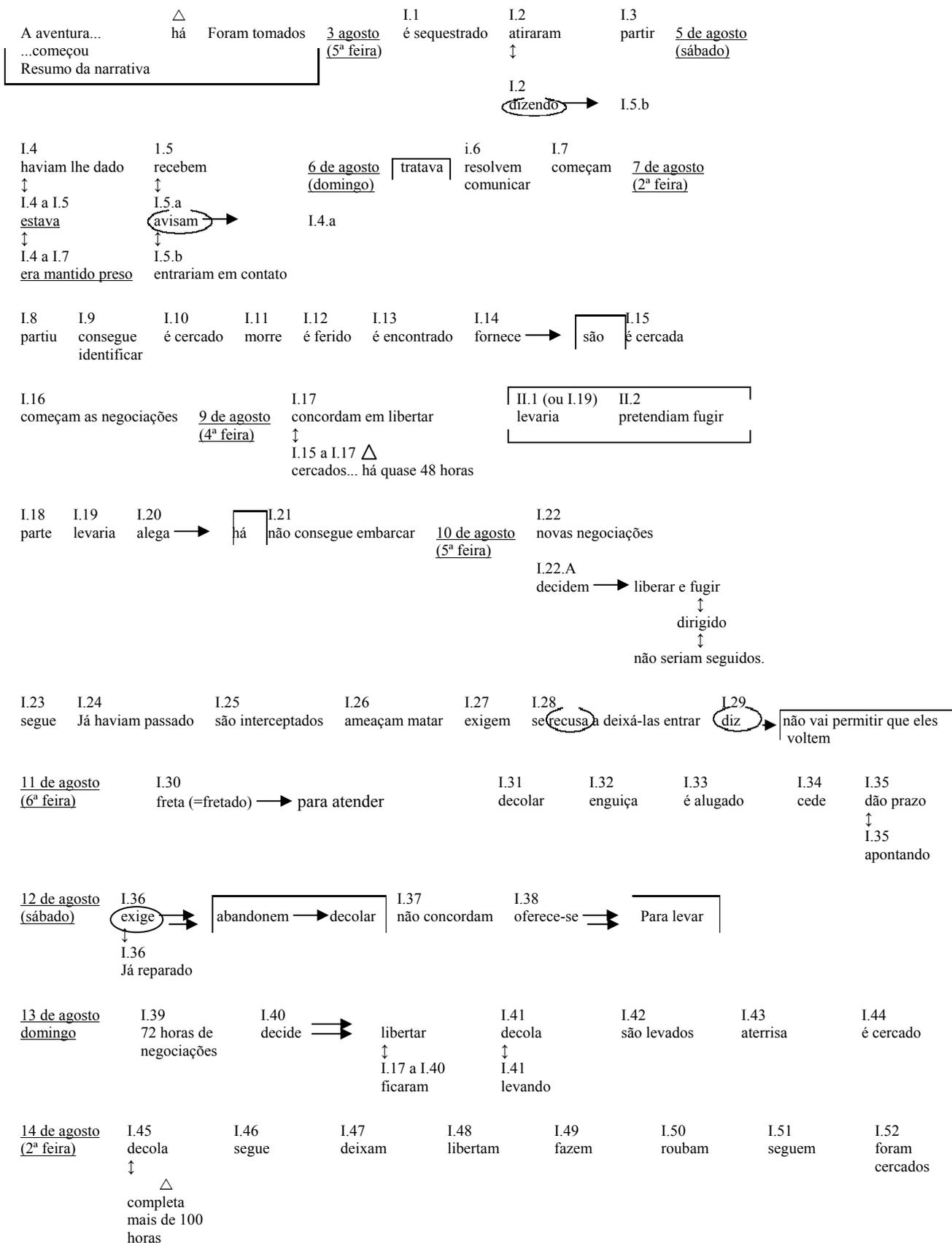
●# **13 de agosto (domingo)** - Às 16h10, após 72 horas, de negociações, o grupo decide libertar os reféns a poucos quilômetros dali, na Fazenda Barro do Rebojo. O bimotor decola de Santo Inácio, no Paraná, levando o bando, o prefeito Aniceto Costa e o piloto Roberto Luís Seregatti. As repórteres e o motorista - que ficaram mais de 90 horas em poder dos seqüestradores - são levados num carro da Polícia Civil para Presidente Prudente. No começo da noite, o avião aterrisa numa fazenda em Hernandarias, no Paraguai, onde é cercado pela polícia paraguaia.

●# **14 de agosto (segunda-feira)** - O seqüestro já completa mais de 100 horas, quando o avião decola do Paraguai, às 6h, e segue para o interior do Paraná. Em uma fazenda no município de Toledo, os seqüestradores deixam o avião, libertam o prefeito e o piloto, fazem um novo refém, roubam uma caminhonete e seguem em direção à fronteira com o Paraguai. Às 17h, foram cercados pela polícia do Paraná.

Fonte: Jornal do Brasil. Ano XCIX, nº. 129. 1º caderno. Rio de Janeiro, 15/08/1989:4.

OBS.: Veja os textos nºs 75 e 76 em "Outras Narrações"

"Sequestradores fogem para o Paraná e são cercados/Oito reféns em 12 dias de ação" in Jornal do Brasil - 1º caderno.
Ano XCIX, nº.9 129. Rio de Janeiro, 15/08/89. (Terça-feira):4



Texto nº. 67

A ÚLTIMA CRÔNICA

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. [Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial.] Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: ["assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto.] Lanço então um último olhar fora de mim, [onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.]

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. [A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade.] Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho - um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, [contida na sua expectativa,] olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante,

retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

[São três velinhas brancas, minúsculas,] que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura - ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido - vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

Fonte: SABINO (1979/1980:40-42)

SABINO, Fernando. "A última crônica" in **Para gostar de ler** - vol. 5: Crônicas. São Paulo. Ática, 1979/1980: 40-42.

1
entro → tomar | estou adiando escrever assusta gostaria → de estar inspirado → de coroar

pretendia → recolher faz ser vivida visava torno-me perco contar | 2 curvo

3 tomo | 4 lanço | vivem merecem | 5 acaba de sentar-se | deixa-se acentuar
↓
3 se repete → | quereria sou estou | 5. se instalou

ousa → balançar correr compõem | 6 vejo | 7 passo a observá-los | 8. retirou | 9 contar
↓
6 se preparam → matar | 8 a 30.c.9 observar
↓
8 a 11 limita-se a | aguardasse | ficar olhando

10 aborda | 11 aponta | 12 afasta → | atendê-lo | 13 suspira | 14 encaminhar | 15 apanha | 16 larga-o | 17 deixou
↓
10 inclinando-se | 13 olhando
↓
10 e 11 ouve | 13 a reassegurar-se

18 olha | começa a comer? | 19. vejo | são | 20 espeta | 21 serve | 22 repousa | 23 sopra → | 24.(?) apagando
↓
18. contida | 19 obedecem | 21.a.1 risca | 21.a.2 acende
↓
19.a.1 remexe | 19.a.2 retira
↓
19.b.1 mune | 19.b.2 espera
↓
19.c aguarda
↓
8 a 30.c.9 observa

25 põe-se a bater | 26 recolhe | 27 torna a guardá-las | 28 agarra | 29 põe-se a comê-lo
↓
25 cantando
↓
25 juntam

30 [enquanto a menina come]
↓
30.a está olhando
↓
30.b.1 ajeita | 30.b.2 limpa | cai | 30.c.4 perturba | 30.c.5(?) fica constrangido | 30.c.6 vacila | 30.c.7 ameaça abaixar | 30.c.8 acaba sustentando | 30.c.9 abre
↓
30.c.1 corre | 30.c.2 da | 30.c.3 encontram

30.c.1
a se convencer
↑

8 a 30.c.9
observá-lo

quereria

fosse

3.11 - OUTRAS NARRACÕES E ORDENACÕES

Texto nº. 68

Tipo: Narração passada

O ARQUIVO

Victor Giudice

No fim de um ano de trabalho, João obteve uma redução de quinze por cento em seus vencimentos.

João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se mostrou orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal, esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. Limitou-se a sorrir, a agradecer ao chefe.

No dia seguinte, mudou-se para um quarto mais distante do centro da cidade. Com o salário reduzido, podia pagar um aluguel menor.

Passou a tomar duas conduções para chegar ao trabalho. No entanto, estava satisfeito. Acordava mais cedo, e isto parecia aumentar-lhe a disposição.

Dois anos mais tarde, veio outra recompensa.

O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial.

Desta vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: dezessete por cento.

Novos sorrisos, novos agradecimentos, nova mudança.

Agora João acordava às cinco da manhã. Esperava três conduções. Em compensação, comia menos. Ficou mais esbelto. Sua pele tornou-se menos rosada. O contentamento aumentou.

Prosseguiu a luta.

Porém, nos quatro anos seguintes, nada de extraordinário aconteceu.

João preocupava-se. Perdia o sono, envenenado em intrigas de colegas invejosos. Odiava-os. Torturava-se com a incompreensão do chefe. Mas não desistia. Passou a trabalhar mais duas horas diárias.

Uma tarde, quase ao fim do expediente, foi chamado ao escritório principal.

Respirou descompassado.

— Seu João. Nossa firma tem uma grande dívida com o senhor.

João baixou a cabeça em sinal de modéstia.

— Sabemos de todos os seus esforços. É nosso desejo dar-lhe uma prova substancial de nosso reconhecimento.

O coração parava.

— Além de uma redução de dezesseis por cento em seu ordenado, resolvemos, na reunião de ontem, rebaixá-lo de posto.

A revelação deslumbrou-o. Todos sorriam.

— De hoje em diante, o senhor passará a auxiliar de contabilidade, com menos cinco dias de férias. Contente?

Radiante, João gaguejou alguma coisa ininteligível, cumprimentou a diretoria, voltou ao trabalho.

Nesta noite, João não pensou em nada. Dormiu pacífico, no silêncio do subúrbio.

Mais uma vez, mudou-se. Finalmente, deixara de jantar. O almoço reduzira-se a um sanduíche. Emagrecia, sentia-se mais leve, mais ágil. Não havia necessidade de muita roupa. Eliminara certas despesas inúteis, lavadeira, pensão.

Chegava em casa às onze da noite, levantava-se às três da madrugada. Esfarelava-se num trem e dois ônibus para garantir meia hora de antecedência. A vida foi passando, com novos prêmios.

Aos sessenta anos, o ordenado equivalia a dois por cento do inicial. O organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, saboreava alguma raiz das estradas. Dormia apenas quinze minutos. Não tinha mais problemas de moradia ou vestimenta. Vivia nos campos, entre árvores refrescantes, cobria-se com os farrapos de um lençol adquirido há muito tempo.

O corpo era um monte de rugas sorridentes.

Todos os dias, um caminhão anônimo transportava-o ao trabalho. Quando completou quarenta anos de serviço, foi convocado pela chefia:

— Seu João. O senhor acaba de ter seu salário eliminado. Não haverá mais férias. E sua função, a partir de amanhã, será a de limpador de nossos sanitários.

O crânio seco comprimiu-se. Do olho amarelado, escorreu um líquido tênue. A boca tremeu, mas nada disse. Sentia-se cansado. Enfim, atingira todos os objetivos. Tentou sorrir:

— Agradeço tudo que fizeram em meu benefício. Mas desejo requerer minha aposentadoria.

O chefe não compreendeu:

— Mas seu João, logo agora que o senhor está desassalariado? Por quê? Dentro de alguns meses terá de pagar a taxa inicial para permanecer em nosso quadro. Desprezar tudo isto? Quarenta anos de convívio? O senhor ainda está forte. Que acha?

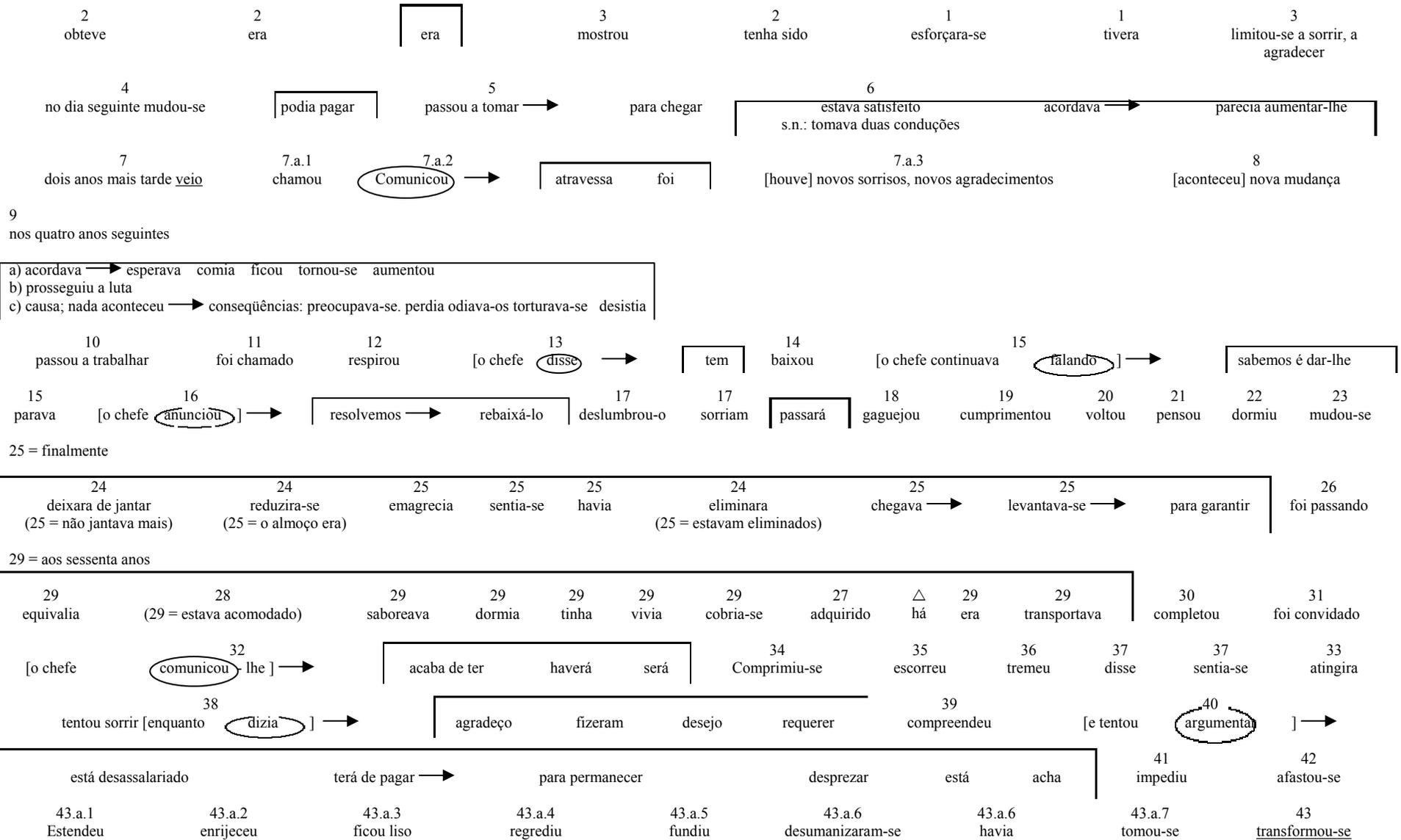
A emoção impediu qualquer resposta.

joão afastou-se. O lábio murcho se estendeu. A pele enrijeceu, ficou lisa. A estatura regrediu. A cabeça se fundiu ao corpo. As formas desumanizaram-se, planas, compactas. Nos lados, havia duas arestas. Tornou-se cinzento.

João transformou-se num arquivo de metal.

Fonte: GIUDICE (1974:223-226)

GIUDICE, Victor. "O Arquivo" in Os Melhores Contas brasileiros de 1973. Porto Alegre, Globo, 1974:223-226 2



Observações à ordenação de “O Arquivo”

A ordenação referencial das situações deste conto levanta e exemplifica várias questões e possibilidades:

1) o fato de que as situações de uma narração podem vir representadas por nomes com ou sem verbo subtendido ou elíptico: veja 7.a.3 e 8 (Cf. texto nº. 60: Morre Shockley, pai do transistor);

2) o uso de situações narradas onde se esperaria a situação referencial a ela ligada: veja-se 24, 27 e 28; e o comentário após o exemplo (80.c) em 5.3.2;

3) o fato de que a narração muitas vezes progride através das falas pressupondo-se verbos dicendi elípticos inferíveis: veja 13, 15, 16, 32, 40. Em 13, 15 e 16 a fala é dividida para marcar momentos de ocorrência de situações ligadas ao interlocutor;

4) o fato de o autor fazer a narração progredir através da descrição de determinados períodos através de situações habituais: veja 9, 25 e 29. Todos estes fatos são importantes na produção dos textos narrativos e na sua recepção/compreensão.

Texto nº. 69

Tipo: Propaganda com narração passada, usada como comentário

EM 1889, O BANESTADO AINDA NÃO EXISTIA

(nem o avião, o cinema, o rádio, a penicilina, a iluminação elétrica, o telégrafo sem fio)

O Banco do Estado do Paraná nasceu às vésperas do fim da I República. E de lá para cá, fez história, influiu, propiciou e participou de todas as transformações que o Paraná viveu nesses últimos 60 anos. Na verdade, é só mesmo depois de 1930 que o Paraná começa a deixar de ser acanhada e modesta província, para ingressar na idade contemporânea. É nessa transição, que destaca-se o Banestado. Sua contribuição foi essencial para o desenvolvimento sócio-econômico estadual.

BANESTADO

O Banco do Paraná

Banestado, a nossa proclamação da República.

Fonte: Veja. Ano 21, nº. 37 - 20/11/1889 - Edição especial "República". São Paulo, Ed. Abril, 20/11/1989:2ª contracapa.

Texto nº. 70

Tipo: Narração passada.

BRASILIENSE ACERTA SOZINHO SENA RECORDE

Um apostador brasiliense, de 32 anos, acertou sozinho a Sena acumulada no concurso 74 e ganhou NCz\$ 4.925.105,13. Ele jogou em vários cartões, uma combinação de dez dezenas feita por um computador de uma casa lotérica, na Asa Norte de Brasília. O apostador, que não quer se identificar, aplicou todo o dinheiro em uma caderneta de poupança, com garantia de um rendimento mensal de NCz\$ 1,5 milhão.

Fonte: O Estado de São Paulo. Ano 110, nº 35.119. São Paulo, 15/08/1989:1.

Texto nº. 71

Tipo: A - Narração passada

B - Narração presente

C - Narração futura

A - Gal Costa

Gal estava cantando maravilhosamente. Quando ia cantar "Aquarela do Brasil", atendendo a pedidos, foi interrompida por um tumulto na platéia. As luzes se apagaram, acenderam de novo o povo começou a se agitar. A segurança entrou no palco e retirou a artista. Mas tudo se esclareceu logo: dois fãs brigaram por causa de lugar e as luzes se apagaram por acaso. O show continuou com o mesmo brilho.

B - Gal Costa

Senhores ouvintes, estamos falando do UTC, transmitindo ao vivo o show da cantora Gal Costa. Gal está cantando maravilhosamente. Agora vai cantar "Aquarela do Brasil", atendendo a pedidos. Um tumulto na platéia a interrompe. As luzes se apagam. Ótimo já acenderam de novo. O povo começa a se agitar. A segurança entra no palco e retira a artista. Vamos logo saber o que está acontecendo. Fala aí, Ademir! - Olha Fausto já está tudo

esclarecido: foi apenas uma briga por causa de lugar e as luzes apagaram por acaso. O Obrigado, Ademir! Senhores ouvintes, Gal volta ao palco neste instante, cantando. O show continua com o mesmo brilho.

C - Gal Costa

Quanto ao show desta noite devo dizer que haverá um incidente: Gal cantará maravilhosamente, mas quando for cantar "Aquarela do Brasil" para atender pedidos, será interrompida por um tumulto na platéia. As luzes se apagarão, mas acenderão de novo quase de imediato. O povo começará a se agitar. A segurança entrará no palco e retirará a artista. Mas tudo se esclarecerá logo: terá sido uma briga por lugar e as luzes terão apagado por acaso. O show continuará com o mesmo brilho.

FONTE: Produzido por Luiz Carlos Travaglia.

Texto nº. 72

Típo: A - Narração passada.

B - Narração futura.

C - Narração hipotética (futura).

A - O jantar

Eu o convidei para jantar em minha casa. Ele chegou pontualmente às 8h e 30 min. como eu tinha marcado. Entregou-me um buquê de margaridas que pus num vaso sobre a mesa jantar, enquanto, sentado na poltrona, ele me olhava. Fui até à cozinha desligar o forno. Ele veio atrás de mim, parou na porta e, olhando-me, disse que eu era linda. Eu sorri. Ele veio até mim e me beijou. Eu lhe pedi para me ajudar. O jantar foi maravilhoso. Depois ele me convidou para sair. Eu disse que preferia ficar na sacada olhando a paisagem e a noite que estava linda. Ficamos. Havia algo fluindo entre nós e os carinhos aconteceram. Aconteceu tudo o que eu sonhara para aquela noite.

B - O jantar

Eu o convidarei para jantar em minha casa. Ele chegará pontualmente às 8h e 30 min, como eu terei marcado. Entregar-me-á um buquê de margaridas que porei num vaso sobre a mesa do

jantar, enquanto, sentado na poltrona, ele ficará me olhando. Irei até à cozinha desligar o forno. Ele virá atrás de mim, parará na porta e, olhando-me, dirá que eu sou linda. Eu sorrirei. Ele virá até mim e me beijará. Eu lhe pedirei para me ajudar. O jantar será maravilhoso. Depois ele me convidará para sair. Eu direi que prefiro ficar na sacada olhando a paisagem e a noite que estará linda. Ficaremos. Haverá algo fluindo entre nós e os carinhos acontecerão. Acontecerá tudo o que eu sonho para esta noite.

C - O jantar

(Se eu não fosse tão tímida)

Eu o convidaria para jantar em minha casa. Ele chegaria pontualmente às 8h e 30 min, como eu teria marcado. Entregar-me-ia um buquê de margaridas que eu poria num vaso sobre a mesa do jantar, enquanto, sentado na poltrona, ele ficaria me olhando. Eu iria até à cozinha desligar o forno. Ele viria atrás de mim. Pararia na porta e, olhando-me, diria que eu sou linda. Eu sorriria. Ele viria até mim e me beijaria. Eu lhe pediria para me ajudar. O jantar seria maravilhoso. Depois ele me convidaria para sair. Eu diria que preferia ficar na sacada olhando a paisagem e a noite que estaria linda. Ficariamos. Haveria algo fluindo entre nós e os carinhos aconteceriam. Aconteceria tudo o que eu sonho para esta noite.

FONTE: Versão C: redação de adolescente.

Versões A e B: adaptações feitas por Luiz Carlos Travaglia.

Texto nº. 73

Tipo: Narrativas passadas, usadas como especificação do título.

MANIFESTANTES ENFRENTAM A POLÍCIA NA IRLANDA DO NORTE

Das Agências Internacionais

Belfast, capital da Irlanda do Norte, viveu ontem um dia de intensos choques entre a polícia e manifestantes católicos, que protestavam contra o 20º aniversário da intervenção de soldados britânicos em território norte-irlandês.

Os manifestantes atiraram pedras e bombas de fabricação caseira nos policiais e em veículos na rua, incendiando váriodeles. A polícia reagiu com tiros de balas de borracha. Não há até agora notícias de mortos ou feridos.

Cerca de cem manifestantes, carregando cartazes onde se lia "fim do governo britânico na Irlanda, já", protestaram em frente ao posto policial de Springfield, a oeste de Belfast.

Os cerca de 30 mil integrantes das forças de segurança irlandesas se colocaram em estado de alerta, com receio de ataques do Exército Republicano Irlandês (IRA), que luta pelo fim da ocupação britânica.

No sábado passado, uma bomba do IRA explodiu durante uma passeata de protestantes em Londonderry, que estava sendo vigiada pela polícia. A bomba destruiu um bar no centro da cidade. Ninguém ficou ferido.

No fim-de-semana, a polícia prendeu sete pessoas acusadas de envolvimento em tentativas de atentados. Em Belfast, uma granada foi encontrada num bueiro. A polícia descobriu duas bombas num táxi e outra num carro, em Londonderry.

Na Grã-Bretanha, a polícia fez um apelo à população para que permaneça atenta diante da possibilidade de um ataque do IRA.

FONTE: Folha de São Paulo. Ano 69 nº. 22.049. São Paulo, 15/08/1989: p.A-7.

Texto nº. 74

Tipo: Narração passada.

SEM APOIO, BOTHA RENUNCIA NA ÁFRICA DO SUL

JOANESBURGO - Em uma atitude inesperada mas justificável pelos acontecimentos dos últimos dias na África do Sul, o presidente Pieter W. Both renunciou ontem ao cargo, afirmando que estava sem "cooperação" dos seus ministros. A carta de demissão foi entregue ao presidente da Suprema Corte, Michael Corbett.

O chanceler "Pik" Botha informou que o líder do Partido Nacional (governista), Frederik W. de Klerk, também ministro da Educação, prestará juramento, hoje, como novo chefe de Estado.

Botha explicou em mensagem pela televisão, que tomou a decisão de renunciar porque o chanceler Botha e o ministro Klerk decidiram viajar à Lusaka sem sua autorização. Lusaka é capital da Zâmbia e os dois pretendiam se encontrar com o presidente Kenneth Kaunda.

Botha, que há vários dias enfrenta a oposição de seu gabinete, lembrou que havia expressado sua negativa quanto à viagem dos dois. O presidente disse que a viagem "é inoportuna" porque o Congresso Nacional Africano (CNA), principal grupo de oposição, goza da proteção do

presidente Kaunda. O CNA foi proscrito no país em 1960, passando seu “quartel general” para Lusaka.

Segundo Botha, numa reunião do gabinete ministerial ontem pela manhã, seus ministros lhe propuseram que deixasse o poder, por razões de saúde, e que designasse interinamente um substituto até às próximas eleições parlamentares de 6 de setembro, quando o Parlamento nomearia o próximo chefe de Estado.

Ele não se mostrou disposto a seguir esta proposta, pois não queria falar uma “mentira”. Nesse caso, sua renúncia seria válida a partir de 15 de agosto. Ele reconheceu que a viagem dos dois ministros só precipitou a crise, que é de confiança entre o chefe de Estado e seus ministros. Esclareceu, ainda, detalhadamente, os diversos vínculos do CNA com o governo de Lusaka e o papel de Kaunda no conflito entre os dois países.

Com 73 anos de idade, Botha foi o chefe de Estado mais poderoso do país e sua permanência no poder só não superou a do seu predecessor Balthazar Johannes Vorster, que governou por 12 anos até ser forçado a renunciar em meio a um escândalo de informação.

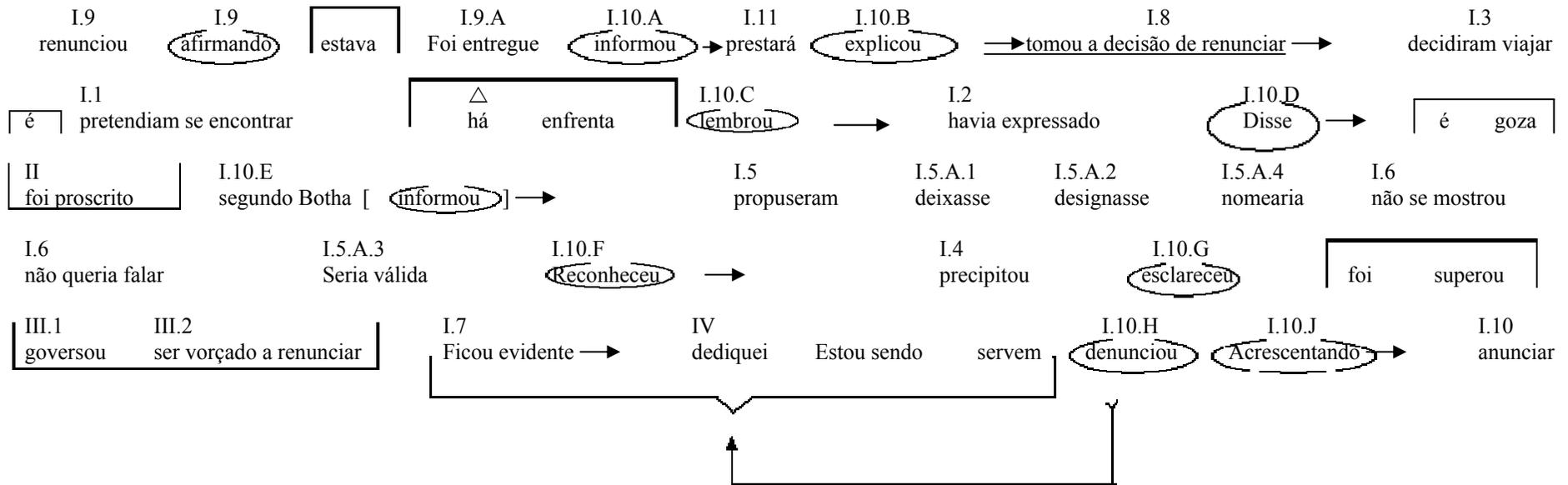
“Ficou evidente, para mim, que após todos esses anos em que dediquei todo o meu trabalho ao Partido Nacional, ao governo e à segurança do nosso país, estou sendo ignorado por ministros que servem ao meu gabinete”, denunciou Botha, acrescentando: “Conseqüentemente, não tenho outra escolha senão anunciar a minha renúncia”.

Fonte: Estado de Minas. Ano LXII, nº. 17.724. Belo Horizonte, 15/08/1989:17.

"Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul in Estado de Minas. Ano LXII, nº9 17.724. Belo Horizonte, 15/08/1989:17.

I.1 Pretendia se encontrar	I.2 Havia expressado	I.3 Decidiram viajar	I.4 precipitou	I.5 Propusera ↓ I.5.A.1 deixasse	I.5.A.2 designasse	I.5.A.3 Seria válida	I.5.A.4 nomearia
I.6 Não se mostrou ↓	I.7 Ficou evidente	I.8 Tomou a decisão de renunciar	I.9 Renunciou ↓	I.9.A Foi entregue ↓ I.9 afirmando	I.10 Anunciar a minha renúncia ↓ I.10.A - informou I.10.B - explicou I.10.C - lembrou I.10.D - disse I.10.E - Segundo Botha [informou] I.10.F - reconheceu I.10.G - esclareceu I.10.H - denunciou I.10.I - acrescentando	I.11 prestará	
I.6 Não queria falar							

"Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul" in Estado de Minas. Ano LXII, nº 17.724. Belo Horizonte, 15/08/1989:17



Observações à ordenação de “Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul”.

1) Neste texto a narrativa principal é a narrativa I. Temos situações de três outras narrativas atreladas a comentários.

2) A ordem textual reverte muito a ordem referencial. Esta é recuperada sobretudo graças ao conhecimento de mundo e aos elementos adverbiais e às datas. Em função da relevância, a nona (penúltima) situação na ordem referencial é a primeira na ordem textual.

3) As situações constituintes do anúncio da renúncia, que e a situação I.10 da ordenação referencial, são seqüentes, mas não se pode estabelecer sua ordem referencial com absoluta certeza. Como todas estão no perfectivo pode-se supor que tenham a ordem do alfabeto com que foram identificadas, que é a ordem textual. Todavia é possível por em cheque essa hipótese, supondo que todas resultem de uma única fala.

Texto nº. 75

Tipo: Narração passada

SEQÜESTRADORES FOGEM PARA O PARANÁ E SÃO CERCADOS

FOZ DO IGUAÇU. PR – Continuou durante todo o dia de ontem, pelo Paraguai e pelo Paraná, totalizando mais de 100 horas, a fuga dos quatro seqüestradores – Rui Ribeiro Campos, sua mulher Clair e seus irmãos Moacir e Marlene – iniciada no começo da madrugada de quinta-feira, dia 10, em Goiânia. Por volta das 17h de ontem, a quadrilha foi cercada por policiais paranaenses na fazenda Braço do Norte, no distrito de São Clemente, município Santa Helena, no oeste paranaense. Mas até às 22h eles não haviam sido capturados.

Desde que trocaram o garoto Said Angel Filho: na quarta-feira passada, em Goiânia, pelas repórteres Solange Franco, Mônica Calaça e o motorista Osiris Tavares, os seqüestradores fizeram oito reféns – o menino, três repórteres (uma delas libertada em Goiânia), o motorista Osiris Tavares, o prefeito goiano Aniceto Costa, o piloto paraense Roberto Luís Seregatti, e Adilson Santos Nascimento, empregado de uma fazenda no Paraná.

Fuga – Às 16h30 de domingo, na localidade paulista de Itororó do Paranapanema, na divisa entre São Paulo e Paraná, a quadrilha trocou os três reféns que mantinham dentro de um carro-forte há mais de 90 horas, pelo prefeito de Pontalina (GO), Aniceto Costa, e pelo piloto Roberto Luis Seregatti, para fugir em um avião bimotor prefixo PT-EHT.

O avião aterrissou entre 18h30 e 19h de domingo na pista de pouso de uma fazenda em Hernandarias, cidade paraguaia a 300 quilômetros de Foz do Iguaçu, onde o bando foi recebido a bala pelas policias do Paraguai e do Brasil. O cerco durou toda a madrugada de ontem. Durante a noite, um dos seqüestradores, levando o piloto Seregatti, saiu do avião e tentou fugir para o mato. Houve troca de tiros e Seregatti foi ferido no braço e mão direitos. Alguns tiros atingiram também uma das seqüestradoras e o avião.

Segundo informações do governador da província paraguaia de Alto Paraná, Juan Batista Gônzale Flores, a fazenda pertence a Carlos Barreto Sarobi, conhecido na região como contrabandista e traficante. Após negociações, o bando pediu combustível para deixar o Paraguai e recebeu 200 litros. Por volta das 6h de hoje o avião decolou e horas depois o serviço de radar do aeroporto de Itaipu, ainda em Hernandarias, comunicou à polícia paraguaia que o bimotor voltava para o Brasil.

Volta ao Brasil – Às 9h30 de ontem, a torre do Aeroporto Internacional e Foz do Iguaçu perdeu os sinais do avião, que estaria rumando para norte, dentro do espaço aéreo brasileiro. Atrás

dele seguia um Bandeirantes da FAB, equipado com radar e que o acompanhava desde Itororó do Paranapanema.

Às 11 h, o bimotor com 06 seqüestradores aterrissou na Fazenda Rossini, em Toledo, no Paraná, a 600 quilômetros de Curitiba, onde o bando já cometera vários crimes. O prefeito Aniceto Costa e o piloto Seregatti foram libertado e seguiram viagem para Centenário do Sul, onde mora o piloto, a 450 quilômetros de Curitiba. Dali foram para Lupionópolis, também no Paraná, divisa com São Paulo, onde Seregatti foi atendido no Hospital Santa Rita de Cássia. O prefeito e o piloto foram ouvidos pelo delegado José Marques Vieira a quem se negaram a informar onde o avião com os seqüestradores havia pousado. Eles contaram ao delegado que o bando sabia estar sendo seguido pela FAB e os ameaçava o tempo todo.

Assim que chegaram na Fazenda Rossini, em Toledo, os seqüestradores roubaram uma caminhonete F-100 cinza com listras marrons e tomaram como refém Adílson Santos Nascimento, empregado da fazenda, em Cascavel, a 40 quilômetros dali. Adílson contou à polícia que, junto com ele, as duas mulheres – Clair, mulher de Rui Ribeiro Campos, e Marlene, irmã dele foram deixadas perto de Cascavel. Ele disse também que a caminhonete foi abandonada pelos seqüestradores na região.

Avisados do pouso em Toledo, 100 policiais civis e militares do oeste do Paraná entraram em ação, localizando o bando por volta das 17h, na Fazenda Braço do Norte, distrito de São Clemente, no município paranaense de Santa Helena, que fica às margens do lago da hidrelétrica de Itaipu. Todas as estradas foram bloqueadas.

Interpol -.Segundo o porta-voz do Itamarati, ministro Ruy Nogueira; o próprio presidente do Paraguai, general Andrés Rodriguez, encarregou-se de dar informações ao presidente José Sarney sobre a atuação da policia paraguaia. A Polícia Federal pediu ajuda à Interpol, fornecendo todos os dados sobre os seqüestradores.

Ontem de manhã, em São Paulo, o diretor-geral da Policia Federal, delegado Romeu Tuma, levantou suspeitas sobre o possível envolvimento do piloto Roberto Luis Seregatti em contrabando e tráfico de drogas. A Secretaria de Segurança Pública do Paraná, entretanto, não endossa as palavras de Tuma. “Se a Polícia Federal tem algo contra ele já deveria ter tomado alguma atitude. Nós não temos nada contra ele. Ele nos prestou grande ajuda”, disse o diretor-geral da secretaria, Ricardo Mac Donald. Seregatti tem 46 anos, é casado, e trabalha na empresa Samurai A Viação.

Fonte: Jornal do Brasil. Ano XCIX, nº. 129 – 1º caderno. Rio de Janeiro, 15/08/1989:4. OBS.:
Veja página 106

Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados” in Jornal do Brasil – 1º caderno. Ano XCIX, nº 129. Rio de Janeiro, 15/08/1989:4.

Fuga	I.9 a I.26 continuou	△ Totalizando mais de 100 horas	I.3 A fuga iniciada	I.24 Foi cercada	I.26 Não haviam Sido capturados	I.1 trocaram	I.1 a I.19 fizeram	I.2 libertada
	I.4 trocaram	I.1 a I.4 mantinha	I.5 fugir	I.6 aterrissou	I.7 Foi recebido	I.8 △ O <u>cerc</u> o durou toda a madrugada de ontem		
	I.8.a.1 levando	I.8.a.1 saiu	I.8.a.2 Tentou fugir	I.8.a.3 <u>houve troca de tiros</u>	I.8.a.3 Foi ferido	I.8.a.3 atingiram	<u>pertence</u>	I.9 pediu
	I.11 decolou	I.12 comunicou	I.12 voltava	VOLTA AO BRASIL	I.13 perdeu	I.13.a Estaria rumando	I.13.b seguia	I.5 a I.13.b <u>acompanhava</u>
	II. cometera	I.15 e III.1 Foram libertados	III.2 seguiram	<u>Mora</u>	III.3 foram	III.4 Foi atendido	III.5 Foram ouvidos	III.5.a Se negaram a <u>informar</u> →
	I.14 Havia pousado	III.5.b <u>Contaram</u> →	I.13.c sabia	I.13.d Estar sendo seguido	I.13.d ameaçava	I.16 chegaram	I.17 roubaram	I.18 tomaram
	I.19 e IV.1 libertado	IV.2 <u>Contou</u> →	I.19 Foram deixadas	IV.3 <u>Disse</u> →	I.20 Foi abandonada	I.21 avisados	I.22 entraram	I.23 localizando
	I.25 Foram bloqueadas	INTERPOL	V <u>Encarregou-se</u>	I.27(?) Pedi	I.27 fornecendo	VI.1 levantou	<u>endossa</u>	<u>fica</u>
	Deveria ter tomado	temos	I.5 A i.15 prestou	VI.2 <u>disse</u>	tem	é	trabalha	

"Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados" in Jornal do Brasil. 19 caderno. Ano XCIX nº 129. Rio de Janeiro, 15/08/1989:4.

NARRATIVA 1

I.1	I.2	I.3	I.4	I.5	I.6	
Trocaram	libertada	A fuga iniciada	Trocou	Fugir	aterrissou	
↓			↓	↓		
I.1 até depois de I.19			I.1 a I.4	I.5 a I.13.b		
<u>fizeram</u>			<u>mantinha</u>	<u>acompanhava</u>		
I.7	I.8	△				I.9
Foi recebido	<u>O cerco durou toda a madrugada de ontem</u>					Pediu
						↓
	I.8.a.1		I.8.a.2	I.8.a.3		I.9 a I.26
	Saiu		Tentou fugir	<u>Houve troca</u> de tiros		A fuga continuou
	↓			↓		
	I.8.a.1			I.8.A.3		
	levando			Foi ferido	I.8.A.3	atingiram
I.11	I.12	I.13		I.14		
decolou	Comunicou	Perdeu				
	↓	↓				
	I.12	I.13.a				
	voltava	Estará rumando				
		↓				
		I.13.b				
		Seguia = estar sendo seguido = acompanha				
		↓				
		I.13.c				
		sabia				
		↓				
		I.13.d				
		ameaçava				
I.15 (ou III.1)	I.16	I.17	I.18	I.19 (ou IV.1)	I.20	I.21
Foram libertados	chegaram	roubaram	tentaram	Libertado	Foi abandonada	avisados
				↓		
				I.19.a		
				Foram deixadas		
I.22	I.23	I.24	I.25	I.26	I.27	
entraram	localizando	Foi cercada	Foram bloqueadas	Havia sido capturados	pediu	
					I.27	
					forneendo	

NARRATIVA 2

II.1
cometera

NARRATIVA 3

III.1 (ou I.15)	III.2	III.3	III.4	III.5	
Foram libertados	seguiram	foram	Foi atendido	Foram ouvidos	
				↓	
				III.5.A	
				Se negaram a <u>informar</u> →	I.14
				↓	
				<u>Contaram</u> →	I.13.b, I.13.c e I.13.d

NARRATIVA 4

IV.1 (ou I.19) libertado → IV.2 Contou → I.19 → IV.3 Disse → I.20

NARRATIVA 5

V.1
Encarregou-se de dar

NARRATIVA 6

VI.1 levantou VI.2 disse

Observações à ordenação de "Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados"

1) A narrativa II faz parte, na superestrutura da reportagem, do que VAN DIJK (1986) chamou de "background": história. As narrativas I.11, IV, V e VI constituem o que ele chamou de fatos secundários.

2) Na ordenação referencial das situações deste texto têm papel relevante as datas, horários e elementos adverbiais.

3) Há alguns exemplos de (VIII. c). O verbo "prestou" funciona como uma espécie de termo genérico que se refere às situações de I.5 a I.15. Em I.14 temos sinônimos (aterrissou e havia pousado) e em I.13.b temos sinônimos (seguia e acompanhava) e repetição do mesmo item lexical (seguia e estar sendo seguido).

Texto n° 76

Tipo: Narração passada usada como comentário dissertativo.

PAPEL DA IMPRENSA E O VALOR DA VIDA

Na noite de ontem, a repórter Solange Franco, da TV Anhanguera, que ficou prisioneira dos seqüestradores durante mais de 90 horas, escreveu o seguinte depoimento:

“O seqüestro de Goiânia emocionou o povo de todo o país, tornou solidária gente desconhecida, aflorou valores humanos, políticos e profissionais e provocou, sobretudo, o questionamento da segurança brasileira. Para quem esteve assistindo ao episódio, a polícia pareceu desestruturada, sem condições de enfrentar tal situação. Para os que permaneceram todos aqueles dias dentro do carro-forte, o resumo de tudo é que até a vida tem que ser negociada.

“Mas além da competência de cada instituição, da capacidade de seus comandantes e da posição radical que adotam, a grande pergunta que eu me faço agora é: quem é o responsável? Será que a imprensa tem que assumir outros papéis para, numa emergência, solucionar problemas? “Na minha opinião de jornalista, de voluntária, de refém e de ser humano, acredito que essa responsabilidade não é nossa. Como na Medicina, é necessário um trabalho preventivo e, num último caso, um paliativo. A segurança brasileira nem mesmo consegue evitar a ação dos bandidos e ainda joga com a vida de seres humanos que só queriam prestar um auxílio.

Goiânia – Moreira Mariz

Fonte: Jornal do Brasil. Ano XCIX, n° 129 – 1° caderno. Ri de Janeiro, 15/08/1989:4.

3.12 - PREDICÃO

Texto nº. 77

OBS.: 1 - Descrição, 2 - Narração

"O CAVALEIRO DA ESPERANÇA"

(Fragmento)

Lá está, em Realengo, amiga, a Escola Militar. De Gloriosa tradição, surgindo a cada passo na História do Brasil, do Império à República, era a Escola Militar da Praia Vermelha. Nela ressoou a voz de Benjamin Constant, dela saíram o positivismo e a República, os chefes do exército que se negaram a combater os negros de Cubatão, dela saiu Floriano Peixoto.

De gloriosa tradição, amiga, é esta Escola de Realengo que sucedeu à da Praia Vermelha. Vê, negra, esta é uma Escola ilustre. No futuro, [quando os dias **forem** melhores, quando a vida for uma permanente festa de trabalho e alegria,] os homens **pararão** diante dela comovidos. As mulheres **trarão** flores nos braços agradecidos e os pais **narrarão** para os filhos a história desta Escola. As crianças **olharão** os pátios e as salas de aula com os vivos olhos brilhando. Ninguém **passará** diante dela sem que certa emoção não baile no seu peito. Essa é uma Escola ilustre amiga.

Fonte: AMADO (1987:62-63)

Texto nº. 78

DISNEYWORLD COM CARINHO ESPECIAL

SAÍDA: 10 DE JULHO

14 DIAS

1º DIA - BRASIL

Comparecimento ao Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro ou São Paulo para embarque em jato com destino a Miami.

2º DIA - MIAMI CITY

Chegada pela manhã. Recepção no aeroporto e traslado ao sofisticado HOTEL MARRIOTT VENETIA. Aproveite para descansar um pouco ou curtir as delícias da Flórida. à beira da piscina, saboreando uma gelada "pina Colada". À noite como sugestão um saboroso jantar no elegante "The Forges". Seu guia estará pronto para dar todas as informações para tornar sua estada na Flórida o mais agradável possível.

3º DIA - MIAMI CITY

Pela manhã, sairemos para nossa visita a esta cidade, conhecendo: Lincoln Road, Coral Gables, Piscina Veneziana entre outras atrações. À tarde, você estará livre para suas primeira compras.

4º DIA - MIAMI CITYBOARD WALK/ORLANDO

Logo de manhã, partiremos para Orlando e, no caminho, visitaremos a mais nova atração da Flórida, Boardwalk and Baseball. Aqui você poderá aprender tudo sobre baseball e inclusive praticar esse esporte emocionante. Passeie pelo parque e conheça a Fábrica do Professor Bubble onde as coisas desaparecem, desça de Tobogan num dos quatro lagos do parque e, se a coragem não faltar, enfrente o "Hurricane" uma enorme montanha russa toda de madeira e viva emoções inesquecíveis. Após a visita, prosseguiremos até Orlando e nos hospedaremos no PARK SUIT HOTEL.

5º DIA - ORLANDO (DISNEYWORLD)

Hoje é o grande dia! O Reino Mágico de Walt Disney o espera com seus vários mundos encantados: o da Fantasia, da Aventura, do Oeste, do Amanhã e a Praça da Liberdade. Seu guia o acompanhará para que você possa aproveitar seu tempo da melhor forma. Não deixe de dar um

passeio pela Main Street e sinta-se em plena Belle-Époque, Dê uma parada na Sarah Lee e saboreie a famosa "Lemon Pie".

6º DIA - ORLANDO (EPCOT CENTER)

Hoje você terá um encontro com o mundo do futuro - Epcot Center; ou seja, Protótipo experi-ental da Comunidade do Amanhã. Aqui teremos uma visão de como viveremos num futuro não muito distante. Você verá maravilhas em energia, comunicação, transporte da exploração dos mares e, acima de tudo do potencial ilimitado da imaginação humana. À noite, assistiremos ao impressionante show de raios laser e fogos de artifício.

7º DIA - WET'N WILD

Hoje aproveitaremos o dia no Wet'n Wild, o maior parque aquático do mundo, onde você poderá desfrutar da piscina de ondas, enormes tobogans como o Kamicase (tobogã de 18 metros de altura), lagoa de Surf, ski aquático etc. À noite, sugerimos um programa opcional "Rose O' Gradys", onde você poderá ver um autêntico "Can-Can", ouvir e dançar música country ou ainda curtir uma discoteca (p/adultos e Crianças).

8º DIA - ORLANDO (DISNEYWORLD)

E a festa continua... Após o café da manhã, voltaremos a Disneyworld onde você poderá conhecer novas atrações ou rever aquelas que mais lhe agradaram. Que tal um delicioso almoço no "Crystal Palace" para saborear o "Beef and Rice". A qualquer instante você poderá bater um papo com o Zé Carioca, fazer peripécias com o Pateta ou cruzar com a Branca de Neve e os sete Anões; mas cuidado com os Irmãos Metralha pois eles estão à sua procura.

9º DIA - ORLANDO (EPCOT CENTER)

Hoje voltaremos a Epcot Center para visitar o World Show Case, "a vitrine do mundo", onde você terá oportunidade de passear pelo México, Canadá, França, Inglaterra, Japão, China, Alemanha, Marrocos e Estados Unidos, além de assistir a um show de Michael Jackson em 3ª dimensão. Para a noite, que tal um jantar típico no "Medieval Times" com seus cavaleiros reais?

10º DIA - ORLANDO (BUSCH GARDENS)

O dia de hoje será dedicado a Busch Gardens, um pedaço da selva africana em plena Flórida. Divirta-se apreciando os exóticos animais, faça um safari de trem, passeie de elefante e, se tiver

coragem, desça as corredeiras do Rio Congo em balsa e emocione-se com as duas montanhas-russas do parque.

11º DIA - ORLANDO/SEA WORLD/MIAMI CITY

Pela manhã, seguiremos em ônibus de luxo para Miami e, no caminho, visitaremos Sea World, o maior parque marinho da América. Você assistirá a vários shows e conviverá com assustadores tubarões no Shark Encounter, além de vibrar com show de Shamu, a baleia assassina de 2 toneladas e de sua recém-nascida Shamuzinha. Após a visita prosseguiremos para Miami City e nos hospedaremos no Marriott Venetia.

12º DIA - MIAMI CITY (BAHAMAS)

Aproveite o dia para uma escapada às Bahamas, num cruzeiro a bordo do luxuoso transatlântico SCANOINA VIAN SUN. Relaxe junto à piscina, desfrute do farto buffet oferecido e aproveite para as compras livres de impostos em Freeport. (opcional).

13º DIA - MIAMI CITY

Nosso último dia na Flórida. Aproveite para fazer suas últimas compras no shopping Omni que está junto ao nosso hotel, ou vá até o novíssimo Bayside Market Place. No final da tarde, traslado ao aeroporto para embarque no jato que nos trará de volta ao Brasil.

14º DIA - BRASIL

Chegada pela manhã e fim de nossa viagem de sonhos. Agora é só reunir os amigos para contarmos as novidades.

"FIM DE NOSSOS SERVIÇOS"

Fonte: Folheto promocional da Uberturismo (1989)

Texto nº. 79

O ECLIPSE

A América Latina é a região mundial que melhor poderá observar o eclipse total da Lua, esta semana, de amanhã para quinta-feira. De acordo com os cientistas, por sinal, será o último eclipse lunar com longa duração deste século. O melhor momento para se observar o fenômeno seria pouco depois às 21 horas de amanhã, quarta-feira.

Fonte: O Popular. Ano L, nº. 13.232. Seção "Giro". Goiânia, 15/08/1989:4

Texto nº. 80

EVENTOS DO MÊS

Constelações

Em outubro, a partir das 20 horas. será possível observar as seguintes constelações: Pégaso, Aquário, Cisne, Lagarto, Cefeu, Lira, Águia, Ofiúco, Sagitário, Escorpião. Libra, Lobo. Altar. Pavão. Telescópio, Triângulo Austral, Ave do Paraíso, Oitante, Pintor. Dourado, Reticulo, Hidra Macho, Relógio, Erídano, Fênix, Baleia. Peixes, Áries, Triângulo e Andrômeda. A Via Láctea atravessa o céu ao anoitecer de noroeste a sudoeste. Em noite clara é possível pesquisar toda a constelação de Sagitário apenas com um bom binóculo. Em boas condições de transparência, a Nebulosa da Lagoa, aglomerado interestelar, será visível ao norte de Lambda do Sagitário. Essa nebulosa tem como companheira, um pouco ao norte, uma das mais belas nebulosas, a Trífida.

Meteoros

Entre 5 de outubro e 3 de novembro estarão visíveis as estrelas do enxame Orionídeos, que tem seu radiante na constelação de Orion. Esses meteoros são rápidos, amarelados ou esverdeados e deixam rastros muito tênues. A frequência média é de aproximadamente uma aparição, num intervalo de 4 minutos. Sua máxima intensidade ocorrerá nos dias 21 e 22.

Sol

Atualmente, aproxima-se de sua máxima atividade e será fácil ver numerosas e extensas manchas em sua superfície. As maiores podem ser observadas a olho nu. mas protegendo a vista

com filtros especiais. Quem pretende usar um telescópio deve seguir o método de projeção indireta da imagem solar, num anteparo branco colocado atrás da ocular. No entanto, desconfie dos filtros, pois muitas vezes eles racham, deixando passar a luz, com perigo de queimadura da retina.

Fases da Lua

Quarto crescente, dia 5; lua cheia, dia 14; quarto minguante, dia 21; e lua nova, dia 29.

Planetas

Mercúrio: será visível de madrugada, antes do nascer do Sol, do lado leste, de 2 a 18 de outubro. No dia 10, a observação será particularmente favorável, quando o planeta atingirá seu maior afastamento do Sol (18 graus). No dia 25, Mercúrio estará ao norte de Spica, a estrela mais brilhante da constelação de Virgem (magnitude: - 0,3). **Vênus:** na constelação de Gêmeos será visível como astro vespertino, logo após o pôr-do-sol, do lado oeste (magnitude: 3,8). A 16 de outubro, Vênus estará muito próximo da estrela Antares, a mais brilhante da constelação de Escorpião. **Marte:** muito perto do Sol, o planeta será praticamente invisível (magnitude: 3,6). **Júpiter:** visível na constelação de Gêmeos, de madrugada, do lado leste (magnitude: - 2,1). **Saturno:** visível na constelação de Sagitário, como astro vespertino, do lado oeste (magnitude: 0,7). **Urano:** visível na constelação de Sagitário, como astro vespertino, do lado oeste (magnitude: 5,0). **Netuno:** visível na constelação de Sagitário como astro vespertino, do lado oeste (magnitude: 5,0). Não é difícil reconhecer os planetas, sabendo que não cintilam como as estrelas; seu brilho parece fixo. Mas, para melhor identificá-los, a Lua é uma boa referência. Em 3 de outubro, Vênus estará ao norte da Lua; no dia 7, Saturno, Urano e Netuno estarão ao norte da Lua; e no dia 20 Júpiter estará ao sul.

Fonte: Superinteressante. Ano 3, nº. 10. São Paulo, Ed. Abril, outubro de 1989:35.

Texto nº. 81

IBITINGA INCENTIVA PRODUÇÃO RURAL

IBITINGA - Dentro em breve, os 35 pequenos e médios proprietários rurais do bairro Corguinho, um dos mais antigos de Ibitinga, serão beneficiados pela instalação do programa de microbacias de produção, resultado da associação da Prefeitura, Secretaria da Agricultura do Estado e comunidade. A área de 610 hectares receberá tratamento básico uniformizado e nela

passará a funcionar uma associação, dos próprios agricultores, que poderá facilitar suas negociações tanto na aquisição de insumos e bens agrícolas como na comercialização de seus produtos. O Estado já liberou a verba básica que a Prefeitura deverá aplicar na restauração da estrada, de sete quilômetros, que liga o núcleo rural à cidade e em seguida começará o levantamento topográfico para depois se estudar o manejo conjunto da região quanto à correção do solo e controle de pragas. A região do **Corguinho** hoje cultiva a laranja, algodão, milho e alguns produtos de subsistência.

Fonte: O Estado de São Paulo. Caderno de "Esportes". Ano 110, nº. 35.202. São Paulo, 21/11/1989:25.

Texto nº. 82

JERUSALÉM CORROMPIDA SERÁ PURIFICADA

21 Como se prostituiu a cidade fiel,

 Sião, cheia de retidão?

 A Justiça habitava nela,

 e agora são os homicidas.

22 Tua prata converteu-se em escória,

 teu vinho misturou-se com água.

23 Teus príncipes são rebeldes, cúmplices de ladrões.

 Todos eles amam as dádivas e andam atrás do proveito próprio;

 não fazem Justiça ao órfão,

 e a causa da viúva não é evocada diante deles.

24 Por este motivo eis o que, diz o Senhor,

 Deus dos exércitos, o Poderoso de Israel:

 "Ah! eu tirarei satisfação de meus adversários,

 e me vingarei de meus inimigos.

25 Voltarei minha mão contra ti,

 e te purificarei no crisol,

 e eliminaréi de ti todo o chumbo.

26 Tornarei teus Juizes semelhantes aos de outrora,

 e teus conselheiros como os de antigamente.

Então te chamarão Cidade da Justiça, Cidade fiel.”

27 Sião será remida pelo direito,

e seus convertidos, pela justiça.

28 Os rebeldes e os pecadores serão destruídos juntamente,

e aqueles que abandonam o Senhor perecerão.

29 Então tereis vergonha dos carvalhos verdes que cobiçais,

e corareis dê pejo dos jardins que ora vos agradam.

30 porque sereis como um carvalho verde com folhagem seca,

e como um jardim sem água.

31 O homem forte será a estopa, e sua obra, a faísca;

Eles arderão sem que ninguém possa extinguir.

Fonte: Bíblia Sagrada, livro de Isaias, Capítulo 2, Vers.21-31.

Texto nº. 83

PRÊMIO MAMBEMBE EM NOVO FORMATO

A festa de entrega aos vencedores, hoje na Escola de Circo, não terá mestre de cerimônia, já que os indicados farão o show.

HOJE, à partir das 20h30, a Escola Nacional de Circo na Praça da Bandeira será o cenário da festa de entrega do Prêmio MinC-Troféu Mambembe com que a Fundacen (Fundação Nacional de Artes Cênicas) consagra anualmente os destaques do teatro da temporada anterior. Nesta edição do Mambembe (o nome do prêmio foi escolhido em homenagem à antiga tradição das companhias brasileiras de mambembar pelo interior), o público - a entrada é mediante convite - assistirá a uma cerimônia totalmente diferente nesse gênero de espetáculo. Não haverá a figura dos mestres-de-cerimônias, substituída por um show em que os próprios indicados farão o espetáculo.

Aderbal Júnior, o diretor da festa, resolveu inovar, intitulado de Cultura e sociedade a cerimônia da entrega. Neste ano eleitoral, Aderbal pretende que o Mambembe não seja apenas um prêmio de teatro, mas uma integração das artes cênicas com a sociedade. Por isso, 12 áreas da vida nacional estarão representadas nas homenagens especiais. Os homenageados - Nittes Jacón, criadora do grupo Proteu e do Festival de Teatro de Londrina na área do teatro; Orlando Orfei na de circo, Mário de Bruno na ópera e Albertina Tuma em dança, além de Dias Gomes como homenageado especial da Fundacen - receberão seus troféus das mãos de Isabel do vôlei, Joãozinho

Trinta, Rubem Gerchman, Zuenir Ventura, Adelson Alves, Lúcia Leme, Nélida Pifton, Manuela Pinho, Cacá Diegues, Carmem Costa, Herbert dá Souza e um 12º nome ligado à religião, ainda não definido.

A tensão que marca a expectativa dos indicados este ano talvez não diminua, mas pelo menos o diretor Aderbal pretende que seja compartilhada de uma maneira mais teatral. Todos os indicados (teatro adulto e infantil) ficarão no palco - no caso, picadeiro e serão chamados a abrir os seus próprios envelopes, desta forma, pretende-se que todos compartilhem a escolha, valorizando as indicações, e de que a vitória seja de todos, do teatro. Haverá depois de uma hora, tempo previsto para duração da cerimônia, um baile animado com a orquestra do maestro Cipó. Os vencedores recebem um troféu assinado por Aloísio Magalhães e cheque no valor de NCzS 1 mil. Os jurados se reunirão três horas antes do início da festa e os resultados só serão conhecidos quando da abertura dos envelopes. São os seguintes os indicados do teatro adulto nas diversas categorias:

- *Autor:* Chico Caruso (Amigo da Onça), Anamaria Nunes (A geração Trianon), Carlos Alberto Sofredini (Pássaro do poente); Caio Fernando Abreu e Luiz Arthur Nunes (A maldição do Vale Negro) e Juca de Oliveira (Meno male).

- *Diretor:* Marcos Fayad (Martim Cereré), Ulysses Cruz (O despertar da primavera), Eduardo Woyzik (A geração Trianon), Anselmo Vasconcelos (A verdadeira história de Ah.Q) e Moacyr Góes (Baal).

- *Ator:* Miguel Falabella (Sereias da Zona Sul), Guilherme Karam (Sereias da Zona Sul), Paulo Yutaka (Pássaro do poente), Paulo José (Delicadas torturas) e Luis Gustavo (Meno male).

- *Ator em papel coadjuvante:* Clemente Viscaíno (O homem sobre o parapeito da ponte), Paschoal Vila-boim (A verdadeira história de Ah.Q) e Luis Maçãs (Filumena Marturano).

- *Atriz:* Natália Thimberg (Meu querido mentiroso), Zezé Polessa (Delicadas torturas), Denise Stoklos (Denise Stoklos in Mary Stuart) e Angela Valério (A maldição do Vale Negro).

- *Atriz em papel coadjuvante:* Lília Cabral (Delicadas torturas) e Yolanda Cardoso (Filumena Marturano).

- *Cenógrafo:* Siron Franco (Martim Cereré), Takashi Fukushima (Pássaro do poente), Tawfik e Gilberto Vigna (O homem sobre o parapeito da ponte), Luis Carlos Ripper (Extravagância) e Yeda Lewinson (A verdadeira história de Ah.Q).

- *Figurista:* Rosa Magalhães (A geração Trianon), Siron Franco e Marcos Fayad (Martim Cererê) e Tadeu Burgos (A verdadeira história de Ah.Q).

- *Produtor ou empresário:* Walmor Chagas (pela criação da companhia estável do Teatro Ziembinski) e Ditirambo Produções Artísticas (Baal).

- *Revelação:* Leon Góes (ator em Baal) e Carlos Loffler (ator de Splish, splash).
- *Categoria especial:* José Eduardo, Moraes (direção musical de Martim Cererê), fundação do Teatro Ziembinski, Sonaira e Sonaia D' Avila (pesquisa histórica e organização da exposição de A geração Trianon) e Betti Rabetti (pelo trabalho de dramaturgia de Baal).
- *Grupo, movimento, personalidade:* Publicação de Exercício findo, de Décio de Almeida Prado, José da Costa pelo projeto Mergulho no Trágico e os 10 anos do Teatro dos Quatro.

Texto nº. 84

PRIMAVERA

15 Até que sobre nós se derrame o espírito do alto.

Então o deserto se mudará em vergel,
e o vergel tomará o aspecto de um bosque;

16 no deserto reinará o direito,
e a Justiça residirá no vergel.

17 A Justiça produzirá a paz
e o direito assegurará a tranqüilidade;

18 meu povo habitará em mansão serena,
em moradas seguras, em abrigos tranqüilos.

19 (A floresta será abatida e a cidade, humilhada),

20 bem-aventurados sereis por semear à margem de todos os cursos d'água
e por deixar o boi e o asno sem peias.

Fonte: Bíblia sagrada, livro de Isaias, Capítulo Capítulo 32, Vers.15-20.

Texto nº. 85

O REINO DO MESSIAS

11 Um renôvo sairá do tronco de Jessé,
e um rebento brotará de suas raízes,

2 Sobre ele repousará o Espírito do Senhor,
Espírito e sabedoria e de entendimento,
Espírito de conselho e de fortaleza,

Espírito de ciência e de temor do Senhor.

3 (Sua alegria se encontrará no temor do Senhor).

Ele não Julgará pelas aparências,
e não decidirá pelo que ouvir dizer;

4 mas julgará os fracos com eqüidade,
fará Justiça aos pobres da terra,
ferirá o homem impetuoso com uma ordem de sua boca,
e com o sopro dos seus lábios fará morrer o ímpio,

5 A Justiça será como o cinto de seus rins,
e a lealdade circundará seus flancos.

6 Então o lobo será hóspede do cordeiro,
a pantera se deitará ao pé do cabrito,
o touro e o leão comerão juntos,
e um menino pequeno os conduzirá.

7 a vaca e o urso se fraternizarão,
suas crias repousarão juntas,
e o leão comerá palha com o boi.

8 A criança de peito brincará junto à toca da víbora,
e o menino desmamado meterá a mão na caverna da áspide.

9 Não se fará mal nem dano
em todo o meu santo monte.
Porque a terra estará cheia da ciência do Senhor,
assim como as águas recobrem o fundo do mar.

10 Naquele tempo o rebento de Jessé,
posto como estandarte para os povos,
será procurado pelas nações
e gloriosa será a sua morada.

11 Naquele tempo
o Senhor levantará de novo a mão
para resgatar o resto de seu povo,
os sobreviventes da Assíria e do Egito.
(de Patros, da Etiópia, de Elão,
de Senaar, de Emat e das ilhas do mar),

12 Levantará o seu estandarte entre as nações,

reunirá os exilados de Israel,
e recolherá os dispersos de Judá
dos quatro cantos da terra.

13 A inveja de Efraim abrandar-se-á,
e os inimigos de Judá se desvanecerão.
(Efraim não mais invejará Judá,
e Judá não será inimigo de Efraim).

14 Eles voarão para o lado dos filisteus ao ocidente
e, juntos, saquearão os filhos do oriente.
Estenderão a mão sobre a Iduméia e Moab,
e os amonitas lhes serão submissos.

15 Assim como o Senhor pôs a sêco o braço de mar do Egito,
com seu sopro ardente,
ele estenderá a mão sobre o rio
e o dividirá em sete braços, de sorte que se poderá atravessar a vau.

16 O caminho se abrirá para o resto de seu povo
que escapar da Assíria.
como se abriu para Israel
no tempo em que ele saiu da terra do Egito.

Fonte: Bíblia Sagrada, livro de Isaías. Capítulo 11, vers. 1-16

Texto n°. 86

SONETO

Guilherme de Almeida

Quando as folhas caírem nos caminhos,
Ao sentimentalismo do sol poente,
Nós dois iremos vagarosamente
De braços dados, como dois velhinhos.

E que dirá de nós toda esta gente
Quando passarmos mudos e juntinhos?
- Como se amaram esses coitadinhos?
Como ela vai, como ele vai contente!

E por onde eu passar e tu passares,
 Hão de seguir-nos todos os olhares
 E debruçar-se as flores nos barrancos...

E por nós na tristeza do sol posto,
 Hão de falar as rugas do meu rosto
 E não de falar os teus cabelos brancos!

(Nós, soneto XIX, Livraria Marfins Editora S. A., 1955, S. Paulo.)

Fonte: MATTOS(1972:51)

Texto nº. 87

VENTURA DE SIÃO NOS TEMPOS MESSIÂNICOS

2 Naquele tempo,

Aquilo que o Senhor fizer crescer será o ornamento e a glória,
 e o fruto da terra será o orgulho e o ornato
 daqueles de Israel que forem salvos.

3 O que restar de Sião,

os sobreviventes de Jerusalém,
 serão chamados santos
 todos os que estiverem computados entre os vivos em Jerusalém.

4 Quando o Senhor tiver lavado a imundície das filhas de Sião,

e apagado de Jerusalém as manchas de sangue
 pelo sopro do direito e o vento devastador,

5 o Senhor virá estabelecer-se

sobre todo o monte Sião e em suas assembléias,
 de dia como uma nuvem de fumaça,
 e de noite como um fogo flamejante.

Porque sobre o conjunto se estenderá a glória do Senhor,

6 como a cobertura de uma tenda,

à guisa de sombra contra o calor do dia.
 e de refúgio e abrigo contra a procela e a chuva.

Fonte: Bíblia Sagrada, livro de Isaías. Capítulo 4, vers.2-6.

3.13 - OUTROS TEXTOS

Texto nº. 88

BALI

PERCA-SE NA BELEZA E NA MAGIA DESTA ILHA. ELA OFERECE TODOS OS PRAZERES E UMA AMOSTRA DO PARAÍSO

Contrarie o bom senso e perca-se em Bali. Pode parecer estranho que este seja o primeiro conselho a quem realmente queira desvendar os mistérios desta pequenina ilha no Oceano Índico, um paraíso mágico localizado no outro lado do mundo, no arquipélago da Indonésia, logo abaixo da linha do Equador. O bom senso recomendaria ao visitante a companhia inseparável dos guias turísticos locais, o uso obsessivo de mapas, roteiros programados e uma obediência fiel às recomendações fornecidas pelos hotéis. Conselho amigo: esqueça tudo isso e siga seus próprios passos e intuições. Exerça, conscientemente, sua irresponsabilidade.

Em primeiro lugar, é preciso descobrir vantagens numa desvantagem fundamental. Ou seja, a do visitante não ser um balinês, um ilhéu nato. Por mais que você tente se embrenhar na ilha, jamais deixará de ser um outsider. Aquele sorriso inacessível dos homens e mulheres de Bali sempre deixa claro que, em muitos ambientes, turista não entra mesmo. Certas festas íntimas dos vilarejos, certos "clubes" dos homens da comunidade, certas cerimônias religiosas visitam-se apenas através da imaginação.

As pessoas que realmente entram na intimidade da ilha precisam ter nascido no lugar, pertencer a uma das três castas e conhecer quatro línguas diferentes - o sânscrito, usado entre os bramas; o kawi, a língua exclusiva dos rituais; e ainda outras duas línguas familiares, usadas entre as castas. Mas é justamente essa impossibilidade de entrar que dá ao estrangeiro maior liberdade de observação. E isso é precioso.

Bali sabe como e quando se exhibir aos de fora. O calendário anual de festas inclui cerca de 25 mil cerimônias (e, note-se, o ano balinês tem apenas 210 dias); por isso, não há o menor risco de se visitar a ilha sem se presenciar o ritual da cremação, quando todo o povo de uma vila se reúne, alegre e dançante acompanhando o morto até as cinzas derradeiras. Não existe tristeza aqui, só a exaltação da liberdade espiritual. Também não há perigo de não se cruzar com um *odalam*, a festa que sempre inaugura os templos, quando as mulheres ajeitam oferendas magníficas em bandejas de prata. Afinal, é preciso saciar o apetite dos maus espíritos.

Os templos estão em toda parte na ilha. Qualquer vila tem pelo menos três deles, que são o ponto de convergência de um povo que acredita em onze céus diferentes, e em um número variável de deuses, que tanto podem ser uma simples pedra como uma criança. Em Agung, brota no visitante aquele desejo sincero de se perder entre os sessenta templos da montanha, uma espécie de Olimpo balinês, onde o ar é deliciosamente fresco.

Todo esse misticismo é praticado com absoluta espontaneidade pelos ilhéus. Eles se organizam no *banjar*, uma espécie de cooperativa de vizinhos, só para dividir as despesas com as cerimônias religiosas. Nada pode faltar aos espíritos - nem aos bons, nem aos maus. Nesses momentos de exaltação ao divino, o balinês entra em transe, um espetáculo assustador e até mesmo histórico. Faz lembrar os tempos remotos, quando o islã se apoderou de toda a Indonésia - toda, menos Bali. Nessa ilha, os *satrias* e os *wesia*, as castas guerreiras hinduístas, enfrentaram os invasores em estado de transe total. Matavam e morriam às centenas. Sempre sorrindo.

BALI: EIS A ILHA DA FANTASIA

Mas não se assuste. Os balineses não agridem o visitante. Os nativos é que são violentados pelas multidões de turistas australianos e japoneses, que se valem da proximidade geográfica para mergulhar, em massa, nos encantos da ilha. É o que se percebe em Denpasar, a capital, localizada ao sul. Lá estão os hotéis luxuosos, as cerimônias fingidas, o artesanato falso. Sob o aspecto da autenticidade, Kuta Beach não passa de uma profunda decepção. Mas aí é que começa a desobediência ao bom senso. Depois de se desvencilhar de todos os passeios turísticos sugeridos pelas agências é fundamental vagabundear, andar a pé pelas ruas, dizer "não" a todos os táxis (sempre caros) e alugar um jipe ou moto, os únicos veículos capazes de uma boa performance na acidentada geografia da ilha.

Aquele cheiro de sândalo que já saúda o turista no aeroporto vai persegui-lo nos becos, nos caminhos estreitos. Escolha ao acaso uma estrada e siga em frente. É possível que você cruze os pantanais e chegue a Negara, conhecendo alguns dos muitos vulcões extintos. Ou ainda que você atinja as praias orientais de Amlapura; e, nelas, termine por se entregar às mãos sábias das velhas massagistas que vagueiam pelas areias. Em Ubud, a antiga capital, não dê ouvidos à arruaça dos turistas (Ubud é uma espécie de centro artístico de Bali) e passeie a pé, cruze a ponte que leva a Penestan e descubra os pintores *naives*. que retratam deuses para deleite próprio.

Em Sukawati, aproxime-se dos *dalang*, artistas que trabalham com teatro de sombras. Entre nos *prahos*, canoas que atravessam o grande lago de Bratan, ou solte a vista pelos arrozais, cultivados em patamares nas encostas dos vulcões. Vá longe, vá fundo e esqueça as direções. Saiba que em busca de alguma informação indispensável, o inglês funciona como a língua de

sobrevivência em Bali. Há sempre uma jovem vestida com um pareô floral, disposta a ceder um sorriso e uma boa informação.

Ela poderá indicar o melhor restaurante para se saborear o *nasi goreng* - um risoto típico; saberá sugerir uma costureira de confiança para confeccionar, sob medida, algum traje em seda oriental, assim como um bom espetáculo de dança, algum massagista eficiente (a massagem obedece princípios hinduístas e começa com um peeling à base de pó-de-arroz, amêndoas e água). Ou, quem sabe, ela vai revelar a você a direção das praias onde se pratica o nudismo, sem qualquer constrangimento. Padangbai é uma delas.

Finalmente, dê uma chance ao bom senso e não deixe de conhecer os pontos nobres da ilha, como a praia de Seminyak. Lá, bangalôs não existem: só mansões, lindas, luxuosas, confortáveis e palácios para pouquíssimos usuários; como Mick Jagger, que é habitué de Bali.

GUIA PRÁTICO

Onde ficar. Há acomodações para todos os gostos. Desde os bangalôs típicos das praias de Kuta e Legian até hotéis luxuosos, como o Tandjung Sari, o pre-erido de Aga Khan. O telefone é 8441. Vale a pena conhecer os novos e modernos hotéis da praia de Nusa Dua, na ponta da ilha. Onde comer. Os bons hotéis garantem refeições de qualidade, inclusive as típicas. Mas não hesite em tentar os restaurantes mais simples da ilha. Neles, você seguramente irá saborear algumas versões do nasi goreng ou riejstafel, pratos feitos à base de arroz frito, combinando carnes diversas. No Bali in Dahn, na praia de Kuta, prove a "sopa dos deuses", com frutos do mar.

O que ver. Pode-se requisitar um guia no próprio hotel. Ele vai sugerir excursões partindo de Denpasar para o lago Batur, para Ubud ou Bedugul (onde você encontrará o artesanato da ilha). Mas o melhor é alugar um jipe e circular por toda Bali.

O que comprar. Roupas em patchwork estão à venda em Kuta. Em Ubud, encontram-se quadros e objetos em madeira entalhada (até móveis). E os tecidos do Oriente lotam as lojas de Denpasar especialmente as da rua principal, Jalan Gajah Mada.

Praias. Lindas, algumas com areia quente (característica das regiões vulcânicas). Ao contrário do que se pensa, os pontos para surf são poucos. Ulu Watu é o melhor deles, segundo o jovem João Orleans e Bragança, um pioneiro nesse esporte em Bali.

Informações gerais. A agência Latin Express, no Rio, promove viagens mensais para Bali. O telefone é (021) 221-8380. Seu representante em São Paulo é a Agaxtur, telefones (011) 881-7755 ou (011) 259-8533. Mais detalhes podem ser solicitadas à Garuda Indonésia-PO BOX 1028, Denpasar, Bali.

Fonte: Elle. Ano 2, nº 10. São Paulo, Ed. Abril, outubro de 1989:196-200.

Texto nº. 89

UM ESPELHO PARA O COSMO

Há três anos os astrônomos esperam por esse dia. Finalmente, se não surgirem novos problemas, em março próximo o Telescópio Espacial Hubble será despachado ao espaço, embalado na nave tripulada Discovery; para ficar em órbita da Terra, a 550 mil metros de altitude. Com o lançamento prejudicado pelos sucessivos atrasos no programa espacial americano, o telescópio repousa num galpão esterilizado na Califórnia. Quase tão fascinante quanto as descobertas que graças a ele será possível realizar (veja quadro adiante) foi sua construção, que levou cinco anos. A começar pela manufatura do seu espelho principal, cuja superfície refletirá e focalizará a luz dos astros, que será depois transmitida à Terra como uma transmissão de TV. O jornalista americano Terry Dunkle acompanhou a aventura. Seu relato:

Em 1981, quando foi escolhida pela NASA para executar o projeto do espelho do Hubble, a Perkin-Elmer Corporation, empresa americana especializada em instrumentos óticos e eletrônicos, teve que deixar de lado todas as outras encomendas. Um exército de engenheiros desenhou então um tubo de 13 metros de comprimento, dotado de sensores capazes de focalizar um vagalume a milhares de quilômetros (SUPERINTERESSANTE número 3, ano 1). Esse tubo serviu de abrigo ao espelho de 2.47 metros de diâmetro, no formato de uma rodela de abacaxi com um furo no centro. Quando o telescópio ficou pronto, cinco anos e 1,5 bilhão de dólares depois, estava preparado para enxergar o espaço com uma nitidez sete vezes maior do que qualquer outro equipamento semelhante já construído pelo homem.

Mas a manufatura do espelho - um trabalho caro e artesanal - havia começado alguns anos antes, em 1977, quando foi feita a moldagem do vidro. Para que o conjunto do Hubble, um engenho de 11 toneladas, não ficasse ainda mais pesado, o que causaria problemas no espaço, o espelho não foi projetado como um corpo sólido, mas como duas finas fatias de silicato de titânio - material de pouca dilatação térmica -, feito um sanduíche recheado de ar. Como as duas fatias não poderiam encostar uma na outra, foram colocados ali tubos de vidro, que deram ao conjunto a aparência de uma sofisticada embalagem de ovos. Assim, o espelho é 90 por cento de ar. Até a curva quase hiperbólica do vidro foi obtida aquecendo-se e moldando-se o ar na forma de um telhado de cogumelo.

Até o momento em que se começou a construir o Hubble, ninguém havia pensado em fazer algo semelhante. Por isso, a NASA se cercou de todos os lados: além de encomendar a peça à

Perkin-Elmer, pediu outra à empresa rival, Eastman-Kodak, reservando-se o direito de ficar com aquela que fosse de qualidade superior. Pode-se, portanto, imaginar o nervosismo engenheiro Jack Kurdock, da Perkin-Elmer, quando, num dia cinzento de novembro de 1981, junto com três companheiros de equipe, se para cobrir o espelho com uma camada refletora de alumínio. Se o trabalho apresentasse qualquer defeito, estaria prejudicado o sonho daqueles técnicos de ajudar os astrônomos a ver mais longe no espaço e no tempo, quem sabe até o início do Universo.

Para que o telescópico funcionasse direito, isto é, transformasse em estrelas e galáxias os brilhos captados a milhares de anos-luz de distância, o espelho principal deveria aproveitar o máximo da luz coletada. E o máximo de aproveitamento só poderia ser obtido se o espelho fosse um bom refletor, algo que o desempenho do engenheiro Kurdock precisaria garantir. "Ele teria de refletir pelo menos 70 por cento da luz no ultravioleta", lembra o engenheiro. "Mas essa porcentagem é maior do que aquela obtida em qualquer telescópio feito anteriormente,"

A fim de vencer esse desafio, as especificações da cobertura eram as mais exigentes que Kurdock, um homem calmo, com pelo menos vinte anos de experiência nesse tipo de serviço, já tinha enfrentado. Para começar, a Perkin-Elmer necessitou construir uma câmara de vácuo especial, de quase dois andares, com paredes de aço de 2 centímetros de espessura e uma grande janela no teto. "Era nessa fenda que o espelho entrava", explica Kurdock. Ele mostrou como o grande disco, a rodela de abacaxi, era colocado num anel gigantesco de metal capaz de transportá-lo feito um elevador até a base da câmara. Ali ficavam oito recipientes cheios de alumínio, ligados a canhões de elétrons.

Se a superfície do espelho contivesse qualquer traço de poeira, esta se vaporizaria na câmara de vácuo e cobriria o espelho com uma fina camada de moléculas de hidrocarbonetos. Por isso, o disco teria de ser lavado com água destilada e colocado para secar como um lençol no varal. Mas havia um problema: sendo ele muito pesado para ficar de pé, corria o risco de se espatifar depois do banho. Daí, foi necessário desenhar uma espécie de fôrma de bolo feita de aço, que, ajustada nas costas do espelho (que não receberia cobertura), ajudaria a distribuir o peso e a eliminar a tensão. Todos os passos da operação limpeza foram cuidadosamente planejados. "Existia o perigo real de deixar cair o espelho nessa fase", comenta Kurdock, lembrando-se de um incidente infeliz ocorrido no passado.

Alguns anos antes, com efeito, a Perkin-Elmer fora escolhida para fazer o espelho de quase 1 metro do telescópio Copernicus, também da NASA. Em dado momento do processo, quatro operários tiveram de transportá-lo. Um deles tropeçou e o espelho caiu, espalhando vidro para todos os lados. "Quando se trabalha com um material tão delicado, você tem de estar pronto para problemas desse tipo", diz o resignado Kurdock. O próprio espelho do Hubble já tinha pregado

algumas peças. Numa primeira fase que durou dois anos, ele foi polido para perder qualquer rugosidade. Certa vez, durante uma inspeção de rotina, um dos operários percebeu logo abaixo da superfície gelada do vidro um risco finíssimo que refletia a luz de uma forma que lembrava uma xícara de chá.

"Foi um momento de pânico", recorda Ronald Rigby, engenheiro-chefe encarregado dessa parte da operação. Num grande pedaço de vidro, até o risco mais fino significa um desastre. Uma mudança de temperatura, por exemplo, pode abalar a estrutura do espelho e provocar uma rachadura monstruosa. Assim, se a xícara de chá não fosse removida e a ferida isolada, o risco poderia crescer. O problema era tão sério que quase provocou uma briga entre as pessoas que trabalhavam no projeto. Rigby queria atacar o vidro com uma broca e fazer um buraco que isolasse totalmente a área. Outro engenheiro, cujo trabalho era prever se o Hubble poderia sobreviver ao lançamento na Atlantis, temia os prejuízos que essa abertura traria ao espelho.

Por isso, ele preferia não abrir buraco algum, mas usar a broca em volta da fatia do espelho atingida, e somente ao redor do risco. Embora causasse menos estrago, essa solução representava outro sério perigo, pois a pressão da ferramenta em volta da xícara de chá poderia provocar uma grande rachadura. Mesmo assim, foi a técnica escolhida. Isso porque o buraco que Rigby pretendia fazer poderia poluir com poeira de vidro o interior praticamente oco do espelho. No espaço a poeira flutuaria pelo telescópio, prejudicando irremediavelmente seu foco. Assim, após três semanas de discussão e pânico, eles arriscaram a operação limpeza por cima. Em seguida, fazendo foga, esperaram pelo crack da rachadura - que, afinal, não aconteceu.

Apesar disso, muita gente na Perkin-Elmer ficou irritada com a alteração. Deixem para lá, disse Rigby, com a experiência de 25 anos na manufatura de espelhos de telescópios. "Quando terminarmos, vocês se lembrarão dela como de uma verruga no ombro de uma mulher bonita." Ele se referia à fase final do polimento, para a qual foi construída uma espécie de cama de faquir, feita de barras de titânio, tendo em cada ponta uma safira, ajustada nas costas do espelho. Custo da peça: 2 milhões de dólares. Apoiado confortavelmente por baixo nessa cara armação, que permitia que a pressão exercida sobre o disco obedecesse à curvatura da superfície, o espelho foi esfregado dia e noite durante meses.

Foi uma tarefa exaustiva e irritante. O polimento exige uma técnica curiosa, que consiste em esfregar milímetro por milímetro do disco de vidro coberto com uma substância abrasiva, no caso um pouco de piche. Para que o piche não risque o vidro, usa-se sobre ele um pó que pode ser - por incrível que pareça - rouge. Utilizando um dispositivo de laser que, ao bater na superfície do vidro, produzia uma série de padrões de interferência, os engenheiros foram capazes de descobrir irregularidades de bilionésimos de milímetro. Fazendo uma comparação, eles calcularam que se o

espelho tivesse o tamanho do golfo do México suas ondas não teriam mais de 1 milímetro de altura. Diante de tamanha perfeição, a responsabilidade final de todos ficou ainda maior. Quando chegou o grande dia da cobertura, em novembro de 1981, o disco impecavelmente limpo e polido, foi instalado na câmara de vácuo.

Durante uma semana, bombas tiraram todo o ar interno, até que a pressão ficou mil vezes menor do que aquela que o telescópio encontrará a 550 mil metros da Terra. Em seguida, a equipe de Kurdock começou a rodar o espelho devagar, afim de obter uma cobertura uniforme. Foram ligados os canhões de elétrons para que os raios de alta energia vaporizassem o alumínio. Este, tornando-se mais leve, se elevaria, agarrando-se ao vidro. A camada de alumínio não deveria ter mais de 80 nanômetros - cada nanômetro vale um milionésimo de milímetro - e seria protegida por uma camada de fluoreto de magnésio.

Três minutos depois de iniciada a operação, tudo estava terminado. Aberta a câmara, os técnicos entraram para ver o resultado da obra. Por um instante, pensaram que alguém havia roubado o espelho. Nada ali era visível, apenas um teto inexplicavelmente alto. "Percebi depois que estava olhando para um reflexo num espelho com um brilho fantástico", conta Kurdock. Mais tarde, os testes mostraram que a cobertura tinha 80 por cento de reflexão, dez a mais do que a NASA havia exigido. Os astrônomos sonhavam com um aproveitamento de 47 por cento da luz coletada pelo telescópio. Conseguiram 57 por cento.

É claro que, depois de uma obra dessas Rigby e Kurdock foram promovidos. O primeiro está supervisionando para a NASA a construção do futuro telescópio espacial de raios X. Mas, quando se lembra do grande espelho do Hubble, nem ele consegue acreditar que tenha sido capaz de executar tamanha maravilha. "Nunca verei outro espelho como aquele", afirma Rigby, nostálgico. Ao que Kurdock responde com uma risada, lembrando os anos de agonia para construí-lo: "Eu também espero que nunca mais". O engenheiro William Fastie, da NASA, que acompanhou o trabalho, dá o veredicto final: "O Telescópio Espacial Hubble tem o espelho mais perfeito já construído. Não tenho dúvidas de que com ele enxergaremos centenas de milhões de anos-luz além do que esperávamos".

Fonte: Superinteressante. Ano 3, nº 11. São Paulo, Ed. Abril, novembro de 1989:37-41.

Texto nº. 90

**REYNOLDS E ALCAN ESTÃO LANÇANDO NO BRASIL A LATA MAIS AVANÇADA
DO MUNDO.**

Em matéria de embalagem de bebida, acabamos de ingressar no futuro.

Chegou a lata da Reynolds, fabricada com o alumínio da Alcan.

Com todas as vantagens, que começam na finíssima chapa de alumínio, um prodígio da tecnologia nacional.

Ela não pesa mais do que 18 gramas - o que não é peso, é leveza. Gela mais rápido, não apresenta emendas e não enferruja.

Ou seja, a sua bebida predileta está fechada com o que há de mais moderno em matéria de embalagem.

Quando você abre a tampa, o anel não se desprende. A tampa é ecológica. A lata é 100% reciclável. Quer dizer, menos lixo industrial, mais economia, meio ambiente limpo.

REYNOLDS/LATASA

Alcan

Alumínio do Brasil S.A

Fonte: Veja. Ano 23, nº. 11. São Paulo, Ed. Abril, 21/03/0990:12 e 13.

Texto nº. 91

**NOS ANOS 50, O YÁZIGI ENSINOU MUITOS REBELDES A TRADUZIREM SEUS
SENTIMENTOS.**

Tudo começou na década de 50. A juventude do pós-guerra se rebelava contra os valores da época e procurava uma maneira diferente de encarar e viver a vida. Reivindicava e manifestava suas idéias e ideais. Enquanto isso, os fundadores do Yázigi colocavam em prática uma teoria que, já fazia algum tempo, eles mesmos haviam formulado. O mundo mudava. Um novo universo cultural estava sendo explorado. A língua inglesa começava a ser falada e compreendida por todo o mundo. Uma nova filosofia de ensino aparecia no Brasil: o Instituto de Idiomas Yázigi. Quem quisesse ser ouvido teria que se adaptar à linguagem mais forte e popular, que acompanhava as mudanças. O

Yázigi se destacava. As aulas sempre tratavam de temas atuais. Os professores eram muito bem preparados, davam as primeiras aulas de inglês ao vivo pela TV Tupi, o aprendizado era rápido e eficiente. Esta metodologia, que até hoje é a principal responsável pelo sucesso do Yázigi, despertou o interesse de todas as pessoas que viviam no Brasil e queriam, através do inglês, entender melhor tudo aquilo que acontecia no mundo. As escolas se espalharam por todo o país. No final da década o Yázigi já havia formado algumas centenas de jovens que entenderiam muito melhor tudo o que iria acontecer nos anos 60.

**PARA ENTENDER MELHOR TUDO O QUE VAI ACONTECER NA DÉCADA DE 90,
ESTUDE NO YÁZIGI.**

Fonte: Veja. Ano 23, nº. 6. São Paulo, Ed. Abril, 14/02/1990:41.